

duas escolas e seus emulos, das quaes uma refuta e a outra, demonstra as vantagens da educação. julgamos que a conclusão tirada torna bem patente o valor do mestre escola na formação educacional dos povos, visto ser elle o agente primordial na phase propria á preparação da indole dos factores componentes da sociedade futura.

São essas as conclusões a que nos referimos:

«Provada, assim, a possibilidade da formação de caracteres, de indoles, por meio da educação, vê-se quanto de grandioso e de sublime mesmo, è o valor do mestre escola na formação educacional dos povos.

Barth, a quem viemos sempre seguindo, doutrina: «A educação è a propagação espiritual da sociedade», mas, para tal se conseguir, è necessario que o mestre escola esteja na altura de sua nobre missão. A sociedade Spartana não se propagou pelo facto dos meninos em Sparta terem nascido, mas porque estes meninos foram educados segundo o espirito e a conducta de seus predecessores.

Tudo depende, portanto, do preparo, da intelligencia, do espirito e da conducta do mestre escola.

Já Erasmo affirmava: «A natureza ao dar-te um filho, não te dà outra cousa senão uma massa tosca. De ti depende dar melhor forma a essa materia flexivel e maleavel. Si a abandonas produces uma besta; mas se fores cuidadoso, produzirás por assim dizer, um deus».

Não ha um mês que esse apostolo da sciencia e do bem o grande brasileiro Professor Miguel Couto, em uma Conferencia brilhante e erudita feita na Associação Brasileira de Educação, affirmou activa e patrioticamente que: «No Brasil só ha um problema nacional — A educação do povo. «Narrou como ha pouco menos de 50 annos o povo japonês em pleno regimen feudal, sob o governo nominativo de um mikado, mas realmente subdividido desde a usurpação shogunal do XII seculo, em castas e seitas dos damyos, dos sunarais, dos clans, dos Kuges, em continuas e ferozes luctas de hegemonia e de esterminio» se transformou no que hoje é, um dos povos mais cultos do Universo, uma das mais poderosas nações do mundo pelo milagre unico da disseminação do ensino, da propagação da educação. Matusahito publicando em seu primeiro manifesto a phrase: «Cultivae as sciencias e as artes para desenvolver as vossas faculdades e aperfeicoar os vossos dotes moraes», aconselhava e indicava a seu povo o caminho da felicidade.

E, indaga Miguel Couto « Ora, se com o successo feliz que assombrou o mundo, o Japão imitou a Alemanha, exemplario das virtudes da cultura em todos os departamentos do saber humano, porque não seguirmos nós o modelo do grande Imperio do Sol Levante? »

« Pelo milagre da cultura do povo, só e só « deve-se, diz ainda o insigne professor, o soerguimento da nação Japoneza.

Entre nós penso que, com honrosas excepções, para obtermos os resultados beneficos que advem do milagre da educação do povo, deve-se antes de tudo, multiplicar escolas em todo o territorio Nacional, onde se formem, se eduquem, se aparelhem mestres escolas aptos para formarem a nossa sociedade de amanhã, podendo assim elles, em verdade possuir o valor que lhes faz mister, para dirigirem a formação educacional dos povos. »

Sala das sessões, 5 de agosto de 1927. — Ass. — *Irmã Bernwarda* — Relatora; *Hercilio Zimmermann* — Secretario; — *Mario Garcia* — Presidente.

NOTA — Este parecer foi approved sem debates.

## THESE N.º 6

### O ensino de portugûes nos Grupos e nas Escolas Complementares. Esbôço de um programma.

«Na lingua reside a nacionalidade.»

*Eça de Queiros.*

«Sim, recebe-o, guarda-o  
Generoso Amazonas, o legado  
De honra, de fama e brio: não se acabe  
A lingua, o nome portugûes na terra.»

*Almeida Garrett.*

Professora de portugûes da Escola Complementar anexa ao Grupo Escolar Lauro Müller e do Instituto Commercial de Florianopolis, tenho sentido o desamor que se vota ao ensino da lingua materna.

Extingui-lo eu quisera, e dos seus escombros fazer surgir o desejo de conhecê-la, o orgulho de sabê-la manejar na

penna e na palavra — como um genuíno attestado de patriotismo e de cultura.

Por isso, concomitantemente, hei observado os programmas que orientam o ensino da lingua e, particularizando as minhas observações, estudado o do Grupo e o da Escola Complementar. E' que, muita vez, da má orientação que se dá ao ensino desde os primeiros annos escolares do educando, dos programmas congestionados e sem encadeamento—surge o seu desgosto em estudar matéria tão árida, como seja o portuguez, e vae perdendo o enthusiasmo, a curiosidade de desvendar-lhe os encantos, as multiplas surpresas, e, direi mesmo, de sentir-lhe, maravilhado e orgulhoso, —e eu lembro o aforisma de Affonso Lopes Vieira—a extensão inalcançavel.

Recebendo, todos os annos, novas turmas de alumnos diplomados pelos Grupos Escolares, não lhes verifiquei ainda o preparo que devo exigir dos primeirannistas da Complementar, ao iniciarem o curso. Estudando e observando, concluí que ha flagrante falta de concatenação entre o programma do 4º anno preliminar e o 1º complementar.

Para confronto, ei-los na integra:

#### 4º. Anno

##### A — Leitura e linguagem oral

- 1 — Leitura corrente e expressiva.
- 2 — Estudo completo da significação das palavras da lição; sentido real e figurado; synonymos, antonymos, homonymos; palavras de significação análoga.
- 3 — Reducção de verso a prosa.
- 4 — Estudo dos signaes de pontuação para os efeitos da leitura.
- 5 — Exercícios de declamação.

##### Grammatica

- 1 — Estudo elementar completo das categorias grammaticaes.
- 2 — Divisão do periodo em orações. Noções summarias sobre a classificação das orações.
- 3 — Conhecimento elementar completo do sujeito, predicado e complementos.
- 4 — Applicação dos conhecimentos da analyse syntá-

ctica no ensino elementar da concordância, regência e collocação.

- 5 — Estudo elementar da pontuação.

##### C — Linguagem escripta

- 1 — Dictados.
- 2 — Exercícios de analyse grammatical e logica.
- 3 — Exercício de correcção de sentenças e palavras erradas.
- 4 — Reprodução de assumptos desenvolvidos pelo professor.
- 5 — Reprodução de assumptos de outras aulas.
- 6 — Redacção de cartas e officios, requerimentos, recibos e procurações.
- 7 — Reducção de verso a prosa.

#### 1º Anno

##### (Doutrina)

Palavra — Syllaba — Monosyllabo, disyllabo, trisyllabo, polysyllabo.

Letra e phonema.

Vogaes e consoantes. Vogal oral, nasal.

Distinctivos da vogal. Consoante, seus distinctivos.

Grupos vocálicos, Ditongos, tritongos, semiditongos, monotongos, hiatos.

Grupos consonantae. Letras dobradas, digrammas.

Sons proprios e accidental do s; sons do x; sons brando e forte do r, do g e do c.

Consoantes sonoras e insonoras.

Accento tonico, accents gráphicos. Syllaba tónica átona. Oxytonas paroxytonas, proparoxytonas. Regra pratica do agudo e do circumflexo. Synthese da materia exposta: phonologia, suas divisões (phonética, prosódia, — orthographia.)

Conhecimento os substantivo, adjectivo, pronome e verbo.

Flexões do substantivo, adjectivo e pronome.

Divisão do substantivo: appellativo, proprio, simples, composto e collectivo.

Divisão do adjectivo: qualificativo, determinativo.

Subdivisão do adjectivo: restrictivo, explicativo; demons-

trativo, conjunctivo, interrogativo, possessivo, quantitativo, indefinido, articular.

Divisão do pronome: pessoal, adjectivo.

Subdivisão do pronome: recto, obliquo, demonstrativo, conjunctivo, interrogativo, indefinido, etc.

Ligeiro conhecimento do sujeito e do predicado.

Verbo: conjugação, themas e flexões verbaes, modos finitos, infinitos; tempos primitivos, tempos derivados, tempos simples, tempos compostos.

Divisão e minucioso estudo dos verbos quanto á conjugação: regulares, irregulares, auxiliares, defectivos (pessoaes, impessoaes, unipessoaes).

Divisão dos verbos quanto o sujeito: activos, passivos, reflexivos (pronominaes, accidentaes, essenciaes, reciprocos) e neutros.

Divisão dos verbos quanto á significação: augmentativos, diminutivos, imitativos e frequentativos.

Synthese da matéria exposta: taxionomia, flexionismo, categorias flexivas.

Prefixos.

Suffixos dos diminutivos, dos augmentativos, do plural, dos participios, thema dos diminutivos, dos superlativos, dos pluraes, etc.

Vocabulos primitivos e vocabulos derivados; compostos por juxtaposição, por prefixação, por agglutinação; derivados próprios e derivados improprios.

Synthese da materia exposta: morphologia.

Emprego da maiúscula. Regra pratica para a formação do plural dos diminutivos. Ensaio sobre o plural dos nomes de tónica fechada.

Divisão da grammática: lexiologia e syntaxe: Subdivisão da lexiologia; phonologia, morphologia, taxionomia.

Linguagem: fallada, escripta, mimica.

Lingua: viva, morta, extincta.

## Pratica

Leitura expressiva e explicação, pelos alumnos, de um trecho lido; synonymia dos termos occorrentes; dictados.

Exposições e descrições faceis.

Analyse lexiologica das categorias variaveis.

Ficou provado que o alumno que cursa o 4º anno do Grupo deve sair com o conhecimento de analyse léxica e ló-

gica, syntaxe de concordância, regência e collocação, elementos de pontuação, redacção desenvolvida e leitura corrente. Ora, como em 50 % dos novos alumnos matriculados todos os annos no 1º anno Complementar, noto entre outras deficiências:

a ) leitura má.

b ) orthographia indesejavel.

c ) redacção difficultosa.

d ) confusão entre as mais faceis categorias grammaticaes, chego a ilação de que o programma dos Grupos deve soffrer subtracções na parte grammatical, para mais suavemente ficar ligado ao do curso que se lhe segue. Só na parte grammatical ? Sim, pois a linguagem oral e a linguagem escripta carecem mesmo do desenvolvimento que o programma exige e o professor, livre da obrigação de encher o espirito do alumno de um excesso de doutrina, verá, com prazer, sobrar-lhe o tempo para, mais amplamente, mais efficientemente, cuidar da leitura e da escripta. Os resultados ? Os conhecimentos grammaticaes serão mais sólidos, a redacção e a leitura mais bem desenvolvidas, mais claras, mais seguras.

Reflectindo da forma que acabo de expôr, tive o arrôjo de traçar o esbôço de um programma de português para as varias classes do Grupo, deixando, porém, inalteradas as partes atinentes a linguagem oral e á linguagem escripta, por achá-las imprescindiveis, perfeitas e viaveis.

Ei-los:

### 1.º Anno

Com autoridade, será discutida, por vários educadores, a these que versa sobre o método analytico na leitura, de que sou apologista, e, por isso, em silêncio, aguardo a palavra illustre dos meus collegas.

### 2.º Anno.

Noção clara e prática de phrase, palavra e syllaba.

Vários grupos de palavras:

a) monosyllabas, disyllabas, trisyllabas e polysyllabas (quanto ao numero de syllabas.)

b) oxytonas, paroxytonas e proparoxytonas (quanto á accentuação tónica).

c) synonymas antonymas paronymas e homonymas (quanto á fôrma e á idéa).

Relação das categorias grammaticaes variaveis e invariaveis.

Conhecimento pratico do substantivo e do adjectivo. Estudo das flexões. Formação do feminino e do plural. Exercícios sobre o grau dos substantivos e dos adjectivos qualificativos.

Regra geral da concordancia do adjectivo com o substantivo.

### 3º Anno

Revisão do programma do anno anterior.

Noções mais desenvolvidas sôbre o substantivo e o adjectivo.

Conhecimento do pronome e do verbo e das suas variações. Exercícios sobre as flexões das quatro categorias flexivas, confrontando-as e estudando-lhes as analogias e diversidades.

Noções de periodo e oração. Conhecimento do sujeito, predicado e complemento. Regra geral da concordância do verbo com o sujeito.

Conjugação dos verbos auxiliares, regulares, irregulares. Estudo dos verbos defectivos. Verbos quanto ao sujeito e quanto ao complemento.

### 4º. anno

Revisão dos programmas anteriores. Estudo mais desenvolvimento do substantivo, adjectivo, pronome e verbo. Advérbio. Conhecimento práctico baseado na ligação que esta categoria tiver com o adjectivo, verbo ou outro advérbio. Divisão do advérbio quanto á forma e significação.

Preposição. Conhecimento pratico das preposições, isto é, indicação das duas palavras por ellas ligadas e da especie de relação por ellas estabelecidas.

Conjunção. Conjunções coordenativas e subordinativas. Orações ligadas por coordenação e por subordinação.

Interjeição. Acompanham o actual programma do segundo anno as seguintes notas: a) Nos meios onde a maioria dos alumnos não conhecer correntemente o vernáculo, antes da leitura, o professor poderá dar uma explicação do assumpto que vai ser lido.

b) Nestas noções de grammática deve o professor abster-se de definições e regras. Deve empregar, quanto possível, o método socrático, pois os alumnos, em geral, já fa-

lam com alguma correção, isto é, conhecem praticamente muitas regras grammaticaes. E' preciso que o professor, desse conhecimento empírico do alumno, vá fazendo, sem violência germinar os factos da linguagem que estiverem ao alcance da intelligencia infantil. Estou perfeitamente de accordo com ambas e quanto ao conselho exarado na primeira, direi mais: será utilissimo que o professor, em qualquer meio, em todas as classes do grupo, faça uma rapida e accessivel explicação antes de os alumnos começarem de fazer, nos seus cadernos, as cartas, as descrições, as composições.

Quando eu era alumna do grupo, usada era então a excellente serie de cadernos para linguagem, com estampas, de autoria do laborioso e illustre professor Arnaldo Barreto. As gravuras correspondiam á situação intellectual dos alumnos e iam apresentando difficuldades á medida que estes se robusteciam mentalmente. Penso que seria de óptimo effeito a repetição do seu uso. Falo por experiencia própria: é a professora que se lembra de como a alumna que já foi, amava as lindas e ensinadoras figurinhas que devia descrever.

### Quanto ao modo de correção dos trabalhos escriptos

Acho que o professor não pode nem deve restringir-se á correção individual sem commentarios. Parece-me a mim plausivel que, feita a correção de todos os trabalhos, deve o professor fazer a critica dos mesmos em plena aula, visando o aproveitamento colectivo (sem declarar nomes, está claro, a fim de não ferir susceptibilidades.)

Tomará, por exemplo, um caderno qualquer. O professor percebe o seguinte erro de concordância. *E os bons meninos obedecer a seus paes.* Mandará escrever a phrase errada no quadro negro e provocará a sua correção. Acho tão digno da attenção do professorado, tão importante o problema da correção dos trabalhos escriptos, que me daria por muito satisfeita se merecesse elle uma troca de idéas, para proveito mais completo e animador.

O programma do 3º. anno faz-se acompanhar da seguinte nota:

As lições devem ser acompanhadas de abundantes exercicios, para os quaes se servirão de trechos do livro de leitura.

Para todos os annos do curso do Grupo e da escola Complementar, porem, ella deve valer.

Theoria sem prática, regra sem exemplo, lição sem ser exercitada—tudo é insignificante, desvalioso e incompleto.

Proponho tambem que se mantenha a nota que acompanha a parte B (grammática) do programma do 4º anno:

Neste anno, é adoptado compêndio. Assim como a criança ao entrar para a escola, se procura dar aos métodos do ensino um cunho todo familiar, para estabelecer a transição entre o aprendizado suave e espontâneo do lar e as lições systematizadas das escolas, assim tambem é preciso estabelecer a ligação entre a escola e a vida prática, entre o aprendizado com o professor e o aprendizado com o esforço individual.

E' preciso que já na escola o alumno aprenda a aprender pelo livro.

O compêndio é o traço de união entre a escola e a vida prática. O compêndio servirá ao alumno para recordação e aprofundamento da matéria estudada, e para o exercitar no estudo por meio do livro.

Note-se, porém, que ao professor é vedado mandar o alumno decorar páginas do compêndio. Delle devem ser aprendidas de cór somente as definições mais importantes. Nem o professor deve usar do compêndio sem prévia explicação do ponto e sem que os alumnos tenham summariamente apprendido a materia.

Devendo o compêndio ser um guia do alumno depois que este já não contar com a ajuda do professor, cumpre que esteja sempre á mão, para que, em frequentes consultas, fique patente como por meio do livro, podem resolver-se os varios casos occorrentes.

Deve fazer-se com o compendio o mesmo que se faz com o dictionário, com cujo manejo devem tambem os alumnos habituar-se.

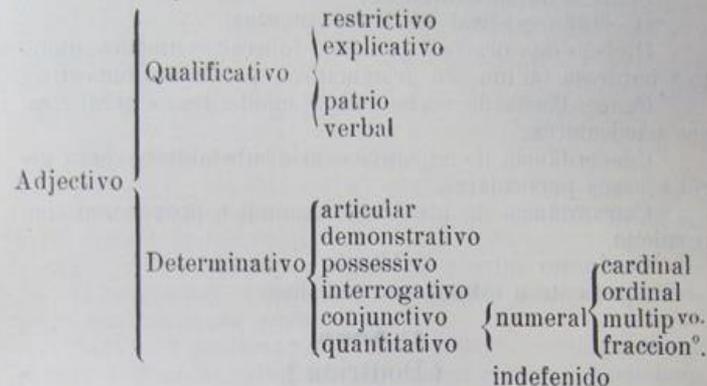
De facto, será bom que o alumno do 4º anno já se acostume a manusear o compêndio e o dictionário.

Esta nota existe desde 1920 e, no entanto, outro dia ainda me suprehenderam algumas complementaristas com a declaração de que não sabiam usar do léxico!

O uso da grammatica é importante, para o alumno que attinge o ultimo anno do curso primário — mas só exclusivamente para consulta. Como se deve então ministrar o en-

sinamento grammatical? Dictando pontos ao alumno para que sejam, ás mais das vezes, unicamente decorados?

Eu apóio, o ensino e prégio o methodo dos quadros synopticos. Elles são como que alma, a essência, o centro da lição. As explicações lhes geram em tórno. Um exemplo: a divisão do adjectivo.



Depois de as definições serem claramente explicadas, virá a exemplificação abundante. E' bom o professor tenha sempre presente o seguinte principio: «O caminho longo pela regra é breve e efficaz pelo exemplo.» E, finalmente, tanto para o discipulo do Grupo, como para o da Escola Complementar, as lições serão exercitadas e assimiladas nas páginas do próprio livro de leitura—a linguagem viva, cujos factos a grammática acabou de expôr.

Parece-me a mim tambem que o programma do 1º anno e do 2º anno do curso complementar precisa de que se lhe façam algumas alterações. O do 1º anno, já o citei, para o confrontar com o do ultimo anno do Grupo, e cito agora, excluido da sua pratica, que é boa, o do 2.º anno.

( Doutrina )

- Sujeito, predicado, complemento.
- Periodo simples e periodo composto (conhecimento pratico).
- Preposição, conjunção e advérbio.

Estudo comparativo de suas funções.  
Conjunções coordenativas e conjunções subordinativas.  
Divisão dos verbos quanto ao complemento.  
Coordenação e subordinação  
Oração principal e orações secundarias.  
Signaes de subordinação.  
O estudo especial dos complementos.  
Divisão das orações quanto á função syntactica, quanto a natureza ou função grammatical, quanto ao connectivo.  
Concordância do verbo com o sujeito: regra geral e casos particulares.  
Concordância do adjectivo com o substantivo: regra geral e casos particulares.  
Concordância do predicado nominal e pronominal com o sujeito.  
Confronto entre a lexiologia e syntaxe.  
Apresento o esboço que trabalhei:

### 1.º Anno

#### ( Doutrina )

Grammática. Definição e divisão. Linguagem e lingua. Palavra e phrase. Phonética. Letra e phonema. Vogaes e consoantes, seus distinctivos. Grupos vocálicos e grupos consonantae. Letras dobradas, digrammas. Consoantês sonoras e insonoras. Sons proprio e accidental do s; sons do x; sons brando e forte do r, do g, e do c.

Prósodia. Accentto tonico. Estudo da syllaba. Vocabulos quanto ao numero de syllabas e accentuação tónica. Principaes figuras de metaplasma. Orthographia. Accentos gráphicos. Ensinaimentos práticos das principaes regras orthográphicas. Emprego dos accentos agudo e circumflexo. Emprego da maiúscula.

Taxeonomia. Conhecimento amplo das categorias grammaticae, flexivas e inflexivas.

Outras categorias de palavras.

#### ( Pratica )

Descripções e cartas. Ligeiros exercicios de analyse syntactica.

Analyse phonologica e lexica. Ditados. Leitura, larga synonymia, reproducção oral e escripta das lições da Selecta.

Reducção de verso a prosa.

### 2.º Anno

#### ( Doutrina )

Etymologia. Prefixo. Suffixos dos diminutivos, dos augmentativos, do plural, dos participios. Thema. Vocábulos primitivos e vocábulos derivados; compostos por prefixação, por juxtaposição, por agglutinação; derivados próprios e derivados improprios.

Syntaxe.

Periodo simples, periodo composto, periodo complexo.

Orações principaes, orações secundarias.

Coordenação e subordinação.

Termos da oração: sujeito, predicado e complemento.

Divisão das orações quanto á especie, quanto aos membros, quanto ás funções lexica e syntactica, quanto ao connectivo.

Concordância, regencia e collocação (excepto á collocação dos pronomes obliquos).

NOTA—Para tornar mais interessante, divertida e transparente a analyse syntáctica (em verso e prosa), seria bom que o professor combinasse com o methodo geralmente usado o methodo por diagramma, divulgado no Brasil pelo professor Othoniel Motta.

Penso, sem vaidade, que dará excellentes resultados a fiel execução dos programmas que traçei: visam a suave transição do curso primário para o complementar, relativamente ao conhecimento do vernáculo.

Cumpre que se dê o maior desenvolvimento á parte de redacção, de sorte que, ao penetrar o alumno os humbraes da Escola Normal (e é ahí, a meu ver, depois de solidificado em seu espirito o amor ao idioma e, principalmente mais tarde, no estudo de gabinete, se lhe sobrar tempo e gôsto, que elle deve defrontar as difficuldades grammaticae) esteja em condições de redigir linhas correctas e ame a sã e pura vernaculidade.

Necessário, pois, se torna que se supprimam as fontes que deturpam o interêsse pelo estudo da lingua, desvalorizando-a a muitos olhos. Sim, pois certos professores das demais disciplinas não dão importância aos erros cometidos contra a boa linguagem nas sabbatinas e nos exames e muitos livros didácticos estão eivados de incorrecções e deslizes grammaticae.

Glória, pois, e sempre, ao «rude e doloroso idioma» e podemos cantar com o «mago da palavra de ouro».

«Em que da voz materna ouvi; «meu filho!»  
E em que Camões chorou, no exílio amargo,  
O genio sem ventura e o amor sem brilho.»

These apresentada pela professora Maura de Senna Pereira.

Florianopolis, julho de 1927.

### PARECER N.º 17

A Comissão conscienciosamente, fez o estudo do trabalho intitulado « O Ensino de Português nos grupos e nas Escolas Complementares — Esboço de um programma » — e da autoria da prof. Maura de Senna Pereira, que o apresentou à Conferencia E. de E. Synthetizando as impressões e observações, a Comissão conclue que:

a) O titulo da these corresponde exactamente á explanação e desenvolvimento dado á mesma;

b) introdução e exposição de motivos, além de revelar o plano pedagogio da expositora, mostra que ella maneja a lingua com explicita facilidade, não sendo daquella casta de grammaticos que « sò escrevem com penna de chumbo em papel borrador »;

c) razão assiste, e muitissima, á proponente da these, quando accusa o programma de Português, em vigor nos grupos escolares, de theorico em excesso e grammaticalista sobre — posse, visto como a parte pratica da materia, os exercicios frequentes de linguagem, as correções de fala e escripta, deveriam ser ali os preferidos e de maior relevô, dando-se aos pequeninos aprendizes do idioma antes a parte dinamica do que a parte estatica, ou, por outros termos, ministrando-se-lhes mais os factos do que as regras e theorias da materia;

d) outro tanto se verifica do programma das Escolas Complementares, onde a autora da these propõe maior desenvolvimento ao capitulo das redacções, «de sorte que, ao penetrar o alumno os humbraes da Escola Normal, esteja em condições de redigir linhas correctas», e não de a impressão de que mais não conhece além do seu mau dialecto familiar;

e) sem embargo dos solidos conhecimentos da apre-

sentante da these, deve ser repellido o processo, por digramma, da analyse syntactica, por ter elle o inconveniente de oferecer duas difficuldades ao alumno: uma — a da analyse; outra — a de traçar o digramma, que se torna complicado quando se trata de periodos extensos, facto esse que o professor Othoniel Motta, vulgarizador no Brasil, de tal methodo, deixa patente, embora sem o querer, aos olhos de quem examinar o seu livro «Lições de Português»;

f) reconhecendo, sem favor, as vantagens dos esboços de programmas, propostos para substituirem os actuaes dos Grupos e Escolas Complementares, deve ainda ser cortada, nos ditos esboços, a parte referente ao 4.º anno dos Grupos, e que trata de Conjuncções coordenativas e subordinativas, orações ligadas por coordenação e subordinação, por esse ponto de estreita ligação com a provincia syntactica da Regencia, inacessivel ao espirito menos preparado dos discentes dos Grupos Escolares;

g) pelos mesmos motivos da letra precedente, seria util eliminar, ibidem, o estudo da preposição;

h) os altos dotes espirituaes da illustre proponente impressionaram os encarregados de dar parecer sobre a these n. 6, os quaes protestam a sua admiração pelo brilhante trabalho que a mesma these encerra.

Florianopolis, 6 de agosto de 1927.

Ass. — *Raja Gabaglia*. — *Barreiros Filho*. — *P. F. X. Zartmann*. — *Marcilio Dias de Santiago*.

NOTA — Este parecer foi approvedo sem debates.

### THESE N.º 46

Excellentissimos Senhores Presidente e mais dignos Membros da Conferencia Estadual de Ensino Primario.

FLORIANOPOLIS.

Por pouco tempo, muito pouco, tomarei a preciosa attenção dessa illustre Conferencia: O meu precario estado de saúde, consoante prescripções medicas, não me permite trabalhar. Esta memoria já é um grande esforço.

Ademais, tratando com essa Conferência, composta, na sua maioria, de dedicados e competentes technicos, será ocioso alongar-me em assumpto da natureza a que se refere este trabalho.

Basta como estou certo, a idéa, afim de que sua scintilla ellucide o meu pensamento perante vós, e, dahi, as vossas conclusões que receberei com honra e acatamento.

*Sexta these:* — «Em que deve consistir o ensino de trabalhos manuaes nas escolas primarias e complementares? Tem elle sido proficuo nas escolas do Estado e do Paiz? Ha possibilidade de torna-lo mais proficuo nas escolas do Estado, em particular, e no Paiz, em geral? De que fórma?»

Para tratar desta These, que se me afigura adstritca á 12.<sup>a</sup> «Como deve o Estado encarar o ensino profissional», usarei de louça estranha ao nosso paiz, porque demasiadamente parca é a baixella domestica.

O introito que vos acabo de fazer exige uma analyse retrospectiva do que observei e realizei no decurso de 37 annos de magisterio, na parte referente ao ensino de trabalhos manuaes.

### **Analyse Retrospectiva**

1890 — 1927

Desde que me vi, pela primeira vez, no salão das aulas de desenho e trabalhos manuaes da Escola Normal de São Paulo, tomei-me de indiscriptivel antipathia ao ensino de taes materias, ambas dirigidas e regidas, n'aquella epocha, por bachareis em direito.

Ainda hoje, decorridos 38 annos, me recordo do ensino de desenho e trabalhos manuaes, por mim recebido na Escola Normal de São Paulo. Aulas sem nenhum senso pratico, sem nenhuma finalidade immediata ao ensino primario—segundo preceitos que já, então, recebiamos no desdobramento de boas lições de pedagogia.

De 1887 a 1889, a frequencia da Escola Normal (e isto tem muito valor para provar o que desejo) era a mais selecta possivel, quanto á idoneidade de seus numerosos alumnos.

Sò no 1.<sup>o</sup> anno existiam 217 alumnos, dos quaes 104

homens e 113 senhoras, sendo eu o Benjamin da turma, com 16 annos.

Afim de o mais possivel resaltar este depoimento, esclarecendo as conclusões a que, de antemão, me proponho, cito os nomes de alguns collegas: João Lourenço Rodrigues, Oscar Thompson, José Feliciano de Oliveira, Ramon Rocca Dordal, Romão Puigari, Alfredo Bresser, todos muito além dos vinte annos, outros abeirando aos trinta e alguns já ultrapassando a média da vida.

Em 1890, ingressamos no magisterio. Poucos foram os que fizeram corrida, quasi todos fizeram carreira na grande cruzada que Abelardo Laurindo de Britto ergueu na terra de Anchieta.

João Lourenço Rodrigues, Oscar Thompson, José Feliciano, depois do curriculo regulamentar pelas etapas do ensino primario, galgaram esplendidas situações no magisterio.

Apresentada que está, a parte testemunhavel da prova que pretende fazer, peço licença para proseguir.

No entretanto, a pleiade de paladinos do Ensino publico de São Paulo muito pouco poude fazer de 1890 a 1906, em pról da orientação do ensino de desenho e trabalhos manuaes naquelle Estado!

Tal ensino, lá, como aqui, como no Brasil, em geral, não se enquadrou ás nossas necessidades de povo novo e emprehendedor; não se enquadrou á sua grande finalidade, quer nas escolas primarias, quer nos cursos complementares, como materias basicas do ensino profissional.

O porque do desastre, cuja prova procuro adduzir, de modo sui generis, talvez, mas de maneira franca e leal, dar-vos-ei adeante.

Antes de tudo, cabe-me provar o desastre, portanto, continuo.

Em 1906, Santa Catharina se lembrou de pedir a São Paulo um professor que viesse, em commissão, reorganizar o Collegio Municipal de Joinville. Pela Inspectoria Geral de Ensino e pela Directoria Geral da Instrução Publica do Estado de São Paulo foram apontados dois nomes, como os mais idoneos para desempenhar a importante commissão — Fernando Martins Bonilha, em 1.<sup>o</sup> lugar, que não acceitou e o meu, em 2.<sup>o</sup>

Era eu, então director, do grupo escolar Cardoso de Almeida, na cidade de Botucatu.

A nova caiu alviçareira na imprensa paulistana, cujos prêlos gemeram engenhosos à justa fama do ensino Paulista (jornaes de São Paulo, de 27 de setembro a fins de novembro de 1906).

Antes de minha partida para este Estado, consciente do meu encargo e desejoso de acertar, voltei á Escola Normal Secundaria, depois de dezaseis annos de ausencia (1890 a 1906). Frequentei, por alguns dias, as aulas de desenho e trabalhos daquelle saudosa Escola, onde me foram offerecidas abundantes e variadas collecções de desenhos e trabalhos manuaes, afim de transplanta-los para Joinville.

Exercicios froebelianos como alinhavos em cartões picotados, teceduras polychromicas de numerosos feitiços, dobraduras de formatos polyformes, cartonagem de objectos de uso domestico, como porta-cartões, porta-toalhas, porta-escovas; cestas, jardineiras, etc.; modelagem, em argila e gesso, de cubos, cones, cones truncados, pyramides, espheras, etc. Tudo purissima tautometria.

Elementos da mais alta efficiencia na trama, cada vez mais complexa, da economia nacional, o desenho e trabalhos manuaes continuavam a ser ministrados, em 1906, com escopo meramente educativo.

No Collegio Municipal de Joinville, que, ha vinte annos deixou nome na organização do ensino catharinense, procurei correlatar, no primeiro e segundo anno, o ensino de desenho com o de trabalhos manuaes, mas tudo debalde, por me faltar a technica do processo, embora tivesse a theoria do methodo.

Mas, não nos precipitemos.

Em novembro de 1910, para fins que todos vós conheceis, regresssei a este Estado.

Antes, porem, tal como em 1906, fui de novo á fonte principal da orientação do ensino do meu Estado, afim de observar si algo havia de novo relativamente ao ensino de desenho e trabalhos manuaes.

Pura perda de tempo, não augmentei o meu cabedal pedagogico, acerca de desenho e trabalhos manuaes, embora verificasse muita cousa util e nova, sobretudo acerca do ensino de linguagem.

Ao iniciar a minha segunda commissão, neste Estado tantos foram os trabalhos a assoberbar-me, que jamais me sobrou vagar para a especialização da didactica do desenho e trabalhos manuaes...

Não tive tempo, não era opportuno e me faltava a technica da proccussuação dos methodos a seguir.

Os meus labores relativos à reorganização do ensino de 1911 a 1918, muitos de vós os conheceis, por te-los acompanhado *in situ* e de *visu*.

Eles se acham expostos nas Mensagens e Relatorios de 1911 a 1918, sobretudo no de 1914, pag. 114 a 167.

Gizei e consegui realizar as bases geraes da remodelação do ensino estadual, que hoje sem lisonja e favor, é igual aos dos Estados mais adeantados na materia.

Campanhas derrotistas não empanarão a consciencia de juizes rectos sobretudo d' aquelles que se entregam aos mestres do ensino.

A remodelação do ensino publico catharinense é um factio axiomatico, como a luz meridiana do sol da nossa terra. Ella, alem do vosso valioso testemunho, tem, tambem, o testemunho de Governo e governados deste prospero e grande Estado.

A' vista do exposto, e devido á minha incapacidade, já confessada, não pude especializar o ensino de trabalho manuaes, com a finalidade que lhe é dada nos paizes adeantados da Europa e, sobretudo, na America do Norte.

No entanto, tal defeito, existe, tambem, conforme me referi, nas escolas de São Paulo, as quaes sabeis bem minhas conhecidas; existe nas escolas do Districto Federal, onde, por vezes, visitei diversas, algumas optimas sob o ponto de vista geral, como a Deodoro e Rodrigues Alves, mas cujo ensino de trabalhos manuaes é tal qual o de São Paulo e Santa Catharina, a saber: ampliado e com a finalidade domestica nas secções femininas, restricto e com méra funcção educativa, nas secções masculinas.

Quer nas escolas paulistas, quer nas cariocas, quer nas catharinenses a entrosagem dos trabalhos manuaes nos respectivos programmas é méramente educativa, decorrente do principio:

• Toda idéa, uma vez manifestada no espirito do

educando, tende a exteriorizar-se em acção». (L'Education démocratique. A Moulet).

De tal principio, surge a resultante, talvez, da ingresso, quasi automatica, incondicional, dos trabalhos manuaes nos programmas das escolas em geral.

Digo em geral, porque, tambem, nas escolas particulares dá-se o mesmo que se dá nas escolas publicas.

No entanto, continuando a minha delenda, affirmo:

«O ensino de trabalhos manuaes, aqui, como no Brasil em geral, não se enquadrou ainda, ás nossas necessidades de povo novo e emprehendedor; não enquadrou á sua grande finalidade, quer nas escolas primarias, quer nos cursos complementares, como materias basicas do ensino profissional (paginas 2 a 7). Do exposto, sem ambages de linguagem, resulta a minha negativa quanto á segunda interrogativa da 6.<sup>a</sup> these, com a seguinte restricção: SIM SOMENTE COMO DISCIPLINA EDUCATIVA, SEM APPLICAÇÃO POST ESCOLAR».

\* \* \*

Passo, agora, a responder á la. interrogativa da 6a. these, a saber "Em que deve consistir o ensino de trabalhos manuaes nas escolas primarias e complementares?"

Acerca desse quesito, vejo-me no dever de fazer uma exposição summarissima, do ensino de trabalhos manuaes nalguns paizes.

Comenius, no seculo XVII, traçou, pela primeira vez, um plano educativo popular—«ubi omnes omnia omnino doceantur»; Rousseau, no seculo XVIII, queria que o seu Emilio aprendesse um officio, mas já nos tempos heroicos da Grecia e Roma, Ulysses preparava o seu leito (com madeira de oliveira) e Cincinato conduzia charrúa. Perdoae-me a tirada, quiz com ella dizer que o assumpto, além de ser por demais vasto, é tambem excessivamente velho.

A necessidade do homem manusear é por assim dizer, innacta e só a vaidade e ignorancia o levaram, em dado momento historico, ao repudio dessa sua mais eminente fonte de força e virtudes.

Rousseau disse: «Vous vous fiez á l'ordre actuel de la société, sans songer que cet ordre est sujet á des revolutions inevitables et qu'il est impossible de prévoir ni de prévenir celle qui peut regarder vos enfants. Le grand devient petit, le riche devient pauvre, le monarque devient sujet; les coups du sort sont-ils si rares que vous puissiez compter d'en être

exempt? Nous approchons de l'état de crise et du siècle des revolutions. Qui peut vous répondre de ce que vous deviendrez alors?... De toutes les conditions, la plus indépendant de la fortune et des hommes est celle de l'artisan. L'artisan ne dépend que de son travail, il est libre... (L'Instruction Primaire. F. Buisson, 1915. Pagina 1.204).

Para provar que o ensino de trabalhos manuaes não corresponde, entre nós, á sua primordial finalidade, passo a expôr como elle é ministrado na America do Norte.

Ao usar de baixella extranha serei parcimonioso... Usemo-la, porque nos convém, pois, poupamos sacrificio de tempo e economia; usemo-la, examinando-a, entanto, «com olhos e lentes brasileiras».

Em nenhum paiz europeu, mesmo na Alemanha e Suissa, a theoria e pratica dos trabalhos manuaes tomaram desenvolvimento igual ao da America.

«La lois dans les vertus de ce mode d'enseignement est générale. Dans les «kindergarden» qui reçoivent les enfants âgés de trois ans á six ans, les travaux manuels interviennent comme des facteurs dans l'éducation; ces travaux pénètrent les programmes des écoles primaires et s'appliquent dans toutes les branches d'enseignement; ils s'étendent dans les écoles secondaires; pour trouver leur couronnement dans les collèges et universités techniques.» (Omer Buisse. Méthodes Americaines d'Éducation. Pagina 449).

O ensino de trabalhos manuaes entrou nas escolas americanas por dois caminhos diametralmente oppostos: Pelos jardins da infancia (systema froebeliano) e pelas escolas superiores, que adoptaram o systema Della Voss, de origem russa.

Dos jardins da infancia, systema froebeliano, elles passaram, em escala ascendente, para as escolas primarias, complementares e secundarias; das escolas technicas superiores, em escala descendente, systema Della-Voss, elles passaram para as escolas secundarias e primarias, lutando nestas com o systema *slav*, de origem suæca.

O systema froebeliano que ficou incompleto, devido

à morte prematura do seu autor, consiste em occupaões destinadas às crianças até seis annos, a saber:

—Sólidos—

1° — Variadissimas construcções com pedaços de madeira;

2° — Modelagem com argila;

3° — Cartonagem.

—Superfície—

1° — Corte, recorte, dobradura e collação com papel e papelão;

2° — Variadas armações ou construcções com taboinhas;

3° — Variadas construcções com applicação de couro.

—Linhas—

1° — Composição de diversas figuras, usando varinhas;

2° — Tecelagem de papel;

3° — Combinações polychromicas de tecelagem.

—Pontos—

4° — Picotar cartões;

5° — desenho, etc.

A engenhosidade dos americanos estendeu, como me referi, os exercicios de Froebel a todas as escolas primarias: primary grades e grammar grades.

Começaram os pedagogos daquelle grande paiz por estabelecer a mais estreita relação entre o desenho e os trabalhos manuaes.

Para dar uma ligeira finalidade do desenho e trabalho manuaes e da correlação entres elles existentes, nas escolas americanas, descreverei a organização de taes disciplinas nalgumas escolas daquelle invejavel republica.

### ESCOLAS DE NOVA YORK

Nas escolas Nova Yorkinas o desenho e trabalhos manuaes gravitam em torno de certas idéas fundamentaes, denominadas "centres d'intérêt".

Os assumptos «centres d'intérêt», são:

1° — a casa da familia, as occupaões dos habitantes do lugar, as occupaões domesticas;

2° — a vida do municipio: meios de transporte, occupaões dos habitantes, etc.

Os pequenos americanos começam os seus desenhos ou antes os seus trabalhos manuaes, segundo os annexos ns. 1 e 2.

Por elle vereis, que, antes de tudo, os americanos não pro-

curam fazer artistas, mas sobretudo despertar idéas e concretizar a imagem mental. Isto é que é transcendente e o principal.

Nenhum trabalho é iniciado sem que os professores, estabelecendo verdadeiras palestras com os alumnos, estejam conscientes de que elles comprehenderam os assumptos propostos; sem que os professores estejam conscientes de que despertaram a imaginação e o desejo de realização dos seus educandos.

A technica do desenho é variadissima, como os fins dos trabalhos manuaes.

Os alumnos desenhavam sempre à mão livre, ora nos quadros negros, ora nas lousas para depois, no 3° anno, utilizarem-se do papel.

Realizam esboços e desenhos das idéas suggeridas durante as palestras (centres d'intérêt), para depois concretiza los nos trabalhos manuaes.

### ESCOLAS DE NEWARK

Nas classes inferiores das escolas de Newark (1° ao 3° anno) os exercicios de desenho e de trabalhos manuaes caminham, tambem, com tal connexão que é impossivel, a separação dos mesmos.

Nas, no 3° anno preliminar, entram noções de calculos nos trabalhos, como sejam:

uma caixa de 1 cm. x 1x1, de 2x2x1;

uma casa de comprimento de 42 cm. por 30 cm. de largura, 20 cm. de altura, com portas 12 cm. janellas 6 cm.

Os alumnos constroem a casa e os respectivos moveis, depois de esboça-los em desenhos rapidos; tudo antecedido de exposições, questionarios e palestras entre os professores e alumnos, de forma a dar a estes a noção do que vão fazer.

Emfim, de modo geral, pode-se dizer que o ensino americano de trabalhos manuaes e desenho são correlatados, quotidianamente, e que os educacionistas consideram sem o menor valor as cópias de modelos de desenho, maximé nas classes elementares (1.º ao 4.º anno — primary grades, para crianças até 12 annos).

Nos annos superiores do curso primario (5.º, 6.º, 7.º e 8.º) frequentados per alumnos dos 12 aos 15 annos (escolas complementares, como as catharinenses) os programmas de desenho e trabalhos manuaes variam muito de forma e de fins.

## ESCOLAS DE MASSACHUSETTES

Nas «grammars grades» de Massachussettes, correspondentes ás escolas complementares catharinenses, aos exercicios de trabalhos manuaes das escolas de «primary grade» (grupos escolares) seguem-se os trabalhos suécos de *sloyd*.

### SLOYD

Nos exercicios de *sloyd*, digamos, em resumo, predomina, por assim dizer, o espirito tecnico, quer pela finalidade dos trabalhos, quer pelo variadissimo emprego de instrumentos.

Os educandos recebem madeiras adequadas e já algo preparadas, consoante aos fins dos trabalhos a que ellas forem destinadas, sendo que os trabalhos de *sloyd* feitos á faca ou canivete tomam o nome de Wittling.

Finalmente, o *sloyd* sua doutrina e seus principios são resumidos da seguinte forma, por Omer Buyse:

1º— os professores de *sloyd* devem ser homens de ensino e não artistas sómente;

2º.— o ensino deve ser progressivo, systematizado, com a excepção de certas explicações, em classe, por occasião da manufacturação de qualquer objecto;

3º.— os trabalhos devem ser de fórma a proporcionar o desenvolvimento physico dos educandos pelos seus movimentos livres e vigorosos;

4º.— os trabalhos deverão representar, unicamente, o esforço pessoal dos educandos;

5º.— a transição do trabalho mais facil ao mais difficil é indispensavel, devendo-se dar preferencia áquelles cujo uso puder ser comprehendido pelos alumnos;

6º.— os trabalhos de *sloyd* não atingirão, somente, os objectos que puderem ser realizados, com exactidão, pelo emprego de instrumentos, elles devem ser executados á mão livre, tendo em vista, sobretudo, *exercitar o sentido das formas, das proporções, pela vista e tacto* (grypho a ultima parte para chamar a attenção da analogia do *sloyd* com os trabalhos froebelianos, Mutessori e Decroly);

7º.— E' de capital importancia a exactidão no acabamento dos objectos, bem como o asseio dos mesmos.

Sendo de grande relevancia, a escolha dos modelos, apresento alguns nos annexos ns. 1 a 4, tirados do citado autor.

Depois de havermos passado um rapido olhar ás escolas americanas, vejamos o que se faz nos paizes do norte europeu, (Suecia, Noruega, Dinamarca e Filandia) cujas escolas mais se destacam em trabalhos manuaes.

Os mencionados paizes, é sabido, se acham em condições economicas assas diversas da America do Norte.

As grandes industrias, até ha pouco tempo, pode se dizer, não existiam.

O magnifico ferro suéco era exportado, em bruto, para a Inglaterra e Alemanha.

A industria naquelles paizes, por longos annos consistiu em trabalhos manuaes domesticos.

Cada habitante, digamos, fabricava os instrumentos de que necessitava: vehiculos, mobiliarios, utensilios usuaes da lavoura e industria.

A concorrência estrangeira, de natureza machinária, enfiltrou-se de tal forma naquelles paizes, que a industria domestica, manual, foi suffocada.

Tal situação preoccupou, seriamente, os patriotas tenazes dos povos do rio e norte europeu.

### SUECIA

Em 1877, por iniciativa de associações auxiliadas pelo Estado, foram creadas escolas de trabalhos manuaes em Upsala, Claestorp e Nåas. Este soffreu reforma radical em 1890, reforma que despertou a attenção do mundo pedagogico.

Da escola de Naas saíram, em poucos annos, cerca de 3.000 professores de trabalhos manuaes, de 32 nacionalidades, sendo: 2.300 suécos, 30 inglezes, 100 dinamarquezes, 60 americanos do norte, etc. (Otto Salomão, Escola de Naas, Buisson.)

Peço a esclarecida attenção dessa illustre Conferência para a forma por que foi realizado o plano da systematização dos trabalhos manuaes na Suecia, plano que, mutatis mutandis, foi o mesmo seguido pelos paizes scandinavos.

Começaram pela fundação de escolas technicas superiores, cujo fim foi a formação de professores de trabalhos manuaes e desenho.

Os professores nomeados para taes escolas tiveram a incumbencia da diffusão dos methodos e, sobretudo, da processologica das escolas primarias.

Os trabalhos de *sloyd* nas escolas suécas (*Slöjd, husflid*) constam de artefactos diversos sobre marcenaria: en-

talhes, esculturas, tonelaria; fer arias (forjas simples), rodas e molas de carros, carroças, enfim tudo que mais se aproxima das industrias de madeira e de ferro, materias primas abundantes na Suecia (Buisson).

Na Alemanha (segundo os dados adeante, fornecidos pelo professor Curt Boetner, director da Escola Nova, em Blumenau, e traduzidos pelo professor Adriano Mosimann, director do grupo escolar Luiz Delfino, da referida cidade) a Conferencia das Escolas Allemãs, realizada em 1920, resolveu o seguintes:

1º — A adopção obrigatoria do ensino profissional, em todas as escolas de determinada categoria.

2º — A creação, installação de officinas e organização de jardins escolares; aperfeiçoamento do professorado em trabalhos manuaes para lecciona-los nas escolas em geral.

A' vista do exposto, podemos afirmar, de modo geral, pondo de parte questiunculas sem importancia, que, quer na America do Norte, inclusive entre nós, do Amazonas ao Prata, quer nos paizes adeantados da Europa, as questões attinentes ao ensino de trabalhos manuaes nas escolas primarias crearam dois systemas: o systema economico e o systema pedagogico.

Aquelles que se batem pelo systema economico, querem que a escola primaria encaminhe o ensino de trabalhos manuaes de forma a dar aos seus educandos um officio ou profissão que lhes assegure um meio de vida.

Entendem que estas, organizadas segundo o seu systema, contribuirão para a formação mais efficaz da economia nacional.

A' corrente do systema economico filiam-se, geralmente, os educacionistas de gabinete, os letrados, e, tambem, alguns estadistas.

Os partidarios do systema pedagogico consideram o ensino de trabalhos manuaes nas escolas primarias, como meio educativo: da vista, dando aos educandos as noções de forma, dimensão, côr, comparação, etc.; das mãos, dando-lhes destreza; da democracia, pela especie de trabalho em si; da educação, em si, por despertar, com segurança, os habitos da attenção, da percepção e intuição.

Para os que assim pensam, a escola primaria tem, apenas função social e politica.

A' corrente deste systema se aferram, geralmente, os pedagogicos e educacionistas de profissão, os que mourejam ou mourejaram na gloriosa carreira do a, b, e do b-a-bá.

No entretanto, sem grande esforço as duas correntes podem e devem ser conciliadas, maximé nos paizes ou Estados onde o estagio das escolas primarias offerece graduação conveniente, como em Santa Catharina, que poderá seguir nessa materia o exemplo dos americanos, povo pratico por excellencia.

Contestada, sob o ponto de vista economico, a proficuidade do ensino de trabalhos manuaes nas escolas do paiz, em geral, paginas 2 a 7, e exposto o modo por que tal disciplina é ministrada nas escolas americanas e suécas, paginas 1 a 19, paizes em que tal ensino me parece modelar, passo a responder o 1º quesito da 6ª. these.

A meu ver, o plano da remodelação dos trabalhos manuaes nos grupos escolares (primary grades americanas), assim como nos cursos complementares (grammar grades) deverão satisfazer, em parte, ás justas aspirações do systema economico, sem fugir aos preceitos do systema pedagogico.

Assim pensando, opino para que o ensino de trabalhos manuaes nos grupos escolares conte:

1º — No 1º anno, 2º, 3º e 4º, quer para meninos, quer para meninas, de exercicios froebelianos, adoptados progressivamente, e processados segundo os methodos americanos.

2º — Nos 4ºs annos (meninos e meninas) inicio de exercicios de *sloyd* ou de Whittling.

3º — Na secção feminina, os programmas actuaes.

Nas escolas complementares:

1º — No primeiro anno, construcção de trabalhos pelo systema Whittling;

2º — Nos segundos e terceiros annos, trabalhos manuaes de Froebel e de *sloyd*, usando os instrumentos necessarios, em officinas que poderiam ser installadas nos proprios galpões dos grupos.

Os exercicios froebelianos e as suas regras adaptadas aos programmas dos grupos constam da pagina 5; as regras para os exercicios de *sloyd* constam das paginas 15 a 16,

sendo que estes, a meu ver, deverão ser iniciados pelos trabalhos de Whittling, por ser a forma mais facil e menos dispendiosa do *sloyd*, pagina 15.

A questão, no entanto, não é de arrazoar ou de arrazar programmas.

Os programmas de trabalhos manuaes das escolas do paiz, em geral, e do Estado, em particular, poderão ter os seus defeitos, cujo exame vos cabe, mas defeitos que, a meu ver, constituem méras rugas no conjuncto de planos de ensino.

O que necessitamos, penso eu, é atacar de frente, sem perda de um só momento, o modo de se formar professores primários que conheçam a technica, muito especial, dos trabalhos manuaes, como base da processiologia do ensino profissional, da educação nacional.

Excluo a conveniencia e a possibilidade do ensino de trabalhos manuaes nas escolas isoladas, devido aos motivos que, em 1924, expuz nas «Sugestões sobre a Diffusão do Ensino», a saber:

«O ensino de desenho nas escolas primarias ruraes, de reduzido estagio, sem o material necessario, em lugares onde esse material é de difficil aquisição — ensino sem finalidade immediata nessas zonas — repito, pareceu-me, tambem, uma inutilidade. Antes do mais, para que o desenho correspondesse ao seu fim, deveria elle ser dado segundo o methodo directo (*Liberty Trade*), ou conforme as conclusões do Segundo Congresso Internacional de Ensino de Desenho, em 1904, em Berne, no qual se fizeram representar: a Alemanha, Inglaterra, Austria, França, Belgica, Italia, Japão, Argentina, Russia, Estados Unidos, Hespanha, etc. Só faltou o Brasil.

Ora, tal methodo não pode ser ministrado por professores que o desconheçam, pois, desenhar, repito, não é emplastrar traços e cores sobre um pedaço de papel, mesmo a titulo de reproducção do natural. Nas escolas das zonas ruraes, onde, por decerto, o A, B, C do Agricultor prestará melhor serviço do que a copia servil de alguns traços de modelos que ainda por ahi correm pelas escolas publicas, a titulo de desenho, entendi conveniente substituir por noções de hygiene rural.

Passo, finalmente, a responder o 3º e ultimo quesito da 6ª these:

«Ha possibilidade de torna-lo mais proficuo no Estado, em particular, e no Paiz em geral? De que forma?»

Este quesito, penso eu, é a pedra angular do edificio; é a alavanca magica de Descartes, com a qual os poderes publicos do Estado, em particular, e do Paiz, em geral, poderão instituir seguros alicerces do ensino profissional.

A forma por que, a meu ver, o Estado poderá tornar mais proficuo o ensino de trabalhos manuaes, dando-lhe como convém, finalidade compativel com o systema economico (pagina 19) é contractar professores que se obriguem a introduzir, em derteminado tempo, na Escola Normal Catharinense e nas escolas complementares, a technica, (toda especial para ser productiva) da alludida disciplina.

Para isto vos offereço o seguinte projecto:

1º — As Escolas Normaes do Estado terão por principal fim a formação do professorado necessario ao ensino primario e a erecção das bases indispensaveis ao ensino profissional.

2º — O ensino normal será ministrado na Escola Normal Catharinense, externato para homens e mulheres, e no Collegio Coração de Jesus, internato para moças, equiparado á Escola Normal official.

3º — Aos alumnos que houverem concluido o curso do Gymnasio Catharinense, será expedido para todos effeitos, o diploma de normalista depois de concluida a pratica referente ao ensino profissional.

4º — As escolas Normaes terão os seguintes cursos: curso normal curso tecnico de desenho e trabalhos manuaes.

5º — O curso tecnico de desenho e trabalhos manuaes correrá paralelo ao curso normal e constará de dois annos obrigatorios para os alumnos do 2º e 3º anno do curso normal, para o que serão correatados os respectivos horarios.

6º — A orientação do curso tecnico de desenho e trabalhos manuaes caberá a profissional de reconhecida capacidade, contractado no paiz ou no estrangeiro, por quatro annos.

7º — O contracto poderá ser rescindido ou prorogado á juizo do Governador.

8º — O profissional contractado será auxiliado por dois normalistas, nomeados pelo Governo.

9º — Extincto o prazo do contracto, as attribuições e regalias do contractado serão conferidas ao auxiliar que mais se houver distinguido, sendo o segundo nomeado inspector tecnico nos Grupos e escolas complementares.

10º — Ao professor contractado caberá organizar o programma do curso profissional que será apresentado ao Director da Escola, ao qual será subordinado, afim de que este providencie sobre as medidas administrativas que se fizerem necessarias.

11º — Anualmente, poderá ser designado um professor de cada grupo escolar, sem prejuizo dos seus vencimentos e do ensino, afim de fazer o curso normal profissional.

12º — A matricula na Escola Normal só será permittida a complementaristas.

13º — O governo adaptará o actual prédio da Escola Normal Catharinense, afim de nelle funcionarem: o curso normal

o curso tecnico de desenho e trabalhos manuaes.

14º — O Governador poderá facultar a frequencia do curso tecnico aos professores normalistas em exercicio.

15º — Para a referida frequencia, o Estado pagará dois terços dos vencimentos do cargo que exercer o professor.

16º — Findo o curso, o professor que houver recebido auxilio, indemnizará o Estado da metade, em tantas quotas de um terço dos vencimentos quantas forem necessarias.

17º — O Executivo incumbirá o professor contractado de organizar o programma de desenho e trabalhos manuaes dos grupos escolares e escolas complementares, correlatando-os com o programma do curso tecnico de desenho e trabalhos da Escola Normal Catharinense.

Penso que, por tal forma, mutatis-mutandis, a União deverá realizar o projecto Fidelis dos Reis, focalizado, de novo, na Camara Federal, por José Bonifacio. Missões temos tido para o nosso Exercito, Marinha e Fazenda, tenhamos-las, tambem, afim de que se torne uma grande realidade o ensino profissional no Paiz, baseado na aprendizagem de trabalhos manuaes nas escolas primarias graduadas.

Como não temos technicos e improvisa-los, para tal fim, é perder tempo e dinheiro, contractemo-los.

Já o famoso vate lusitano o disse:

\* A disciplina militar prestante  
Não aprende, senhor, na phantasia,  
Sonhando, imaginando ou estudando  
Senão vendo, tratando e pelejando. \*

Elegantes e profundos versos que o utilitarismo americano resumiu na formula «To learn by doing», a que eu acrescento — fazendo certo.

A União, para encaminhar o ensino profissional sobre bases seguras, deverá segundo penso, estabelecê-lo sobre solidos alicerces

Tal alicerce seria, a meu ver a fundação de uma grande Escola Technica, seria precedido de um curso preparatorio, que entre outras disciplinas, ministrasse o ensino de desenho e trabalhos manuaes, de conformidade com os methodos americanos.

Quer o curso superior, quer o curso de preparatorios, seriam regidos por technicos de reconhecida competencia contratados em paizes cujo ensino profissional esteja mais em evidencia.

Foi o que fez São Paulo com a sua instrução publica, com a sua Escola Polytechnica e de Medicina; foi o que fez o Rio Grande do Sul, se não me engano, com a sua grande escola de Parobé.

O curso superior profissional seria organizado visando aproveitar industrialmente as principaes materias primas brasileiras, entre as quaes a madeira, a borracha, as variadas fibras texteis, couros e pelles, etc.; o curso preparatorio visaria o desenvolvimento integral dos methodos de Froebel, Montessori, Dacoly, Whittling e sloyd.

Os Estados enviariam, anualmente, segundo as suas forças e as circumstancias os seus normalistas mais distintos afim de frequentarem o curso preparatorio.

Desse modo, em poucos annos, o ensino de desenho e trabalhos manuaes, no paiz, aproximar-se-ia dos principios do systema economico (pagina 19) e actuaria como elemento indispensavel á educação economica brasileira.

Eis em traço muitos geraes, Srs. Membros da Confe-

rencia de Ensiao, o meu modo de pensar acêrca do assumpto sobre o qual gravita neste momento felizmente, a at-tenção dos nossos patriotas e estadistas, entre os quaes com a maior justiça, se destaca o eminente governador Exmo. Sr. Dr. Adolpho Konder; entre os quaes avulta o preclaro Presidente Sr. Dr. Washington Luis, a quem o ensino do meu estado, São Paulo, muito deve, maxime as suas escolas profissionaes,

A' vista do exposto concluo:

*Quanto ao 1º quesito:*

1º — Que o ensino de trabalhos manuaes deve ser excludido das escolas primarias ruraes.

2º — Que nos grupos escolares, do 1º ao 3º anno, os trabalhos manuaes devem consistir em exercicios froebelianos, adaptados, progressivamente e relacionados com o desenho, segundo methodos americanos.

3º — Que nos 4.ºs annos dos grupos escolares, a par da continuação dos exercicios de trabalhos dos annos anteriores, se adoptem os trabalhos de Whittling.

4º — Que nos cursos complementares se adoptem os trabalhos de *sloyd* em todo o seu desenvolvimento.

*Quanto ao 2º quesito:*

5º — Que o ensino de trabalhos manuaes, nas escolas do Estado, em particular, e do paiz em geral, só tem correspondido ao systema pedagogico, fugindo á finalidade do systema economico.

*Quanto ao 3º quesito:*

6º — Que o Estado pôde, com grande beneficio ao seu futuro economico, tornar inteiramente proficuo o ensino de trabalhos manuaes contractando especialista de reconhecida competencia para introduzil-os na Escola Normal Catharinense.

7º — Que a União, por igual forma, poderá fundar uma grande Escola Technica, precedida de curso preparatorio, versando este, entre outras materias, sobre desenho e trabalhos manuaes de Froebel, Montessori e Decroly para a frequencia dos normalistas estaduaes.

Fpolis, 3o — VI — 27.

Ass — Orestes Guimarães.

## PARECER N.º 18

A 2ª commissão complementar considerando o memorial apresentado pelo illustre professor sr. Orestes Guimarães sobre a 6ª these official — «Em que deve consistir o ensino de trabalhos manuaes nas escolas primarias e complementares? Tem elle sido proficuo nas escolas do Estado e do Paiz? Ha possibilidade de torna-lo mais proficuo no Estado, em particular e no País em geral? De que forma?»

O grande mestre condensou no seu memorial as observações feitas na parte referente ao ensino de trabalhos manuaes, no decurso de 37 annos de magisterio.

Trabalho valioso calcado na longa experiencia e na vasta competencia do seu autor, a commissão se sente pequenina para juizo, porem entusiasta para louvar tão completo estudo.

A commissão tem a honra de apresentar as seguintes conclusões, após a leitura do memorial em apreço:

I — O ensino de Trabalhos manuaes deve consistir:

a ) nos grupos escolares:

1.º anno, 2.º e 3.º — Exercicios froebelianos, adoptados progressivamente, e processados segundo os methodos americanos.

4.º anno — Inicio de exercicios de *sloyd* ou de Whittling.

b ) Nas escolas complementares:

1.º anno — Construcção de trabalhos pelo systema Whittling.

2.º e 3.º annos — Trabalhos manuaes de Froebel e de *sloyd*, usando os instrumentos necessarios, em officinas que poderiam ser installadas nos proprios galpões dos grupos.

II — O ensino de trabalhos manuaes não tem sido proficuo nas escolas do Estado e do Paiz; apenas tem sido apreciavel como disciplina educativa, sem applicação post-escolar.

III — Para que se torne mais proficuo, no Estado, o ensino de trabalhos manuaes, ha mister de se contractar professores que se obriguem a introduzir, em determinado tempo, na Escola Normal e nas escolas complementares, a technica da alludida disciplina.

No país, para que mais proveitoso se torne o ensino de trabalhos manuaes, ha necessidade da creação de uma grande Escola Technica, precedida de curso preparatorio, versando este, entre outras materias, sobre o desenho e trabalhos

manuaes, de conformidade com os methodos americanos, para a frequencia dos Normalistas estaduaes.

Sala das sessões, 6 de agosto de 1927.

Ass. — Presidente — *Beatriz de Sousa Brito*; — Secretario *Albano Monteiro Espinola*; — Relator — *Laercio Caldeira de Andrade*.

NOTA—Este parecer foi approved sem debates

## THESE N.º 8

### Geographia e Cartographia

Por João dos Santos Areão, Inspector Escolar

Deixando neste trabalho algumas opiniões sobre o ensino da geographia, tenho a satisfação de entrega-lo ao julgamento dos illustres membros deste Congresso Pedagógico.

Meu lemma — *o que se aprende bem, fica eterno: è como a riqueza que se obtem com o sacrificio.*

Tomando o encargo de manifestar-me neste Congresso sobre a these numero tres, isto è •Como se deve ministrar o ensino da geographia e cartographia nas escolas primarias e complementares? Qual a correlação entre essa e outra materia? Convem o ensino de cartographia nas escolas ruraes? De que forma? quero, baseado na pratica de alguns annos, apresentar algumas idéas a respeito da geographia, que è para mim de summa importancia, pois vamos com esse estudo, dar a conhecer aos alumnos o corpo da nossa Patria, emquanto que a historia completa essa disciplina, estudando a sua alma. Não tenho a pretensão de obter desta distincta assembléa a completa approvação das idéas aqui exaradas, não passando as minhas palavras de uma simples exposição sobre o ensino da geographia e cartographia tal qual executei no estabelecimento que acabo de dirigir. Respondendo ao primeiro tópico da questão suggerida pelos illustres organizadores deste Congresso Pedagógico, tenho a dizer que o ensino da geographia deve compor-se de quatro ou cinco phases, assim distribuidas;

1ª phase — explicação do ponto pelo professor;

2ª phase — arguição do ponto explicado;

3ª phase — exposição oral pelo alumno;

4ª phase — exposição escripta e

5ª phase — cartographia.

Disse, quatro ou cinco phases, porque nem sempre o professor terá occasião de aproveitar o ponto de geographia para linguagem escripta, pois dentre as materias ensinadas haverá algum ponto que mais se prestará a preencher essa disciplina. Passemos a descreminar cada uma dessas phases, mostrando a forma a seguir pelo professor.

Na 1ª phase, o professor terá o mappa em lugar bem visível e por elle irá explanando o ponto que tomou por these, tendo a preocupação de tornar attrahente o ensino de forma a conseguir que a attenção das creanças esteja somente na materia que explica. Por isso, è bom de vez em quando, a titulo de melhor exposição, riscar no quadro negro a parte que os alumnos não possam observar de seus lugares.

Em vista da organização do programma, cada phase destas passará de duas ou tres aula. Nas segunda phase o professor arguirá os seus alumnos, tendo o cuidado de fazer com que todos sejam arguidos.

As perguntas poderão seguir uma ordem, ou salteados, mandando em seguida o alumno mostrar a resposta no mappa que estará aberto na frente da classe.

Na 3ª. phase o professor, que anteriormente observou quaes eram os alumnos que menos sabiam o ponto explicado, manda-los-á fazer a exposição do ponto todo, primeiramente junto ao mappa e depois sem auxilio deste, em vista de não haver o mappa mudo que muito auxilia a aprendizagem da geographia.

A 4ª phase è, como já disse, facultativa pois, não havendo necessidade da exposição escripta do ponto para melhor ficar gravado na memoria do alumno, será dispensada pelo professor, que uma ou outra vez aproveitará a explicação para um thema da linguagem escripta.

Terá, por exemplo, occasião de, ensinadas as ilhas do Estado, rios, portos e bahias, cidades etc., mandar o alumno descrever uma viagem, applicando os conhecimentos que obtivera de um ou mais pontos de geographia. Finalmente temos a 5ª phase, na qual, ao lado dos conhecimentos theoreticos ganhos pelos alumnos, será applicada a parte pratica com o confeccionamento do mappa referente ao ponto ex-

postos. Para isso, o professor lançará mão do caderno de modelos que possuirá, passando-o para o quadro negro e dahi é que convem que as creanças copiem. Acho conveniente que o caderno de modelos só esteja em mão do professor, que se servirá delle como guia na formação do ponto, como tambem de auxiliar para a feitura no quadro do mappa-modelo para copia de toda a classe. Esta phase terá sempre de completar o ponto de Geographia, explanado pelo professor e não será necessario que no horario conste um periodo para cartographia.

Elle é parte integrante da geographia. Sem a pratica do mappa, o ponto dado não estará completo. O mappa não só desenvolve o gosto pelo estudo da geographia mas exercita a mão no desenho e grava na memoria da criança o aspecto geral da zona estudada. Observei muitas vezes (e infelizmente ainda hoje se pratica em muita das nossas escolas) o seguinte: o professor, com a cartographia, não tem a preocupação de fazer o estudo intelligente da geographia, mas de apresentar aos visitantes da exposição que se organiza em fim de anno, mappas grandes, pomposos, que nem sempre foram previamente estudados.

Nesse caso, o mappa nada mais é sinão um desenho, sem o fundo pedagogico que cada um necessita representar, e, quando toda a classe não é capaz de fazer uma reprodução que satisfaça aos circumstantes, então o professor emprega os seus dotes, preparando trabalhos que irão figurar com o nome de José de tal, Pedro ou Francisco, não passando tudo isso de um illusorio meio de impingir um falso ensino da geographia. E' muito simples essa observação.

A leveza da mão, o colorido, as letras, a limpeza do trabalho, varia de alumno para alumno e não é difficil encontrarem-se mappas que apresentam os mesmos aspectos embora em differentes trabalhos. Isso não só acontece com mappas, mas com trabalhos de agulhas, desenho e nos demais trabalhos manuaes. Tenho observado trabalhos de pinturas feitos por alumnos que não sabem ainda debuxar; tenho visto bordados em seda com o nome de alumnos que não são capazes de riscar um trabalho. Terá por ventura tudo isso, um cumho pedagogico? Não, porque desde o instante em que os alumnos deixem a escola não serão capaz de por si executarem trabalhos semelhantes. Na instrução não ha meios termos: o alumno sabe, ou não sabe. Deve

haver o auxilio do professor, e elle é necessario mesmo, mas de forma que fique patente que o alumno aprendeu.

E' para evitar que a cartographia seja feita somente no fim do anno como meio de ter o professor trabalhos bonitos para exposição, que se deve adoptar o seguinte: somente ficará completa a aprendizagem de um ponto de geographia, quando toda a classe tiver feito o mappa que representa a parte estudada. Para isso organizei uma serie de mappas, que, caso sejam tomados em consideração as suggestões que aqui deixo, poderá o Estado mandar ampliar e publicar em cadernos pequenos. Todos os professores deverão ter essa serie, com a obrigação do seu completo desenvolvimento. Assim, pois, encontrarão junto os seguintes mappas: limites, rios, montanhas, bahias e portos, ilhas, zonas, produções e municipios.

Poderia augmentar a serie, com o estudo sobre o Brasil, America, Europa, Asia e Africa, porem não quiz avançar tanto, temendo, que o meu esforço fosse baldado. Como porem o meu fim é mostrar como devemos encarar o ensino da geographia, ali fica a minha idéa. Passando á segunda parte desta these, isto é, si ha correlação entre a cartographia e a geographia, acho que ficou evidentemente demonstrado na primeira resposta, donde se conclue que sem a cartographia, o ensino da geographia é falho. A cartographia de por si não passa de uma copia ao passo que como complemento da geographia e um estudo. O ensino da geographia, é um estudo. O ensino da geographia, tal qual ficou demonstrado, deve fazer parte do programma das escolas ruraes, pois nessas escolas o ensino da geographia é obrigatorio. Sem os modelos referentes ao ensino que permitem aos professores provisorios a organização dos pontos necessarios a uma boa aprendizagem e sem o auxilio do mappa geral do Estado que infelizmente, uma boa parte das nossas escolas isoladas não possui, o ensino da geographia nessas escolas, raras excepções, não passa de noções muito elementares.

De que forma, pois, conseguiremos nas escolas isoladas um ensino perfeito dessa disciplina? Distribuindo o Estado os mappas imprescindiveis, incluindo no exame para professor provisorio a cartographia e mantendo uma fiscalização assidua por meio dos inspectores escolares.

Terminando o meu despretencioso trabalho acerca de tão util disciplina, ousou firmar a opinião de que seja refor-

mado o programma das Escolas Complementares de modo que venha a ser o ensino uma verdadeira sequencia do Grupo Escolar. Necessarios, portanto, se tornam: o confeccionamento de um caderno que abranja um bom numero de modelos para o ensino, a inclusão da cartographia no rol das disciplina para o exame de professores provisorios e uma rigorosa e continua fiscalização. Finalizo, agradecendo aos distintos membros deste Congresso Pedagógico a atenção que me prestaram, não podendo deixar de paten-tear tambem a minha admiração pelo amplo descortineo de vistas que possui o Exmo. Sr. Dr. Adolpho Konder, congre-gando neste ambiente, os elementos que embora represen-tem o maior factor da educação nacional, eram esquecidos com todos os seus sacrificios com todas as suas virtudes lá no recanto das mattas, nos povoados distantes, longe ás ve-zes de sua propria familia e cuja esperança unica é ensi-nar. Merece, pois um acatamento especial o professorado e bem haja aquelle que vem acorda-lo da sua lethargia.

Laguna — 1927. Ass.— *João dos Santos Areão* Inspector Escolar.

## PARECER N.º 19

A primeira commissão examinou, com a maior atenção a these n.º 8, de autoria do inspector escolar sr. João dos Santos Areão, versando sobre o ensino de geographia e car-tographia nas escolas estadaues.

Applauda a commissão as suggestões do autor, o qual encarece o cunho pratico que se deve emprestar sempre ao es-tudo da geographia, generalisando-o a todas as classes. Em boa hora, e partidario do uso dos taboleiros com areia ou massa plastica, de sorte a figurar os accidentes fundametaes do solo; seria da maior vantagem torna-lo obrigatorio no pri-meiro anno de estudo, familiarisando os alumnos com a cons-trucção dos diversos typos do relevo terrestre. Outra inter-essante suggestão e merecedora de acolhimento, é a do Es-tado tomar o encargo de organizar (a exemplo do que existe no estrangeiro e, entre nós, em S. Paulo) um caderno-typo, contendo todo o programma de geographia das escolas primarias em mappas que seviriam para os exercicios carto-graphicos e tambem de guia ao ensino. Pode-se-ia construir para cada continente, para o Brasil e para S. Catharina, em particular, folhas referentes ao relevo, ao litoral, á hydrogra-

phia, ás fronteiras, ás regiões naturaes, aos recursos econo-micos e ás divisões administrativas.

Sala das sessões, 6 de agosto de 1927.

Ass. — *Raja Gabaglia*.—*Marcilio Dias Santiago*.—*P. E. Xavier Zartmann*.—*Barreiros Filho*.

NOTA— Este parecer foi approvedo sem debates

## THESE N.º 40

### Assistencia Dentaria Escolar

Ary Bittencourt Machado, Cirurgião Dentista

E' preciso dar ás criancinhas o «com que comer,» dar-lhes os dentes, dar-lhes ou preserva-los da perda ou ruina certa, cuidando-os, melhorando-os pelo exame, pela asepcia prévia. Florianopolis, 30 de julho de 1927.

#### ASSISTENCIA DENTARIA ESCOLAR

Florianopolis mais do que qualquer capital de outro Esta-do do Brasil, necessita de uma «Assistencia Dentaria Escolar».

Escrevendo esta these com dados precisos do grande flagello de Florianopolis, que é a carie dentaria, citarei diver-sos casos, factores precipuos deste grande mal.

Examinando com os meus collegas cirurgiões dentistas Achilles Santos, Cassio Luz, Eudacio Corrêa, os grupos es-colares Lauro Müller e Silveira de Souza, encontramos o as-pecto bucco-dentario, em pessimas condições de hygiene, mór-mente entre as creanças pobres, que em absoluto não fazem uso da escova.

A média deste exame attingio a um grão enormissimo; 98% de affecções dentarias, algumas complicadas.

Os alumnos que menosprezam o asseio são em numero elevado, apresentando um character tristonho e debilidade ner-vosa, e são os que mais falta tem nas aulas.

Examinando tambem a Escola S. José, dirigida pelo edu-cacionista frei Evaristo Schürmann, encontrei, no rapido exa-me que fiz, a mesma média dos grupos escolares, todos sem asseio buccal, dentes infeccionadissimos, fistulosos, gengivas purulentas, e um máo halito geral.

O que falta fazer em vista destes dois exemplos? Ve-jamos qual é o maior mal, o que mais afflige as nossas cre-

anças, o que mais apavora, o que mais depauperava e sacrificava a saúde das mesmas?

E' a carie! E um dente cariado provoca a odontalgia a pulpíte: é um phantasma que persegue atrozmente a criança nas mais serenas horas de sua vida. A dor de dente não conhece condições sociaes, não conhece a riqueza nem a miséria, ella é forte para todos.

E como nem sempre nos é dado uma occasião como esta, — a formação de um Congresso de Ensino, onde bondosamente um punhado de verdadeiros amigos de Santa Catharina, numa conhecida aspiração de elevar e dignificar o ensino primario no Estado, — uso-a, sahindo de minha modesta officina de trabalho, para expor uma pequena these, aliás muito simples na parte litteraria, mas grandiosa, sublime, e philantropica na parte pratica. Devemos trabalhar com abnegação na criação da «Assistencia Dentaria Escolar», pois só desta forma teremos feito o exterminio dos soffrimentos dos dentes das creanças que frequentam as nossas escolas.

O governo deve amparar esta humanitaria iniciativa, installando nos dois grupos da Capital, uma assistencia, favorecendo os desprotegidos da sorte, esses milhares de creanças que noite e dia soffrem e se deformam pela falta de tratamento dos dentes.

A Assistencia Dentaria Escolar é quasi tão necessaria como o proprio ensino primario. Tratar dos dentes das creanças é uma necessidade igual a da primeira alimentação. Pode-se avaliar o gráo de civilização moderna de um povo pelo cuidado que elle tem com os dentes das creanças.

A sciencia moderna nos ensina que nos numeros molestias geraes são causadas pelos máos dentes. Precisamos cuidar seriamente da saúde da população infantil escolar de Florianopolis. O numero de tuberculosos cresce dia a dia e o primeiro passo na lucta contra esse terrivel mal, está no tratamento dos dentes das creanças.

Para melhor facilitar o estudo desta these, apressei-me a organizar os quadros respectivos e regulamentos para a criação da «Assistencia Dentaria Escolar, certo de que todos os membros que compõem esta conferencia não deixarão de apoiar esta altruistica iniciativa.

## PLANO DE ORGANIZAÇÃO Assistencia Dentaria Escolar

Da séde, fins, subvenções. A Assistencia Dentaria Esco-

lar, será fundada por iniciativa do Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado, com séde no grupo Escolar Lauro Müller, ou mesmo em outra qualquer sala indicada pelo governo terá por fim o tratamento dos dentes das creanças pobres e a diffusão da hygiene dentaria, por meio de publicação, conferencias, conselhos e distribuição de folhetos de propaganda em todas as camadas sociaes.

a — Será uma causa de caridade pelo serviços dentarios gratuitos que prestará ás creanças pobres.

b — Será nomeado um dentista idoneo, formado, com longa pratica do serviço.

c — O dentista será nomeado por acto do governo do Estado.

d — O dentista será autonomo no seu serviço, marcando a hora do trabalho de accordo com o director do grupo.

e — O dentista perceberá a quantia de..... por mês, como recompensa dos seus trabalhos.

f — O gabinete dentario será installado por conta do governo do Estado ou contractará o gabinete do dentista que fôr nomeado.

g — O material será fornecido parte pelo governo do Estado e parte pelos alumnos, que concorrerão com a gratificação de \$500, por mês.

h — O serviço que se deverá fazer, é o seguinte: obturações simples, tratamento de odontalgia, tratamento de fistulas e abcessos e outras molestias, extracções dos dentes completamente infeccionados.

i — O dentista fará todos os meses uma palestra sobre hygiene da bocca, mostrando as vantagens e os programmas que a assistencia está fazendo.

Para que o serviço seja bem feito é mister seguir a praxe do serviço clinico da «Assistencia Dentaria Infantil» no Rio de Janeiro, sob a competente direcção do professor dr. Frederico Eyer.

A seguir:

Todo o alumno terá um cartão de matricula do modelo junto.

No verso deste cartão será escripto: «Sendo o tratamento destinado exclusivamente ás creanças pobres, será cassada a matricula aquella que se verifique dispôr de recursos para fazer este tratamento. Além deste cartão de matricula a assistencia terá um outro de archivo de gabinete. Conforme modelos:



Eis em pallido historico, o resumo para a organização de uma Assistencia Dentaria Escolar em Florianopolis. Será um acto de verdadeiro patriotismo si as nossas autoridades competentes se interessarem pelo assumpto criando com a maxima brevidade a Assistencia, pois uma hora que se perde é mais um avanço para o grande flagello.

Destruamos em Florianopolis este terrivel mal, CARIE DENTARIA, que assim teremos um futuro mais grandioso reservado para os nossos filhos.

Ass — *Arv de Bittencourt Machado*. — Cirurgião dentista  
Floriapolis, 30 de julho de 1927.

## THESE N.º 44

### Ligeiras Considerações Sobre a hygiene Escolar

Apresentadas à Conferencia Estadual do Ensino pelo Dr. Alfredo Por-  
phiro de Araujo

1927

#### HYGIENE ESCOLAR

A hygiene é a conservação da saude. A saude é a integridade organica. A integridade organica é a vida, logo a hygiene é a vida.

A hygiene infantil tem por fim proteger e desenvolver a saude corporal e intellectual das crianças.

Portanto não nos devemos limitar a conservar a integridade organica do menino, mas cuidar da sua integridade ou perfeição intellectual, ensinar-lhe os meios capazes de evitar as molestias, de conservar a sua saude e desenvolver methodicamente o seu physico e a sua intelligencia.

E' esta a base scientifica da hygiene geral e particular.

A creança deve ser iniciada nos conhecimentos praticos de hygiene desde que começa a locomover-se, desde os seus primeiros passos. Esta parte compete a seus paes. Ao entrar na Escola é ao professor que se impõe ministrar a seus discipulo o conhecimento pratico e methodico dos

meios efficazes para a conservação da sua saude e seu desenvolvimento physico e intellectual.

Aos primeiros esta obrigação se impõe, naturalmente, porque os mais ardentes desejos dos paes é tornar os seus filhos sãos e robustos, para depois poderem ser o sustentaculo de sua velhice.

Aos mestres se impõe esta obrigação, porque deverá lembrar-se que é a mocidade que exalta o futuro da Patria cuja força, cuja grandeza, cuja pujança augmenta a sua prosperidade, a consideração e o respeito das demais nações. A mobservancia das leis de hygiene na educação das creanças, redunda em serios perigos e consequencias fastidiosas que se reflectem até em gerações futuras. Si nos quizermos reportar ao estudo que se tem feito sobre os meios de conservar a saude teremos de recapitular toda a historia da humanidade, o que não cabe no pequeno espaço que temos, nem no tempo de que dispomos para um estudo retrospectivo sobre assumpto de tão magna importancia.

Basta seguirmos os methodos adoptados na Grecia classica, onde reinava a mais feliz harmonia entre a cultura do espirito e a do corpo.

O começo do seculo XIX tornou-se censuravel pelo esquecimento da hygiene escolar. Só depois de uma lucta infrene, iniciada por Pestalozzi e seus discipulos, e dos trabalhos de Lorisner, é que levantou o alarme entre os medicos, pedagogicos e autoridades, que começou o movimento em prol da salvação das creanças pela hygiene.

Uma das primeiras reformas foi a introduccão, nos programas de ensino, da gymnastica. Foi a Dinamarca e a Suecia, os primeiros a adoptarem tão salutar medida de hygiene; depois, a Prussia em 1842, que reconheceu, por meio de uma lei de Estado a conveniencia dos exercicios corporaes como indispensaveis ao desenvolvimento viril.

Esta medida foi propagada em diversos outros Estados da Alemanha, sem que entretanto, este ensino fosse obrigatorio. Começaram pela reforma nos predios escolares, que lentamente se foi fazendo, até os dias actuaes em que incontestavelmente se tem introduzido na construcção desses predios todas as medidas de hygiene inherentes aos fins a que são destinados. O que é mais importante, é que não só na Alemanha como em todas as cidades principaes da Europa e da America do Norte, nada se faz, que diga respeito a

hygiene escolar sem o controle de medicos especialistas no assumpto. As visitas de inspecção escolar deverão ser feitas com a assistencia do medico higienista. Começemos a arazoar a nossa asserção pela gymnastica escolar. O professor por mais douto que seja, não pode, por si só, resolver si o alumno A ou o alumno B está em condições de fazer tal ou qual gymnastica ou outro exercicio physico qualquer.

É preciso examina-lo detidamente e ausculta-lo, para poder coahecer a sua capacidade organica a saber a sua resistencia physica, para poder distribuir o exercicio que deve fazer, o tempo e hora em que o deve executar. A gymnastica sueca, a natação, o jogo de bola, o jogo de law-tennis, o foot-ball, o jogo de bilboquet, o bilhar, o halteres o saltar a corda, são exercicios corporaes que reforçam e exercitam especialmente o lance de vista, os musculos dos braços, das pernas, as facultades de attenção, e da observação, as funcções respiratorias, etc, etc. Todos estes jogos ou exercicios physicos desenvolvem nas crianças todas as suas funcções organicas, mas para que produzam seus effeitos higienicos, é indispensavel que sejam executados methodicamente, em horas apropriadas, durante um tempo determinado, afim de que não produzam o cansaço.

Alem destes jogos gymnasticos, existem outros que fortificam a memoria: jogos arithmeticos, os que aguçam a facultade de combinação e reflexão, os de perguntas e respostas, o jogo das damas, do moinho, do gamão, do lobo e o gato, e ate o dos soldados de chumbo.

Alem disto ha os que se acompanham de cantos: a Senhora D. Sancha, a dansa do anel, etc, que servem para augmentar e crear bom humor das crianças e o instineto de sociabilidade, exercitando ao mesmo tempo o ouvido e a memoria; quasi todos são proprios para ambos os sexos havendo, entretanto, alguns mais proprios para meninas, e outros para rapazes.

Alem destas gymnasticas ou jogos, que não dependem de aparelhamentos, temos a gymnastica de aparelhos fixos taes como o trapezio, a barra, etc. Esta é mais difficil e mais arriscada a desastres, entretanto não deixa de ser boa desde que obedeça ao methodo rigoroso sob o ponto de vista higienico. Alem destes cuidados de hygiene geral, precisamos observar a creança relativamente á parte de grande importancia sob o ponto de vista-psychologico.

Precisamos lembrar-nos que a mocidade escolar sof-

fre muitas perturbações em sua saude em grande parte de certa gravidade.

Estas perturbações em sua maioria apparecem quando a creança começa frequentar a Escola. Entre algumas devemos citar a myopia e a scoliose lateral. Tambem encontramos nas creanças que frequentam o collegio, dispepsia, anemias, fraquesas musculares, cephalalgias, bem como são expostas a diversas molestias contagiosas, as quaes muitas vezes propagam. Alguns ophthalmologistas dizem que a myopia é herediataria mas Colsmann nega categoricamente. Nagel diz que augmenta a proporção que o menino sobe de classe na escola. Como é que a escola produz a myopia? Em primeiro logar é devido a illuminação defeituosa das salas de estudo, porque quando a illuminação é má, o menino precisa aproximar mais o livro de sua vista, e é precisamente isto que o torna myope, porque faz um grande esforço para accomodar á sua visão.

A myopia é tanto mais pronunciada quanto a sala de estudos è menos illuminada. Hanel observou que entre alumnos que estudavam em salas bem illuminadas era a seguinte a proporção da myopia entre elles: nos primeiros, a molestia apresentava á proporção de 15 a 25% emquanto nos segundos era de 9 a 13%. Outra causa de myopia é o uso de livros impressos com typos pequenos e pouco legiveis. Alguns especialistas accusam o emprego de ardosias para a escripta. A attitude da creança tem uma grande importancia. Toda inclinação da cabeça determina uma congestão nas veias do cerebro e do globo ocular, podendo produzir a *sclerectasia*. Pensemos, entretanto, que, apesar de opiniões abaladas sobre o assumpto, não é a escola a causa exclusiva da myopia; porque em casa, muitas vezes, os meninos fazem seus estudos durante o crepusculo, escrevendo sobre mesas mal dispostas, e em salas ou quartos mal illuminados. O mestre tem o dever de conhecer este assumpto e corrigir as faltas corporaes de produzirem a myopia; mas em casa os paes devem tambem proporcionar aos seus filhos os meios capazes de evitarem as molestias. A *escoliose* é outra molestia attribuida a attitudes viciosas. E' verdade que os meninos quando escrevem dão ao tronco uma attitude que corresponde justamente a do menino que sofre de *escoliose*. Inclnam o busto para a frente e o apoiam pela parede thoraxica anterior sobre o bordo da mesa; fazem salientar a espadua direita para cima e para frente;

collocam seu caderno á esquerda e á medida que este se vae afastando, o tronco o vae acompanhado.

E' o que se observa, quando o menino se vê obrigado a erguer todo o busto, se a mesa em que escreve é muito alta. E' assim que se justifica a escoliose lateral nas escolas. O mesmo que se dá com o laço direito pode se dar com o lado esquerdo do tronco: isto é, a escoliose pode ser direita ou esquerda. Pode mesmo acontecer, e realmente acontece, que apesar de todas as regras exigidas pela hygiene, escolar o menino tome posições viciosas, por preguiça ou mal habito, e torne-se escoliotico, o que cabe ao professor vigiar e corrigir.

*As molestias das vias respiratorias* — Não se incrimine a escola como um dos factores das molestias dos orgãos respiratorios. Diversos autores pathologicos affirmam ser a escola uma fonte productora destas molestias, mas nenhum apresenta uma razão ou prova demonstrativa de tal asserção; nenhuma estatística se tem apresentado sobre o assumpto. Podem apresentar grande numero de alumnos atacados de molestias broncho-pulmonares, mas não quer dizer que ellas foram adquiridas na escola. Não ha duvida que se deve ter a maior vigilancia na admissão de alumnos, não devendo ser admittido o menino, que, depois de ser inspecção medica, for reconhecido como um portador de bacilos de Kocce.

*As molestias contagiosas* — E' um assumpto importantissimo a vigilancia dos alumnos sobre o ponto de vista das molestias contagiosas. Qualquer alumno, apresentando symptomas de molestia contagiosa, deve ser immediatamente isolado, afim de que não propague o mal aos demais alumnos, como até á propria população. Outro ponto de vista importante de Hygiene Escolar é a fiscalização da agua ministrada aos alumnos. Não ha quem não desconheça a importancia que exerce sobre a saude a agua que se bebe. Entretanto, temos sido testemunha ocular do descuido de certos collegios, onde o alumno bebe a agua de uma torneira collocada no pateo de recreio, vinda directamente do encanamento geral da rede de aguas, com a circumstancia agravante de ser superaquecida pelos rios do sol: excellente cultura de germens de diversas especies! A agua deve ser filtrada em velas Pasteur, que não deixam passar germens, nem substancias organicas de diversas especies que nella se encontram em suspensão. E' um verdadeiro crime

de lesa-saude dar a quem quer que seja agua de má qualidade. Todo o collegio, ou outra qualquer casa de educação deve possuir bons filtros para agua e não consentir que seus alumnos bebam agua do encanamento geral. O asseio geral do corpo deve ser baseado no banho quotidiano, o que infelizmente não se dá entre nós. Conheço collegios onde os alumnos tomam banho uma vez por semana! E' irrisorio tal procedimento. A pelle tem alem das funções eliminatorias, a de respiração. A pelle que não é cuidada, desembarrada das substancias contidas na poeira atmospherica e mesmo nos residuos das eliminações resultantes das combustões organicas, não pode exercer o papel mais importante que lhe assiste na defesa do organismo. A pelle suja irrita-se, descama-se e facilita a entrada muitas vezes de germens perigosos que pode produzir desde a eczema até a erysipela e outras infecções microbianas.

Nos alumnos dos externatos esta vigilancia deve caber aos Paes, mas nos internatos é obrigação dos professores; obrigação que se impõe pelas Leis de hygiene, pelo dever de humanidade, cujo descaso redunda um grande prejuizo para a saude individual não só dos alumnos, como da primeira sociedade. E' indispensavel a fiscalização rigorosa dos governos, dessas medidas imprescindiveis de hygiene e de saude publica.

O que não se passará nos asylos e orphanatos onde faltam essa inspecção de saude? Resumindo a nossa these; concluímos que a hygiene escolar, já ministrando-lhe os meios necessarios ao desenvolvimento physico e intellectual por meio da gymnastica, já preconizando os meios capazes de evitar as diversas molestias organica, já preconizando os meios de curar a grande maioria das diversas molestias que assediam a humanidade.

Uma parte compete aos Mestres, outra aos Paes.

Si assim cumprimos os nossos deveres de vigilancia sanitaria das crianças, teremos mais tarde uma Patria constituida por filhos fortes, são de corpo e são de espirito.

E só assim poderemos augmentar a nossa população, embellezando com a cultura do corpo e do espirito os nossos filhos, para mais tarde nos tornarmos invejados, pelos demais povos ao mesmo tempo que engrandecemos a nossa querida Patria.

Fecit qui potuit, faciant meliora potentes.

Florianopolis, 29 julho de 1927.

Ass — Dr. Alfredo Porphirio de Araujo

## THESE N.º 39

### O ensino de Noções de Hygiene nas Escolas Publicas do Estado de Santa Catharina

These apresentada por Oswaldo Rodrigues Cabral, Diplomado pela Escola Normal do Estado o alumno da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro

1.ª — Os objectivos geraes da escola primaria são os seguintes:

Extinguir o analfabetismo, ministrar noções de Hygiene, formar o character dos alumnos e dar-lhes educação civica;

2.ª — Os valores, actividades e ideaes da escola primaria consistem na formação do povo instruido, sadio, operoso, normalisado e solidario a ordem e progresso da Patria.

(Conclusões approvadas em o Congresso da Instrucção Primaria realizado no Estado de Minas Geraes em maio do corrente anno.)

#### APRESENTAÇÃO

Tendo accupado, por prazo relativamente curto, uma cadeira no magisterio publico do Estado, não é escudado em annos de experiencia que tenho a ousadia de vir apresentar o presente trabalho aos illustres membros componentes da Primeira Conferência de Ensino Primario.

Vinte e poucos dias, si tantos, professor do Grupo Escolar Felipe Schmidt, da cidade de S. Francisco, alguns meses do Grupo Escolar Conselheiro Mafra, da de Joinville, bastaram-me, no emtanto, para notar quão descurado é, em Santa Catharina, o ensino de indispensaveis noções de hygiene.

Dahi a idéa do presente trabalho. Procurei nelle encarrar o assumpto sob todos os aspectos, desde as vantagens e necessidades, que talvez superfluo será encarece-las, até o modo pelo qual devem ser ensinadas as noções de hygiene. Afastado do magisterio, não estou affeito ás intimidades, ás pequeninas cousas da vida de professor.

Por isso, não serão encontrados aqui conceitos pedagogicos, que me seriam dictados por uma experiencia que não possuo. Tambem não tenho a pretensão de vir aqui ensinar rudimentares principios de hygiene, o que seria um absurdo. Muito outro é o meu ponto de vista — e elle ficará plenamente conhecido com a leitura do presente trabalho.

O que se ensina, nas escolas primarias, ás creanças, sobre o Brasil ?

Certamente ainda hoje, o que a mim me ensinaram:—é o Brasil um paiz grande, sublime, onde ninguem morre de fome ou de frio, que, em se plantando, tudo dará nelle» com quasi todos os climas da Terra, um paiz privilegiado, fertil, saluberrimo, rico, magestoso !

Grande pela sua extensão, maior pela riqueza dos seus solo e sub-solo, magnanimo pelas suas leis! E no cerebro das creanças, povoado de lendas e phantasias maravilhosas, o Brasil se apresenta, como um daquelles paes maravilhosos, de que falam os contos orientaes, onde tudo é ouro e pedrarias. Mais tarde, quando das historias e viagens adoraveis de Julio Verne se passa para os jornaes, quando sabidos da phantasia se ingressa na realidade, a primeira desillusão se delineia: — O Brasil não é tudo aquillo que nos contou o professor.

Poderia, apenas, se-lo !... E' o paiz de elevada proporção de analfabetos, é uma terra de doentes, doentes de doenças evitaveis em sua maioria, e que não são evitadas pela ignorancia do seu povo. O seu progresso é moroso porque a doença reduz a impotencia muitos braços que poderiam trabalhar; a maior parte das suas riquezas ficam inexploradas, desconhecidas...

Lendo um dia o «Saneamento do Brasil», de Belisario Penna, um apostolo e um sabio que andava, bondoso, a falar ás creancinhas, encontrei aquella phrase que queima como ferro em brazas, e que mais accentuou o travo da minha desillusão, aquella phrase de Miguel Pereira: «O Brasil é um vasto hospital!...» E tambem no meu espirito enraizou-se a crença de que tudo era obra da ignorancia. Ignorancia do povo que desconhece os males que espreitam: incuria dos governos, que para tão grandes males tem tomado tão pequenas providencias ! E aquelle livro que citei, mostra a verdade em toda a sua nudez. Elle somma, elle confronta, traz-nos estatisticas, mostra o mal que devemos combater. Indica providencias, implora, clama, rebela-se, revolta-se contra a incuria, brada contra aquelles que não querem ver! Sancie-se o Brasil, dê-se remedio ao enfermo, cure-se o caboclo, tão diffamado quando é apenas um doente, ensine-se ao povo os mais corriqueiros preceitos de hygiene e o Brasil será, em breves dias, aquelle paiz de maravilhas que existia em nossa imaginação. O caboclo curado, forte, é um braço a trabalhar pelo

nosso progresso, superior a qualquer outro que de fóra nos venha. Porque então o não curar? Porque o não instruir na pratica de actos que o resguardem dos males que hoje o affligem? Ao iniciar o meu desvalido trabalho eu não poderia esquecer tudo isso. Si com elle quero propugnar para que maior se torne o ensino de hygiene nas Escolas!...

Trabalhar para isso é preparar o terreno, e amanhã, quando outras providencias foram tomadas em prol dos atacados pelos males que nos são endemicos, outra geração estará reformada, prompta para receber com o agrado com a qual nem sempre a de hoje, pela sua ignorancia, recebe, as mesmas providencias. Teremos trabalhado o terreno e nelle depositado a semente. E quando, amanhã o brasileiro, livre das endemias, curado e dellas sabendo defender-se, apresentar-se forte e grande, podemos dizer com orgulho: «A semente germinou — e se fez arvore — e a arvore fructificou!...»

#### UM POUCO DE ESTATISTICA

Lancemos os olhos pelos horrorosos quadros, que são aliás communs, e que se nos mostram, tendo como causa inicial os males que atacam o paiz: — O opilado é um homem que não serve para nada. O verme que lhe corroe os intestinos, suga-lhe o sangue, deixa-o impotente para qualquer serviço, incapaz de qualquer actividade. Malandro, vadio, nada lhe anima e o alcool é o seu remedio e o seu consolo.

— o impaludado vive a tremer em seus repetidos accessos febris, que lhes esgotam as forças em pouco tempo;

— o atacado da molestia de Chagas, nota que dia a dia lhe cresce o papo;

— a tuberculose torna o homem diaphano, quasi porcellana, deforma-lhe a espinha, causa-lhe innumerous horrores;

— a lepra a variola, emfim para não me alongar demasiadamente neste capitulo, completam a serie tetrica de quadros que viemos mostrar.

E a quem interessar sobre o desfalque do paiz, com as vidas uteis que perde para o trabalho, basta ler o quadro abaixo, em que damos a percentagem dos atacados:

Ankylostomiase — 70%

Impaludismo — 40%

Molestias de Chagas — 15%

E isto, de molestias perfeitamente evitaveis e que o povo não evita por desconhecer as medidas necessarias para tal, por falta de instrucção, portanto. Os numeros acima forne-

cidos pelas repartições do Governo, encarregadas do serviço de estatistica, falam mais que quaesquer commentarios. Houve quem dissesse, ha tempos, no emtanto, que nem tão grave é tudo isto. Por accusarem as fézes de 70% de individuos ovos de ankylostomo ou de necator, não quer dizer que 70% sejam doentes. Que importa, no emtanto, se, embora não sejam elles doentes, são pelo menos portadores de germens, e, portanto, estão aptos para levar adeante a semente do mal? Não seria sinão ridiculo pretender sanear o Brasil, unicamente por meio da educação hygienica. Belisario Penna, mesmo, diz: «Propaganda e conselhos poderão ser bons auxiliares da lei que imponha medidas hygienicas.»

E esta é, realmente, a verdade.

O ensino de principios hygienicos conduzido por professores habéis e capazes, como medida cooperante para o saneamento do paiz, é imprescindivel. Porque educando o povo, tornará accessivel a este a comprehensão das leis que forem sancionadas em prol do mesmo saneamento, tornando portanto, mais facil a execução das mesmas. O povo comprehenderá a vantagem e a necessidade dessas leis, facilitando a sua execução, construirá as habitações obedecendo ás prescripções, destruirá e afastará dellas os insectos e parasitas, causadores e transmissores de molestias prejudiciaes á collectividade.

«A educação hygienica do nosso povo, que será a sua incorporação real á civilisação, só se fará, não quando elle souber ler e escrever, e puder ser eleitor, mas quando for obrigado a construir a sua habitação obedecendo ás prescripções hygienicas, e forçado a destruir ou afastar della os insectos e parasitas causadores de molestias transmissiveis e prejudiciaes, á collectividade.» (Belisario Penna — Saneamento do Brasil). E como irá elle construir a casa nestas condições, si desconhece os preceitos a que se refere o mestre?

Mister se faz ensina-los, para depois, como ainda exige o sabio professor, serem «as medidas hygienicas impostas por leis e regulamentos, com penalidades para os recalitrantes, e rigorosamente executadas.» No dia em que o povo estiver sufficientemente educado, pôde vir a legislação com as penalidades, que estas não serão applicadas.

Um exemplo sómente darei deste importante factor que é «Comprehensão da necessidade» das medidas hygienicas e prophylacticas.

Annos atraz, não constitue novidade alguma, o espiri-

to esclarecido de Oswaldo Cruz exigio, obteve e impoz a medida da vaccinação obrigatoria na Capital Federal, para combater a variola.

Contra essa medida do mais illustre sabio brasileiro se levantaram protestos. Levanta-se a Escola de Guerra. Faz-se do caso hygienico um caso politico e, em face do Direito, no Senado, Ruy Barbosa, a grande aguia brasileira, protesta contra a vaccina. Isso passou-se, por assim dizer, hontem. Hoje, o que vemos? Mal apparecem na Capital Federal casos de variola, é o proprio povo que pede, exige, que reclama lymphas ao Governo. Os postos de vaccinação multiplicam-se pela cidade, nas escolas, nas repartições publicas, nas redações dos jornaes: o povo comprehendeu as razões do grande scientista e a necessidade da vaccinação.

Lei alguma, com as mais rigorosas penalidades, daria os resultados que hoje temos. Para que então, exemplo mais cabal? Assim, quando, como com a vaccina o povo comprehend a necessidade e as vantagens de executar os preceitos hygienicos, elle proprio se incumbirá de zelar pela sua habitação, pelo seu corpo, pelos objectos do seu uso. O que se faz necessario é ensinar quaes são estes preceitos.

« Propaganda e conselhos poderão ser bons auxiliares da lei que imponha medidas hygienicas ». E nós que vimos aquelle velhinho bom que escreveu isto andar pelas escolas a ensinar ás creancinhas, em uma linguagem clara, facil, simples, concluiremos: « são talvez os melhores ».

### A NECESSIDADE

A necessidade do ensino de hygiene é flagrante. Vir tratar della depois do que tenho escripto desde o inicio desse trabalho, não seria mais do que estar a repizar a mesma tecla. Depois de tudo o que disse, ella è patente, é evidente. Si eu não estivesse convencido da necessidade de semelhante estudo, não teria a coragem de vir tomar o tempo dos illustres membros da Conferência do Ensino cujo trabalho não é pouco. Mas não me sobra autoridade para julgar (1). E então direi que si tal necessidade fosse menos certa, não andariam os sabios a ensinar as creanças.

Estas, principalmente as que vivem afastadas dos centros mais adeantados são as que devem merecer, em maior gráo, a nossa attenção.

Adquirem o habito de praticar o que praticam os seus maiores. Andam descalços não se resguardam dos mosqui-

tos, não temem a mosca. Adquirem por isso, as mesmas molestias, são victimas dos mesmos males que seus paes. As suas roupinhas estão quasi sempre sujas, por desleixo paterno mais do que por falta de meios. Não lavam as mãos antes das refeições, não limpam nem cortam as unhas, não usam do banho com a frequencia desejada, não se curam si doentes; não collocam abaixo grandes cabelleiras que tem, « habitat », as mais das vezes, dos mais nojentos parasitas.

São habitos, são usos, são costumes condemnaveis e que urge modificar.

Necessario portanto é que se lhes ensine, inculca outros habitos, outros usos, outros costumes. E quando o horror pelos primitivos usos se manifestar, estaremos no caminho de preparar outro povo, outro Brasil.

### AS VANTAGENS

« Ensinar ás creanças as mais uteis e rudimentarês noções de hygiene » lá está a phrase, « é um dos bons auxiliares da lei que as imponha ». E o porque já foi dito. Não se ensina, desde as classes mais atrasadas, ás creanças recém-ingressadas nas escolas, rudimentos de Instrucção Civica? Para que? Com que fim? Para preparar, é claro, o cidadão do futuro, o homem que será do Brasil de amanhã, o patriota, o brasileiro consciente dos seus deveres civicos. E todos nós conhecemos os proveitosos resultados obtidos com o ensino desta disciplina. Assim será tambem o dos principios de hygiene, pois esta completará aquella, porque esta preparará o homem são do futuro, o braço forte que propugnará pelo progresso da nação, o brasileiro que deixa de ser e de representar um valor negativo, passando ao erario publico, para ser e representar um valor real, positivo, fonte de renda para a nação, cooperando, trabalhando, produzindo. Que differença então deste para aquelle outro, o mirrado, o barriga de porungo, o papudo, o vadio. Que differença daquelle que vive a afogar no alcool a sua desdita, tido como um preguiçoso, como imprestavel, quando era apenas um doente! Eis a grande vantagem. Não será então um grande beneficio, não será uma grande obra, não será um motivo de justo orgulho trabalharmos, contribuímos para esta grande obra de transformação do Brasil—vasto hospital—de hoje, no Brasil—terra promettida—de amanhã?

Annos que passem as creanças dos Grupos Escolares ou de outras escolas a ouvir uma vez por semana, que seja a voz-amiga do professor a aconselhar, a ensinar, produzirão resultados, apresentarão seus efeitos, na intelligencia viva das mesmas, sempre prompta a receber tudo o que lhes ensina. Será annos que levará o professor a mostrar, a exemplificar, a convencer os alumnos, em uma serie progressiva de conhecimentos, dos mais simples aos já algum tanto complexos. Será estes mesmos annos que o professor levará a mostrar como se praticam os preceitos ensinados, e attento, solícito, vigilante, patriota, exigirá do discipulo o cumprimento de todos os principios que ensinou. Exigir, exigir sempre até que a pratica dos mesmos tome raizes fortes, se accentua, se evidencie e substitua aquelles habitos condemnavéis adquiridos muitas vezes nos proprios laros, onde são desconhecidas as regras da hygiene. São estas as vantagens, pois educadas as creanças sem a menor noção destes conhecimentos, mais tarde, na mesma vida continuarão, sem combater, sem evitar os males advindos da pratica de habitos, pouco recommendaveis. Continuarão a não cuidar da limpeza do vestuario e muito menos da do corpo. Não haverá asseio no lar, que estará sempre prompto a dar asylo a toda a sorte de insectos que na sua maioria representam outros tantos transmissores de males. O completo ensino de hygiene tende a combater este mal. E, repetindo, fará do «eterno descontente» o homem valido de amanhã.

Concluindo, o ensino a que me referi, além de todas as vantagens expostas, além de constituir uma necessidade extrema e inadiavel, apresenta-se como uma maneira efficaz, pratriotica e economica de contribuição para a resolução do grande problema que é o Saneamento do Brasil.

#### A DISCIPLINA A ENSINAR

Dada a deficiencia ou, talvez melhor, a inexistencia do ensino de hygiene no Estado, a medida inicial seria a criação da disciplina a ensinar. Ficaria assim creada a cadeira de rudimentos de Hygiene ou Noções Elementares de hygiene, como melhor parecer. Sem cogitar por emquanto da distribuição da materia, segundo os dictames da Pedagogia, delinção em traços ligeiros succintamente, o que se irá estudar nesta cadeira. Não só, como de começo poderá ter parecido, não só o estudo da prophylaxia das varias ende-

mias e epidemias communs entre nós deve ser objecto do estudo. Muita ontra cousa, cuja vantagem nos parece real, deve ser tambem e constituir materia a ministrar. Assim, passo a expor a materia:

**PRIMEIRO** — Cuidados para com o corpo — O corpo-suas partes. Germens que poderão ser encontrados ahí. Cuidados especiaes para com os cabellos, unhas, dentes, olhos ouvidos, mãos, etc... Banhos. Exercicios physicos. Repouso, etc.

**SEGUNDO** — Vestuario: Cuidados especiaes. Asseio. As roupas; os chapéus e os calçados. Necessidade destes. Roupas de dormir. Roupas brancas. Roupas de cama, etc.. Objectos de toilette.

**TERCEIRO** — Habitação: Cuidados, Logares proprios para edificação. Ventilação, iluminação, etc...

**QUARTO** — Alimentação. — Alimentos e sua divisão. Carnes. Leite e derivados. Seus parasitas e microbios. Intoxicação e causas. Conservação e esterilização. Cereaes, legumes fructos. Perigos decorrentes da alimentação feita com generos mal cozidos: Bebidas. Agua, chá, matte, café, O alcool. O alcoolismo, etc...

**QUINTO** — Sólo. Agua. Ar. Temperatura, ventilação, humidade, germes e saneamento do sólo. Composição, germes, depuração esterilização das aguas. Filtros. Aguas mineraes, potaveis, etc... Elementos, germens do ar. Poeiras, etc.

**SEXTO** — Climas: Diversidade. Zonas e altitudes. Ventos e correntes maritimas. Salubridade.

**SEPTIMO** — Transmissores e elementos que favorecem as trasmissões das doenças. Alimentos, ar, animaes domesticos, insectos, etc...

**OITAVO** — Endemias e epidemias communs no Brasil. Neste ponto estudaremos, as doenças endemicas ou epidemicas que mais abundantemente se encontram no Brasil, São ellas as seguintes, salvo alguma que haja escapado.

- a) Ankylostomiasis
- b) Impaludismo
- c) Outras Verminosas
- d) Trypanosomiasis americana (molestia de Chagas)
- e) Lepra
- f) Tuberculose
- g) Leishmaniose americana a (ulcera de Baurú)
- h) Trachoma
- i) Febre amarella
- j) Variola

k) Typho

l) Peste bubonica

m) Meningite cerebro—espinal

n) Dyphtheria

o) Sarampo.

Em a letra c «outras verminosas,» o professor tratará, em linhas geraes sem outros detalhes, da Teniasie, Bottriocephalose, Ascaridiose, Trichinose, Oxyurose, Trichocephalose, etc... Exclui deste quadro, propositadamente, por desnecessaria para conhecimento da infancia, a syphilis.

Das doenças acima ennumeradas, serão estudadas:

1) Agentes

2) Sua acção no organismo humano (rudimentos)

3) Hospedeiros a transmissores

4) Vias de penetração dos germens

5) Contagio e propagação

6) Prophylaxia

Das constantes das letras «k» a «o», apenas ligeiras noções

Finalmente, para completar o estudo serão dadas noções sobre ophidios, estudando-se:

a) habitos destes animais, meios de evita-los e comba-  
te-los.

b) medicação immediata em caso de ataque por parte  
delles.

Na ennumeração destes pontos não me preocupou, como disse, a divisão da materia de modo a ser ensinada, do curso mais elementar ao mais adeantado. Em capitulo á parte esboço um projecto de programma onde procuro obedecer ás leis da difficil «sciencia e arte de ensinar», partindo do mais geral para o mais complexo, attendendo ao grau de adiantamento dos discentes e á progressão natural com que devem ser ensinadas as sciencias.

## O MODO DE ENSINAR

A parte pedagogica, com já disse, não pode ser por mim tratada com a pericia daquelles que têm a sua vida quasi toda dedicada á Instrucção com a pratica adquirida em longos annos de exercicios no magisterio.

Seria erro imperdoavel querer ensinar como ministrar uma disciplina, base apenas em rapidas leituras de caderno de Pedagogia que ainda conservo do meu tempo de estu-

dante da E. Normal. Entretanto, não me esquivo de dar o o meu parecer, procurando com isso apenas completar o mais que possivel o meu desvalioso trabalho. Inicialmente como para as demais disciplinas, deverá ser levado em conta o grau de adiantamento em que se encontra a criança a quem se vae ministrar as noções.

As menos adiantadas ficarão apenas conhecendo as molestias que são mais communs no Brasil, ao mesmo tempo que lhes forem ministradas noções de asseio corporal, da habitação e do vestuario. Ser-lhes-ão contados os horrores causados pelos diferentes males, os estados a que elles costumam reduzir os individuos. E o professor então se referirá ao meio de evita-los. O professor se limitará, naturalmente a lições curtas, claras e tratando do assumpto de um modo muito geral, evitando minucias que não seriam comprehendidas. O dr. Amaury Medeiros, que foi Director da Hygiene e hoje é Deputado Federal pelo Estado de Pernambuco, tem a este respeito, escriptas varias paginas interessantes em seu livro «Saude e Assistencia», que merecem ser lidas. Assim relata aquelle illustre cientista as experiencias levadas a effeito no Grupo Escolar dos Afogados, que apresentaram optimos resultados. Uma dellas, muito interessante, é a seguinte: O professor encarregado de ensinar noções de hygiene ás creanças entra em aula e, dirigindo-se aos discentes, interroga: «Quem é dos meninos aqui presentes (ou das meninas) aquelle que deseja ficar bonito?» Após um silencio de hesitação sempre apparecia um ou outro que dizia: «Eu quero!» Então o professor iniciava a sua lição, explicando «o que deveria fazer o menino para ser bonito, cumprindo os preceitos de asseio, etc...» Acontece, porem, que uma das vezes um menino exclama: «Eu não quero. Eu quero ser feio.» O professor não se perde. «Pois não. O menino faz mal em querer ser feio. Para não ser bonito faz-se isto, etc., e dava normalmente a sua lição. Ao terminar perguntava então: O menino ainda quer ser feio?»

E como este exemplo citado, muitos outros.

Nos annos adiantados já o ensino toma outra feição. O alumno adiantou-se, evoluiu, póde receber conhecimentos mais complexos com facilidade relativa, tendo sempre o professor o cuidado de não deixar cousa mal comprehendida ou não comprehendida pelos alumnos. Os exmplos deverão ser abundantes. Nos ultimos annos será o ensino aperfeiçoado com o conhecimento mais minucioso dos agentes ethio-

logicos, referindo-se o professor aos danos causados por elles. Serão estudadas as zonas onde se encontrem os males, noções sobre alimentação, seus vícios e insufficiencia.

Combaterá o professor os vícios que por ventura se possam entregar as crianças, o que aliás não é raro.

As estatísticas, nestes ultimos annos, serão bem impressionadoras para os alumnos. O professor deve aproveitá-las, estudando-as, comparando-as, calculando qual seja o numero de doentes, de victimas, etc. Usará, enfim, todos os meios recommendaveis que estiverem ao seu alcance para a melhor comprehensão da disciplina e para o maximo aproveitamento possível por parte dos discentes.

### O MELHOR MEIO

O melhor meio será aquelle que completar o esforço do professor—e elle depende ainda do professor: o cumprimento á risca dos preceitos ensinados. O professor deve exigir o cumprimento do que ensinou sob pena de ver todo o seu trabalho resultar improficuo. Obrigará o asseio nos trajés, recommendará o banho com frequencia, examinará a roupa, as partes descobertas do corpo do alumno. Merecerão seus cuidados especiaes as unhas, os dentes e os ouvidos. Obrigará o uso do cabello curto. Aqui desejo fazer especial reparo a um ponto de vista errado e que no entanto é frequentemente observado. Muito professor ha de achar, e não falará quem lhe dê razão, que as questões de asseio « como de religião, » dizem, são da alçada paterna, que não cumpre ao professor dar banho e cortar as unhas aos pirralhos.

Está errado. Os filhos de paes ignorantes, analphabetos, desconhecedores dos principios de hygiene, pouco habituados ao asseio, nada poderão aprender em casa de quem tudo ignora. Si o professor não exige o cumprimento das noções que ensinou, a criança ouve, aprende talvez... e segue os exemplos paternos. No entanto, o professor culto, patriota, requer, exige que sejam obedecidos os principios que ensinou, examina, zela pelo asseio dos seus alumnos. E os resultados serão outros! Agora é o alumno quem vai dizer em casa, aos paes, o que lhe ensina o professor. Elle sente na necessidade de justificar as exigencias do mestre e irá contar; será com elle, então, que os paes irão aprender as vantagens do asseio. Este é o verdadeiro ponto de vista —e o professor mais que nunca, principalmente nos centros

cultos, caberá zelar pelo asseio dos seus alumnos, quando os paes desconhecerem os mais rudimentares, os mais elementares, os mais corriqueiros preceitos de limpeza. As leis em vigor procuram instruir os filhos dos analphabetos. Por ser filho de um ignorante não deve a criança ser condemnada a ficar ignorante, igualmente. O professor que sustentar o ponto de visita erroneo a que me referi, sustentará que o filho de um sujo deve ser condemnado a ser eternamente sujo, porque ninguem lhe obrigará ou ensinará a ser limpo.»

### OS RESULTADOS

Uma vez que me referi ás vantagens e á necessidade da criação de um estudo mais ampliado de Hygiene, não será demasiado expor aqui os resultados praticos advindos de tal estudo. Dos Estados da União, aquelle que tratou com muito carinho a questão da educação hygienica foi o de Pernambuco. Ali foram postos em pratica os mais modernos processos e os resultados colhidos foram surprehendedentes, tendo o Director da Hygiene do Estado, cujo livro tenho sobre a minha mesa, e ao qual já me referi mais de uma vez, chegado á seguinte conclusão: « O serviço de educação executado para as novas gerações, é pois de resultados absolutamente seguros. Naturalmente demorarão, porque são penosas e precisam annos de paciencia, em um meio onde quasi tudo está para fazer.»

«Este esforço é de effeitos lentos, mas certos, e pode ser tranquillamente feito com a mesma segurança de quem planta arvores que custarão a crescer, mais uma vez crescidas resistirão ao sol e á chuva, e hão de dar fructos sem conta e sombra larga.» (Amaury de Medeiros Ob. citada, pags. 121).

E' a experiencia quem diz que a arvore ha de dar fructos sem conta e sombra larga. Para que dizer mais?

### O ENSINO

O ensino de noções de hygiene a que me venho referindo desde o inicio do presente trabalho será ministrado obrigatoriamente:

A) Na Escola Normal do Estado, por professor cathedraico;

B) Nas Escolas Normaes e cursos equiparados;

- C) Nas Escolas Complementares;
- D) Nos Grupos Escolares da Primeira e Segunda Classe;
- E) Nas Escolas Publicas, Isoladas, Ruraes, etc....
- F) Nas Escolas particulares gozando de favores do Estado.

Creio que ainda, como no tempo em que eu cursei a Escola Normal do Estado, o ensino da cadeira de hygiene se faz em curso annexo ao ensino da cadeira de Physica e Chimica. Geralmente este curso não é dado como acontece no anno em que estive matriculado na 3ª serie da Escola. Isto porque o professor não dispõe de tempo sufficiente para leccionar physica, chimica, em noções que não poderão ser muito rudimentares, e ainda lhe o sobre para ensinar hygiene. Com a ampliação do ensino desta disciplina é mister que seja creada na Escola Normal uma cadeira a parte que somente cuide de tal ensino, regida por professor habilitado em concurso, como para as demais cadeiras. O ensino feito desta maneira, garantirá um preparo efficiente daquelles que mais tarde irão ensinar e exigir a pratica de tão uteis principios. Nas Escolas Complementares o ensino será feito nos tres annos do curso, como na Escola Normal é feito nos quatro, por professor escolhido pelo mesmo criterio com que são para as demais cadeiras.

Nos Grupos e demais escolas o ensino será ministrado em todos os annos do curso pelos respectivos professores em aulas de quarenta minutos no maximo e quinze no minimo, de accordo com a serie, trez vezes por semana.

Será esta a medida, pode-se dizer, inicial, sem a qual toda a tentativa de ensino de hygiene, sejam quaes forem as providencias tomadas, resultará improficua. E' necessario antes de tudo a criação de uma cadeira a parte, com seu programma, com seus docentes, de tal maneira dispostos as normas que, do primeiro anno de um Grupo ou de uma Escola Publica, ao ultimo da Escola Normal, seja o ensino feito numa ordem progressiva de conhecimentos, dos mais geraes para os mais particulares, desde as noções mais simples até as mais aperfeiçoadas, sendo o ensino dos annos anteriores completado, aperfeiçoado, melhorado, nas series consequentes.

## PROGRAMMA

Esbocei um ligeiro projecto de programma a ser adoptado nas escola ruraes, isoladas e grupos, obedecendo aos principios acima mencionados.

Não tenho a vaidade de julga-lo isento de falhas; bem ao contrario, quero com elle, trazer apenas um subsidio para a criação, ou melhor, para a organização de um programma definitivo. Para a Escola Normal e Escolas Complementares, no entanto, excusei-me de organizar, isto porque naquella, são os programmas, creio eu, apresentados pelos respectivos docentes e submettidos á approvação da respectiva Congregação; nestas, o programma será baseado pelo daquella. Passemos então a dizer como comprehendemos o programma:

### PROGRAMMA

#### 1º ANNO

- A) Noções sobre o asseio corporal. Cuidados especiaes para com o corpo. Banhos As partes descobertas. Asseio das unhas, dentes, cabellos, mãos, etc.
- B) Vestuario. Cuidados para com elle. Asseio do mesmo. O calçado e a sua necessidade, etc.
- C) Habitação. Asseio do lar. Noções geraes.
- D) Alimentação. As aguas impuras. Alimentos mal cozidos, etc.
- E) Brinquedos e habitos infantis perigosos e prejudiciaes à saude. Exercicios physicos recommendaveis.
- F) Perigo das cobras. Como evita-las.

NOTA - O ensino será ministrado da maneira mais geral possivel. O professor desdobrará o programma em um numero sufficiente de lições, que terão aspecto de palestra. O cumprimento dos preceitos ensinados será exigido à risca. Ponto E, com respectiva pratica.

#### 2º ANNO

- A) Recapitulação, em noções mais completas do programma do 1º anno.
- B) Generalidades sobre a transmissão das doenças. Transmissores.
- C) Males que atacam as populações do Brasil e como evita-los.

D) Exercícios physicos proveitosos ao desenvolvimento e á saude.

E) Noções sobre a ventilação e iluminação das habitações.

F) Alimentação. Fructas, legumes e cereaes. Bebidas. Filtros e meios de depuração das aguas.

C) Vícios e habitos condemnaveis.

H) Solo. Temperatura, humidade, etc. Climas. Noções sobre....

I) As cobras. Como combate-las.

NOTA — A mesma do anno anterior.

### 3.º ANNO

A) Idem do Segundo Anno.

B) Noções rudimentares sobre microbios e parasitos.

C) Acção dos transmissores. Vias de penetração dos germens.

D) Epidemias, endemias e suas causas, do Brasil.

E) Generalidades sobre prophylaxia.

F) Meios que favorecem o desenvolvimento e transmissão das doenças.

G) Germens. Onde podem ser encontrados, no corpo. Germens do solo, da agua, do ar. Constituição. Aguas mine-  
raes, potaveis, etc. Composição, etc. do ar. Saneamento do  
sólo. Salubridade. Depuração das aguas.

H) Alimentos. Sua divisão. Carnes, leites e derivados. Seus parasitos mais communs. Idem, seus microbios. Intoxi-  
cações alimentares. Noções geraes.

I) Noções geraes sobre a Ankylostomiase.

J) Idem Impaludismo.

K) » Leishmaniose.

L) » Tuberculose.

M) » Variola.

N) » Sobre outras verminoses.

O) Ophidismo. Soccorros immediatos aos atacados pelas cobras.

NOTA — Das doenças acima ennumeradas de I a N inclusive, estudar o que já referimos no capitulo «A disciplina a ensinar.»

### 4.º ANNO

A) Idem, do 3.º anno.

B) Noções mais completas sobre microbios, parasitos e transmissores.

C) Alimentação. Noções completas. Conservação das carnes. Noções sobre a esterilização. Bebidas. Condimentos.

D) Alcoolismo. Perigos inconvenientes, etc. Toxicos e entorpecentes. Vícios modernos e suas victimas.

E) Solo e ar. Noções sobre constituição, ventilação, humidade, germens, etc. do sólo; climas; diversidades de zonas; altitudes, ventos, correntes maritimas. Humidade, germens do ar.

F) Fontes de germens.

G) Noções mais aperfeiçoadas dos pontos de I a N do 3.º anno.

H) Trypanosomiase.

I) Lepra.

J) Trachoma.

K) Febra Amarella.

L) Ligeiras noções sobre Typho.

M) Ligeiras noções sobre Peste bubonica.

N) Ligeiras noções sobre Meningite cerebro espinhal.

O) Ligeiras noções sobre Dyphtheria.

P) Ligeiras noções sobre Sarampo.

NOTA — A materia constante do ponto D já se acha incluída no ensino dos Grupos e demais escolas por ordem da Directoria da Instrucção Publica, attendendo ao solicitado pelo Exmo. Sr. Ministro do Interior.

Eis como eu concebo o programma. Sem numero exíguo de pontos para as primeiras series, sem demasiado para as ultimas, a materia estará assim dividida de modo a ser comprehendida com relativa facilidade pelos discentes. O professor, completará o programma em sua melhor parte, usando dos methodos e processos didacticos que achar conveniente, mostrando, exemplificando, aperfeiçoando, afinal, o ensino e muito principalmente, como temos repizado, exigindo a pratica dos preceitos que ensinar.

### OUTROS PROBLEMAS

Não se deve encarar aqui unicamente o problema do a que ensinar, como ensinar e porque ensinar. O problema mais importante é aquelle que encara o aproveitamento do ensinado. E a este aproveitamento se referirão os capitulos que se seguem. Com elles procurei completar quanto possivel a exposição despretençiosa que venho fazendo.

Si a materia fôr ensinada com criterio, de accordo com os dictames da moderna Pedagogia, si a exigência fôr cumprida por parte dos discentes, restará ao professor ainda fazer alguma cousa, que estudo nos proximos capitulos. Outros problemas nelles igualmente estudados, dependem unicamente do Governo, que, resolvendo-os, virá auxiliar bastante a missão do professor. Referem-se elles á hygiene das Escolas, áquella dos objectos de uso, ao asseio dos docentes e discentes e finalmente ás despesas para a organização de um serviço o quanto possivel, perfeito.

## A ESCOLA

2ª. A Escola Infantil além do edificio em condições hygienicas, area ajardinada e arborizada, deve ser aparelhada com mobiliario próprio; (Conclusão da 4ª. these approvada no Congresso de Instrucção Primaria realizado no Estado de Minas Geraes, em maio do corrente anno.)

A hygiene, o asseio da Escola depende, quer do governo, quer do professor.

Não se pode comprehender que este obtenha bons resultados do ensino que fizer, si a Escola não estiver nas condições apregoados por elle, si não estiver de accordo com os preceitos ensinados. Assim o asseio da Escola deve ser o mais rigoroso possivel.

As suas instalações hygienicas devem ser as melhores possiveis. Si não for possivel o exgotto, por falta de rêde no local da Escola, a existencia de fossas sanitarias modernas é imprescindivel. As salas de aula deverão ser amplamente arejadas e illuminadas convenientemente, apresentar o soa-lho extremamente limpo e os moveis livres de pó. As carteiras serão zeladas pelos alumnos, responsabilizando-os o professor, pela falta de asseio que apresentarem. A agua para uso dos alumnos deverá ser contida em filtro especial. As paredes e tecto deverão apresentar-se extremamente limpos.

O pateo da escola merecerá tambem cuidados do professor. Os objectos serão collocados em depositos especiaes, simples caixas de madeira que serão collocadas nos angulos do mesmo.

As sentinas não serão esquecidas quanto ao seu estado de limpeza.

## OS OBJECTOS

Os objectos escolares serão individuaes o mais que possivel. O material de cada alumno deverá ser completo, afim de evitar emprestimos. Sobre elles, objectos, se reflectirá o asseio exigido, impedindo o professor a pratica de habitos condemnaveis, como seja o velho habito das creanças de levarem o lapis á bocca, etc.

Material da Escola — mappas, quadros, globos, etc. . . . igualmente limpos.

Guardei-me para tratar neste capitulo de um objecto que geralmente pertence ao material da Escola e que deve pertencer ao do alumno: — o cópo.

E' o mais perigoso objecto que se encontra nas Escolas. Nelle todos os alumnos bebem agua, doentes ou não, transmittindo uns aos outros males as mais das vezes evitaveis. Os Estados Unidos da America do Norte, onde a cultura já attingio a elevado grau, resolveram de uma intelligente maneira tão serio problema: adoptando nas Escolas o copo de papel. Custa uma insignificancia e è inutilizada immediatamente após o seu uso.

Não existe, infelizmente, entre nós, a industria de cópo de papel. Os alumnos das escolas continuam todos a beber agua em um unico copo, geralmente collocado sobre a toa-lha, ao desabrigo, sujeito ás poeiras e ás moscas. O professor deve procurar remediar este mal, exigindo que cada alumno traga o seu copo. Ainda agora, ha poucos meses, realizou-se no Districto Federal, uma interessante festa escolar: a festa da caneca — em que cada alumno recebeu a sua, só podendo della fazer uso. No caso de não se poder exigir o cópo ou a caneca individual poder-se-ia exigir que o alumno antes de utilizar o da Escola o lavasse em agua abundante e corrente. Esta exigencia será ainda menos possivel! Ideal seria o bebedouro hygienico!

## OS ALUMNOS

Não tornarei a dizer aqui tudo o que deverá o professor exigir dos alumnos, quando tudo já foi dito, nos differentes capitulos anteriores. Não falarei da posição do alumno na carteira, do grau de acuidade dos mesmos, quando isto é objecto de estudo da Pedagogia, propectamente leccionada na Escola Normal do Estado. O professor capricho-

so certamente não esqueceu estes ensinamentos. Sobre o asseio dos alumnos a que tanto me tenho referido, devo dizer que na sua exigencia obtive os melhores resultados no Grupo Escolar «Conselheiro Mafra» da cidade de Joinville, quando ali fui professor. Depois que cortei uma vez as unhas a alguns delles, nunca mais tive oportunidade de ver na minha classe unhas sujas ou compridas. Mandeí varios a cortar o cabello e algumas vezes fiz descer alguns a lavar os pés. E apesar de lidar com o segundo anno, composto quasi que de creanças de idade inferior a 12 annos, obtive resultados surprehendedentes. A limpeza do vestuario não deve ser esquecida. Seria preferivel que o Governo, a exemplo do Estado do Paraná, obrigasse o uso de aventaes para as creanças de ambos os sexos. Pratico, util, não depende de grandes posses, è economico porque evita que se rasgue a roupa, que se manche, que se estrague. Creio mesmo que na Capital já estão sendo postos em voga taes aventaes. O verdadeiro seria impo-lo obrigatoriamente no Estado como fez o governo do Paraná. A maior difficuldade no emtanto que os professores encontrarão será para tornar habitual o uso do sapato. Os pobres dirão que não poderão dar aos seus filhos «luxo». E na maior das vezes o que economizam evitando esse «luxo», pagam com juros, pela perda da saúde. A boa vontade, a tenacidade do professor, neste caso ha de conseguir algo. Finalmente depois do que tudo ficou dito a respeito dos alumnos, poderá dizer-se ao concluir «o profesor será o responsavel pela pratica de actos em desacordo com os preceitos ensinados, por parte dos alumnos».

### OS PROFESSORES

Cousa alguma sem duvida poderá auxiliar effizamente ao professor na sua tarefa, como o exemplo. Os professores das cidades e centros adiantados pelas exigencias do proprio meio em que vivem, habituados a elles, e mesmo pelo grau de adiantamento que possuem, não se desviam da pratica corrente dos preceitos que serão obrigados a ensinar. Nos centros menos adiantados, não quero dizer que não existam professores de cultura sufficiente, mas, já por influencia do meio, já porque se habituam a ouvir dizer continuamente que «na roça não ha luxo», muitos delles deixam de cumprilos. Eu mesmo já vi um professor com os cabellos a cahirem so-

bre as orelhas, collarinho sujo, barba por fazer e tendo á mostra, arrastando pelo chão, os cadarços de antiquissimas ceoulas. Que exemplo poderá dar um professor de tal feitio? As professoras, (por uma questão de sexo?) talvez menos se esquecem de certas regras de asseio...

O governo do Estado do Paraná, ao mesmo tempo que instituiu o uso do avental para os alumnos, obrigou-o tambem para as professoras. E' um uso recommendavel pois, o avental branco, além de gracioso, é pratico e economico. No emtanto seria ridiculo para os professores, é claro, e por isso necessario se faz que estes, embora modestamente, se vistam com asseio irreprehensivel.

### DESPESAS

Não resta a menor duvida que uma radical reforma, como se impõe, do ensino de noções de hygiene, acarretaria despesas inevitaveis. Sem no emtanto attingirem a cifras exorbitantes, não são, tambem, tão diminutas que não pesem ao herario publico. Com a cadeira a ser creada, na Escola Normal, dispenderá annualmente o Governo 6:000\$000 ( seis contos de réis) para o pagamento dos vencimentos do respectivo lente.

Calculando-se em dez o numero de Escolas Complementares, para o pagamento dos respectivos professores, que ganham creio eu 130\$000 (cento e trinta mil reis) mensaes, elevar-se-á a despesa de 15:600\$000 (quinze contos e seiscentos mil reis) annuaes. Nos Grupos e demais escolas, para o simples ensino da disciplina não haverá despesas extraordinarias. Será esta a parte menos dispendiosa. As cifras, no emtanto elevar-se-ão quando se tratar de melhorar as condições hygienicas das escolas e do seu material respectivo. Installações sanitarias, filtros, objectos de uso, etc... estarão ahi comprehendidos. Verdade que grande numero de escolas, grupos, etc... encontram-se em perfeitas condições. Nestes, algumas e ligeiras modificações cuja necessidade fôr evidente, não acarretarão excessivas despesas. Nas outras onde tudo falta, onde tudo é imperfeito, ellas não serão poucas.

Assim, embora, as despesas não sejam poucas, mas que tambem não serão excessivas, ter-se-á creado no Estado um importante serviço, cujos fructos e beneficios compensarão perfeitamente os gastos exigidos.

Com a boa vontade do patriótico governo que vem

tendo Santa Catharina, tudo será executado, para completar neste ponto o notavel desenvolvimento que, em todos os ramos, se vem notando no Estado, nestes ultimos tempos.

### ULTIMAS NOTAS

Uma vez que procurei atacar todos os pontos a respeito do ensino de Hygiene no Estado de Santa Catharina, restam-me apenas, salvo melhor juizo, algumas notas que guardei para o fim. Estou plenamente convencido de que a maior parte dos trabalhos para a realização e eficiencia do ensino de Hygiene, depende unicamente da nobre classe dos professores.

O apoio do Governo é imprescindivel: mas sem o trabalho do professor nada se fará. Elle é quem vae realizar, verdadeiramente a obra patriotica de preparar o homem são de amanhã, ensinando, zelando, trabalhando, fiscalizando, obrigando o cumprimento das noções que tambem a elle cumpre ensinar. Terá o seu trabalho accrescido, uma cadeira a mais para ensinar. E este trabalho obriga-o a um outro: terá que estudar. Não que desconheça os preceitos hygienicos, as normas do asseio.

Mas o bom professor não vae para a sala de aula sem primeiro recordar a materia, para que nada seja esquecido, para ministra-la com methodo efficientemente. Isto se faz com a arithmetica, com a grammatica, com a geographia; e mister se torna que tambem se faça com a hygiene. Alias isso não vem a constituir novidade. Mas para isso, necessario é um compendio que traga as noções exigidas no programma retro— e este compedio não existe. Não faltam nas livrarias obras de Hygiene dos mais abalisados autores nacionaes ou estrangeiros. Mas estes tratados além de complexos, nunca se occupam de uma variedade tal de assumptos.

Geralmente tratam da materia por secções especiaes e isto incorreria em obrigar o professor a possuir uma verdadeira bibliotheca sobre a Hygiene, para afinal de contas ir ensinar ás creanças do Grupo que não devem andar com os cabellos grandes e unhas sujas. Livro proprio para os professores estudarem como ensinar methodicamente a materia com o essencial apenas, não existe. Portanto, é necessario que a algum professor competente e trabalhador, seja confiada a compilação de um pequeno livro que virá sem

duvida preencher uma lacuna existente, e que representará uma facilidade para os seus collegas. Quanto ao mais, a materia não é difficil e nem mesmo se exige que seja o professor um verdadeiro cientista, para ensinar com aproveitamento noções de tal ordem rudimentares.

### CONCLUSÃO

Chegado ao fim do meu trabalho, creio ter feito alguma cousa em prol do ensino de hygiene, demonstrando principalmente as suas vantagens e a sua necessidade. Não foi a vaidade quem me levou a fazer o presente trabalho, que para mim representa apenas o grito inicial em prol da criação de uma ordem de serviços que serão bastante uteis ao Estado.

E' insignificante, eu bem o sei, a pedra que trago mas nem por isso deixa ella de representar uma contribuição. Quanto á vaidade talvez exista, de minha parte mas apenas aquella de ter procurado ser util ao meu Estado natal. E' o que tenho a dizer, com os votos que faço pelo melhor exito possivel dos trabalhos da Primeira Conferencia do Ensino Primario.

—Ass—*Oswaldo Rodrigues Cabral*. Rio de Janeiro, junho de 1927.

---

### PARECER N.º 20

A these n. 39 do sr. Professor Oswaldo Cabral é um brado á pratica de medidas e conselhos de hygiene aos alumnos das nossas escolas. Solicitando a carencia dessa disciplina tão necessaria á vida e de tão inestimaveis prestimos á hygiene dos alumnos dos nossos estabelecimentos de ensino o seu autor propõe a criação dessa disciplina na Escola Normal do Estado, professada ahi por professor cathedrático, estendendo o seu estudo e a sua pratica, sob os modos mais modestos, aos grupos escolares e escolas complementares, escolas isoladas, rurales e particulares quando estas gozarem dos favores do Estado. No seu programma expositivo elle menciona o estudo da hygiene individual, do vestuario, domiciliar bem como prelecções sobre as endemias, epidemias e molestias outras, repugnantes umas, transmissiveis

todas, com conselhos que devem ir desde a sua forma, pathogenia, transmissibilidade, acção e agentes até seus hospedeiros e sua prophylaxia. Trabalho apreciavel que denota segura orientação no assumpto e severa convicção com que o desenvolve. Entretanto, pondo de lado a real vantagem da creação da cadeira de hygiene no curso normal, por cathedratico senhor do assumpto, difficil seria extendê-lo nos mesmos moldes aos grupos escolares, escolas complementares, isoladas, ruraes, etc. por professores, que não medicos, e que não poderiam tratar com segurança do assumpto, sob tão vasto programma, onde temas ha, que mesmo em medicina, tem a sua pathogenia, prophylaxia e até a sua pathologia ainda em controversia como o sarampo, a lepra e outros. Ademais, nem de todo seria possivel o estudo de certos hospedeiros, vehiculadores de males mais communs, como as proprias verminoses, porque nem todos esses factores de propagação, são ainda conhecidos. E considerando ainda, que a hygiene já constitue uma especialidade que demanda conhecimentos regulares de histologia, pathologia e historia natural, que absurdo seria o se exigir de professores taes conhecimentos, que nem siquer aprenderam no seu curso, mas que, elevado foi o proposito do autor da referida these, a commissão dando-a por bem recebida e louvando os seus patrioticos intuitos, propõe, como synthese dos mesmos, que se indique a esta Conferência a necessidade de um livro que possa dar ao professor, quem quer que elle seja, noções de hygiene em geral a que se poderia dar o nome de *brevariario d hygiene escolar*.

A these n.º 40 do sr. cirurgião dentista Ary Machado é o grito de alarma do profissional que vê descurada pelo mundo escolar do Estado a hygiene de bocca.

Escrepta com a elegancia peculiar á cultura do seu autor, ella suggere a creação do dentista escolar, medida salutar, util e pratica, mas que ao juizo da commissão não parece e não é de facto, mais do que o comprimento de uma medida geral, mais util, mais salutar, o que é a inspecção medico escolar nos moldes e como a concebeu Dufastel e Mosny, ou ainda como se a pratica no Rio. Pela inspecção medico escolar, cada alumno terá a sua fixa sanitaria, onde assignalado será o estado de conservação do seu apparelho dentario, e, munido do seu cartão sanitario frequentará elle, a assistencia dentaria, tal como se faz ainda na França, na

Alemanha, na Suíça, na Italia e na Belgica. Pelo que, a commissão louvando a iniciativa, a idéa e os intuitos do autor da these n.º 40, suggere, a necessidade de uma assistencia dentaria ou escolar como um complemento da inspecção medica escolar.

A these n.º 44 é um esplendido trabalho do provector profissional dr. Alfredo de Araujo, e na qual o seu autor, clinico dos mais competentes, revela altos e grandes conhecimentos de hygiene escolar. Fazendo o estudo das leves molestias e perturbações, oriundas de um máo regimen escolar e do mau apparelhamento do mobiliario, com carteiras defeituosas, sem uma natural e racional distancia; da situação higienica do predio, as mais das vezes, sem aeração, iluminação e aquecimento sufficientes, passa o seu autor á serie de males dahi resultantes que retardam, se não de vez, mas temporariamente o escolar, e que vão desde a scoliose, lordose e syphise, ás myopias auditiva e visual, ao presbismo e aos desvios thoraxicos que occasionam perturbações respiratorias. Cita os jogos escolares, as mais das vezes ocasionantes de males e traumatismos e entrando na necessidade de um regimen de hygiene para o escolar, resalta a vantagem que ha, de se lhe dar noções de hygiene, que só pelo medico e não pelo professor, podem ser dictados.

Pelo que, a commissão apreciando o trabalho magistral do competente conferencista e medico, acceita as suas conclusões e approvando-as, indica á Mesa a necessidade da creação de um serviço de inspecção medico escolar como um dos factores do progresso e da grandeza da Patria.

Sala das sessões, 8 de agosto de 1927.

Ass. — Carlos Corrêa, João dos Santos Areão, Dr. Alfredo Porphirio de Araujo, (com restricções quanto ás referencias lisongeiras feitas a sua pessoa).

NOTA— Este parecer foi approved sem debates

### Emenda

... propõe, como synthese dos mesmos que se indica a esta Conferencia a necessidade da separação da cadeira de Hygiene da de Historia Natural, bem como a necessidade... etc. etc. — Ass — Galloti.

## Emenda

Requeiro á mesa que submetta á consideração da casa, a seguinte suppressão ao parecer n.º 20 «que absurdo seria o se exigir de professores taes conhecimentos, que nem siquer aprenderam no seu curso;

«do mau aparelhamento do seu mobiliario, com carteiras defeituosas, sem uma natural e racional distancia.»

Sala das sessões, em 9 de agosto de 1927. Ass. — *Mâncio da Costa.*

## THESE N.º 52

### O Ensino de Hygiene nas escolas ruraes pelo Dr. Plácido Gomes

#### SOLUÇÃO Á THESE

Apresentada ao Congresso do Ensino-Primario-Estadual, de feliz e louvavel iniciativa do actual governo dr. Adolpho Konder.

Quaes as noções de Hygiene que de preferencia devem ser administradas, nas escolas ruraes?

Propõe a introducção nas escolas publicas ruraes, de uma obra para leitura diaria, especialmente, destinada á hygiene das nossas populações agricolas.

Dr. Plácido Gomes. — (Tendo já publicado sobre medicina e hygiene: «A Freqüencia da Verminose no Estado de Santa Catharina», 1910; «Considerações Pathologicas Regionaes», 1926, apresentado ao 9.º Congresso Brasileiro; «Molestias Agudas», 1927, para divulgacão popular de medicina.)

#### (QUESTIONARIO)

Quaes as noções de hygiene que de preferencia devem ser administradas nas escolas ruraes?

Solução — Devem ser administradas, de preferencia, as noções que têm mais proxima relação com os habitos anti-hygienicos e com as molestias endemicas mais communs dessas populações.

Em nosso Estado as molestias predominantes na lavoura são o impaludismo e a verminose. E predominam de tal modo que só por si constituem a doença quasi única.

Mas como essas enfermidades se acham ligadas a um conjunto de circunstancias que as aggravam, embora virtualmente independentes, como habitos de vida, de alimentacão e de residencia defeituosas seria insufficiente e falso um ensino de hygiene rural, exclusivamente circumscripto a essas duas entidades mórbidas. Comquanto attendendo a esta ultima particularidade prophyláctica, o ensino tem que enveredar para os conhecimentos de hygiene em geral, como caminho de transito, ao attingir o assumpto especializado das duas endemias citadas e o enfermidades mais frequentes. Assim encarado, o ensino terá que ser subdividido em licções de hygiene em geral e em licções de hygiene especializada.

#### OBRA DE OBSERVAÇÃO

Antes de mais, é mister que se comprehenda que um tentamen desta natureza não pode ser elaborado de cópia.

A hygiene é uma sciencia e aqui, como algures, é uma só. Mas não seria acertado, ensinar-se em nosso meio agricola, hygiene rural de outro paiz e mesmo do nosso paiz, sem outras modificações que se adaptassem ás nossas necessidades e condições sociaes e nosographicas proprias.

Cá temos que attender á observação do meio, costumes e habitos das populações ruraes, que alteram ou solicitam processos educativos diversos. Se as molestias são universalmente eguaes e eguaes os meios de contágio e transmissão, já o não são os costumes dos diversos povos que conferem a essas mesmas molestias, modalidades dissemelhantes na frequencia do contágio e transmissão.

Aqui, por exemplo, o habito do descalçado é um processo a mais a juntar aos que se infeccionam de ankylostomiase, quando na Europa, o uso commum do calçado, restringe a frequencia desta via de inoculação pelos pés. Os ferimentos frequentes dos pés dos nossos lavradores, por motivo do mesmo habito, ferimentos e infecções muitas vezes mortaes, são tambem desconhecidos nos lavradores de outros paizes, onde o calçado é uma necessidade, como a bluzza contra o frio.

A carie precóce da dentadura das nossas populações ruraes, está em flagrante contraste com o que succede na generalidade dos paizes europeus. E pois, o ensino de hygiene rural em nosso Estado tem que se inspirar e fundamentar na observação das molestias mais communs dos nossos lavra-

dores e tambem no conhecimento familiarizado dos seus habitos domesticos. Só assim prestará serviço util e duradouro ao trabalho de prophylaxia rural, nas prelecções do ensino publico escolar primario.

### LIÇÕES DA OBSERVAÇÃO

A observação da vida do lavrador do littoral cathari-nense nos mostra que em sua generalidade, elle alimenta-se mal, erside desconfortavelmente, soffre varias endemias e ignora hygiene. Com frequencia, a alimentação habitual é incompleta, no sentido chimico e biologico do termo. A farinha e o café formam, na ração diaria o alimento mais assiduo e abundante, em detrimento da collaboração physiologica de outras substancias que compensassem o deficit chimico dos primeiros. O leite, o pão, as graxas, os assucares, chegam esporadicamente, como alimentos deshabituaes, quando o deviam ser de regra costumeira. Consequencia: o individuo resente-se da insufficiencia, fraqueja ao trabalho, multiplica cada vez mais uma descedencia débél e caminha para a inutilidade.

O desconforto da moradia, desassôalhada ou sem vidraças que lhe permittam a acção esterilizante do sól; ou ainda, toda fenestrada ás intempéries e bruscas oscillações thermometricas, provocadoras de frequentes molestias graves do aparelho respiratorio, quando não contigua a estabulos e afogada de pomares que se tornam viveiros permanentes de moscas e mosquitos, equivalentes a impaludismo, typhos e dysenterias, tudo concorre a apressar a necessidade urgente de uma reforma, a começar pelos habitos do lar e a terminar pela pratica da hygiene moderna. Que valeria, portanto, o ensino das medidas prophylacticas, contra a verminose e o impaludismo, nas escolas ruraes do Estado, se não se lhes proporciona, ao lado os conhecimentos da hygiene da habitação, dos alimentos, das véstes e dos habitos domesticos?

Um ensino desta ordem e com este fim, ha de ser forçosamente pratico, embora attingindo todos os pontos capitaes a modificar.

Pontos a desenvolver no ensino:

## DA HYGIENE RURAL

### I

TERRAS DA LAVOURA — húmidas e seccas. Suas relações com a saúde e meios de correção da humidade

AGUAS POTAVEIS — e condições de salubridade. Aguas de pôços e de rios. Construcções de pôços, economicos e hygienicos. Aguas cruas e fervidas.

### II

A RESIDENCIA RURAL — e condições do local e edificação hygienica. Residencia pobre pode ser hygienica e vice-versa. Vidraças sem janellas.

Necessidade de insolação e ventilação dos compartimentos. Vantagem da protecção ás intempéries. Vantagens da construcção sobre chão nú, em raio minimo de 50 metros, distante de bosques, pomares e capoeiras, contra pernalongos e mosquitos. Mesmas vantagens na construcção de estabulos e estrumeiras, distantes da residencia, contra moscas.

Necessidade da construcção de latrinas; sua localização. Latrina economica; a simples fôssa,

Plano a conceber na localização das varias dependencias da moradia segundo o curso do escôamento das aguas pluviaes ou subterraneas, de cima para baixo; poço, residencia e estabulos.

### III

AS VESTES — Necessidade de se vestir de accôrdo com a estação e intempéries. Vantagem do uso do calçado e tamancos nos trabalhos ruraes.

### IV

O TRABALHO — e sua hygiene. Repouso. O methodo e a ordem como factores de hygiene e prosperidade no trabalho.

### V

A ALIMENTAÇÃO — completa e deficiente. Consequencias individuaes, familiares e raciaes. Vicios e defeitos alimentares. Medidas praticas e economicas a introduzir no trabalho do lavrador para a aquisição de alimentação completa, carnes, cereaes, legumes, pão e leite. O leite como alimento de adultos e creanças. O pão domestico. Exemplos de regimens alimentares diários, indispensaveis á robustez e saúde do lavrador.

VI

A SAUDE DOS FILHOS DOS LAVRADORES — e do que depende. Regras de alimentação da primeira idade; até tres annos e posteriormente. O valor da amamentação ao seio.

Maleficios da liberdade á inconsciencia infantil e beneficios da submissão á educação domestica. Trabalho admissivel e exigivel nas creanças ruraes.

VII

METHODO PARA A CONSERVAÇÃO DA SAUDE — combate ás superstições médicas. Valor da medicina e da cirurgia actuaes; exemplos. O charlatanismo ou curandeirismo com os seus maleficios; exemplos. Necessidade do habito da consulta ao doutor em medicina e ao dentista.

HYGIENE ESPECIALIZADA

Quaes as doenças mais communs a gente da lavoura no Estado, adultos e creanças!

Impaludismo, Verminose, tuberculose, resfriados e pneumonias, dyarrhéas infantis, molestias dos dentes, ferimentos dos pés e mãos, molestias epidemicas em geral—molestias parasitarias cutaneas.

I

IMPALUDISMO — Resumo symptomático — agudo e chronico. Causas, prophylaxia e tratamento.

II

VERMINOSE — Resumo symptomático. Causas, prophylaxia e tratamento.

III

TUBERCULOSE — Idem, Idem.

IV

RESFRIADOS E PNEUMONIAS -- Idem, Idem.

V

DYARRHEAS INFANTIS — idem, idem.

VI

MOLESTIAS DOS DENTES: CARIES/ — Idem, idem.

VII

FERIMENTOS DOS PÉS E MÃOS — Idem, idem. Tétano e infecções graves.

VIII

MOLESTIAS EPIDEMICAR EM GERAL; variola, sarampo, cachumba, caimbras de sangue. Prophylaxia geral; individual ao enfermo.

IX

MOLESTIA PARASITARIAS E INSECTOS NOCIVOS E TRANSMISSORES—Moscas, mosquitos, sarnas, bicho de pé. Resumo do habitat e cyclo vital.

Meios de combate.

LIVRO A ADOPTAR E METHODO DE EXPOSIÇÃO.

O ensino terá de ser claro, conciso e pratico. o qual posto em leitura habitual e frequente, nas escolas ruraes, será como o fecho das horas lectivas.

Como processo para ensino primario, o methodo a adoptar seria o de exposição sob forma do cathecismo, mais facil á leitura e retenção de memòria. Por ex. : ao abordar o capitulo da Residencia:

A RESIDENCIA — deve ser hygienica, em lugar secco, batido pelo sol e ventilado.

— As residencias nos lugares húmidos e sem ventilação prejudicam a saúde, porque despertam resfriados, pneumonias e rheumatismos. A ventiação renova o ar respiravel e afasta os insectos nocivos, como as moscas e mosquitos.

Toda residencia deve ser assoalhada e ter, pelo menos, algumas janellas de vidro.

Casa sem assoalho e sem janellas é insalubre. O assoalho é indispensavel contra a humidade e as janellas de vidro, para que a luz entre nos aposentos. Quartos escuros e húmidos, são verdadeiros tumulos.

QUALQUER RESIDENCIA POBRE PODE SER HYGIENICA, desde que seja assoalhada, fechada contra as intempéries e contenha janellas de vidraças.

As intempéries accarretam varios inconvenientes á saúde, como resfriados e pneumonias.

A RESIDENCIA DEVE SER construida sobre o chão nú, espaço aberto em raio minimo de 50 metros, distante de bosques, pomares e capoeiras, assim como guardando a mesma distancia de estâbulos e estrumeiras.

Pomares, capoeiras e capinzaes perto da residencia, favorecem a creação e protecção de pernilongos e mosquitos, que são transmissores de molestias, como impaludismo e febre amarella. Do mesmo modo as moscas que procreiam nas estruturas, transmittem diversas enfermidades como typho e dysenteria.

**TODA RESIDENCIA** deve possuir latrina, pelo menos constituida de uma fossa ou buraco profundo.

O habito da construcção de latrinas é indispensavel porque protege a superficie da terra da infestação de muitas molestias como as dysenterias, vermes intestinaes e febres typhoides.

**NA CONSTRUCCÃO DAS VARIAS DEPENDENCIAS DAS MORADIAS** deve-se collocar o poço em primeiro lugar, em seguida a residencia e estábulos, no sentido de cima para baixo e de accordo com o escoamento das aguas.

Quando o poço é collocado abaixo da residencia, dos estabulos ou de latrinas, está sujeito a receber as immundicies que se escóam destas e agua, assim contaminada, é uma ameça constante à saude dos moradores.

Outro exemplo, ao explicar um dos capitulos de hygiene especializada, como impaludismo:

O impaludismo é uma doença que aparece quasi sempre repentinamente, com arrepios de frio, muita febre e por fim suor. A febre pode se repetir no dia seguinte, de dois em dois ou tres em tres dias; muitas vezes é continua. Quando a febre volta de mês em mês ou annualmente, chama-se chronica e deixa o doente fraco, amarello, cansado e com o baço crescido.

A febre do impaludismo é causada pela picada de uma variedade de pernilongos.

Onde não ha pernilongos, não ha impaludismo. No planalto catharinense não ha pernilongos e não ha por isso impaludismo. O insecto, tendo picado um doente desta molestia, transmitta o impaludismo a outra pessoa quando lhe suga o sangue. Assim, dentro da mesma casa, um pernilongo pode transmittir a molestia a todos.

O unico meio de evitar a febre do impaludismo é combater e exterminar os pernilongos.

Combatendo-se os pernilongos, evitam-se as febres do impaludismo:

1 — Conservando a moradia em lugar secco e afastado de pomares, pelo menos 50 metros e, dos capinzaes, 100 metros e mais. 2—Drenando os charcos visinhos da casa. 3—Fechando as janellas antes do pôr do sol e não as abrindo de manhã, senão depois do seu apparecimento. 4— Afugentando os pernilongos do interior da residencia ou exterminalos com lumaças ou queima de pós insecticidas, durante o dia.

Como veremos, os pernilongos são insectos que precisam de aguas paradas para desovar. Onde não haja aguas estagnadas por mais reduzidas que sejam, não ha pernilongos. Um caco de vidro, num quintal, é ninho para desóva e viveiro de pernilongos. Depois de nascidos, elles procuram os sitios protegidos dos ventos, como pomares, capoeiras, cafesaes. Casas contiguas a estes são portanto prejudiciaes.

Os lavradores devem empregar todos os esforços em evitar a existencia de pernilongos dentro de casa.

Ficarão assim protegidos do impaludismo e economisarão gastos com medicamentos.

Todas as pessoas doentes de impaludismo, devem se tratar com energia.

Um doente chronico de impaludismo, dentro de casa, é um perigo constante para osque estão com saude.

Sendo um doente picado por um pernilongo é de esperar que este o transmitta aos outros moradores da mesma residencia.

O melhor e mais seguro tratamento do impaludismo é tomar-se quinina, até o restabelecimento completo.

Ninguem deve perder tempo tomando outros remedios aconselhados por leigos da medicina. Quanto mais tempo se perder no tratamento, mais grave se torna o enfermo e de cura mais difficil e demorada.

A quinina cura sempre, desde que seja tomada em quantidade necessaria e com perseverança. Em caso de duvida, consulte-se o doutor em medicina.

Ainda que resumido o ensino de cada capitulo, pelo desenvolvimento da obra, os seus sentidos se devem completar, dando ao leitor uma noção geral do conjuncto e particularizada de cada caso.

Joinville, 27 de julho de 1867.—Ass.—Dr. *Placido Gomes*.

### PARECER N.º 21

Estudando a quarta commissão a these n. 52 apresentada á Conferencia de Ensino Primario pelo sr. dr. *Placido Gomes*, versando sobre a hygiene nas escolas ruraes onde se acham explanados conceitos de alta consideração e estudo, reunindo alem da parte scientifica, um acurado trabalho pedagogico que merece conhecido de todos os srs. conferencistas, já propondo a introdução de uma obra para a leitura diaria dos escolares com o preiso methodo, já historicando as molestias que são mais frequentes nas zonas ruraes e meios prophylaticos, dando prova de um conhecimento profundo da nossa gente do interiuro nos termos abaixo:

«A observação da vida do lavrador do littoral catharinense nos mostra que em sua generalidade, elle alimenta-se mal, reside desconfortavelmente, soffre varias endemias e ignora hygiene.

Com frequencia, a alimentação habitual é incompleta, no sentido chimico e biologico do termo. A farinha e o café formam na ração diaria o alimento mais assiduo, mais abundante, em detrimento da collaboraçao fisiologica de outras substancias que compensassem o deficit chimico dos primeiros. O leite, o pão, as graxas, os assucares, chegam esporadicamente, como alimentos deshabituaes, quando o deviam ser de regra costumeira. Consequencias: o individuo resente-se da insufficiencia, fraqueja ao trabalho, multiplica cada vez mais uma descendencia debil e caminha para a inutilidade.

O desconforto da moradia, desassoalhada ou sem vidraças que lhe permitem a acção esterilisante do sol; ou ainda toda fenestrada ás intemperies e bruscas oscillações thermometricas, provocadoras de frequentes molestias do aparelho respiratorio, quando não contigua a estabulos e

afogada de pomares que se tornam viveiros permanentes de moseas e mosquitos, equivalentes a impaludismo, typho e dysenterias, tudo concorre a apressar a necessidade urgente de uma reforma a começar pelos habitos do lar e a terminar pela pratica da hygiene moderna.

Que valeria, portanto, o ensino das medidas prophylaticas contra a verminose e o impaludismo, nas escolas ruraes do Estado, senão lhes proporcionam, ao lado, os conhecimentos da hygiene da habitação, dos alimentos, das vestes e dos habitos domesticos ?

E' de parecer que o trabalho apresentado pelo sr. dr. *Placido Gomes* seja aproveitado na organização dos futuros programmas que serão elaborados para o uso dos grupos escolares e escolas isoladas, bem como na obra que o governo precisa mandar organizar para guia dos professores, em virtude de não haver um livro que satisfaça a exigencia desse ensino.

Sala das sessões, 6 de agosto de 1927. Secretario — *Dr. Carlos Corrêa* — Presidente. — *Alfredo P. de Araujo* — Relator — *João dos Santos Areão*.

NOTA — Este parecer foi aprovado sem debates.

### THESE N.º 33

Exmo. Sr. Presidente da Conferência do Ensino

FLORIANOPOLIS

Lembrado, embora tarde pelo Exmo. Sr. Professor Orestes Guimarães, M.D. Inspector Federal das Escolas Subvencionadas, a escrever alguma cousa para a Conferência de Ensino, a realizar-se no mês vindouro nessa capital, resolvi fazer ligeiras considerações sobre a instrucção e educação das creanças anormaes, problema este assaz importante para a reforma do ensino.

Peço a vossa benevola attenção para as considerações abaixo nas quaes procuro mostrar a possibilidade da criação dumª classe de aperfeiçoamento para anormaes, ou classe auxiliar, nos grupos escolares, onde se fizer necessaria.

Na sessão de 14 de outubro de 1921, apparecia no Congresso Nacional o Projecto n. 480, que autoriza a criação

de escolas de aperfeiçoamento para anormaes. A principio tal Projecto causou grande sympathia, sendo então divulgado pela imprensa (jornaes e revistas, como «A Educação», «A Escola Primaria», «A Illustração Brasileira» e outras), mais tarde, porem, foi cahindo em esquecimento.

A missão social da escola é hoje, mais do que nunca, prover as crianças dos elementos necessarios para a vida pratica e activa; é formar homens de character, uteis á sociedade e á patria. Não levará, comtudo, a effeito esta sua missão, si as condições individuaes da creança não corresponderem ao methodo de ensino. Não raro se observa nas primeiras classes das escolas communs, crianças que, de forma alguma, acompanham a marcha dos trabalhos escolares: são distrahidas, muitas vezes desobedientes e malcriadas,

Será, pois, conveniente ao bom funcionamento duma escola, manter entre os alumnos taes crianças de reconhecida insufficiencia psychica? Ellas só aproveitariam si houvesse nas escolas communs uma classe adequada á sua organização psychica.

Diz o referido projecto, Art. 1º — E' o Governo da União autorizado: a) a crear escolas de aperfeiçoamento e classes especiaes, nas escolas communs, para infancia mentalmente atrazada, em cada uma das capitaes dos Estados sobre o melhor meio de tornar effectiva esta autorização, dando preferencia àquelles que para a abertura de taes escolas forneçam os predios apropriados; c) a attender á solicitação de qualquer municipio que tenha preenchido a condição final do disposto na letra b.

Porque, pois, sujeitar as crianças mentalmente atrazadas a um regimen, que lhes não convem?

A criação de escolas para anormaes, como ha noutros paizes, seria, não só dispendiosa, mas talvez, até repellida por muitas familias, que não desejariam ver seu filho em taes estabelecimentos; ao passo que pouco se teria a objectar, si a criança, matriculada no grupo escolar e observada a sua influencia psychica, fosse incluída numa classe á parte, até que estivesse em condições de acompanhar o ensino nas classes communs. Mas ha então em nossa população escolar tantas crianças mentalmente atrazadas assim, que seria necessaria uma class especial para ellas? E' quasi desconhecida a proporção da anormalidade de nossa infancia escolar, que vive miseravelmente nas ruas ou nos ser-

ções, abandonada e entregue á vagabundagem, porque, infelizmente, ainda não temos medicos escolares.

Em S. Paulo trataram de apurar o numero de anormaes nas escolas communs, e só na capital, Clemente Quaglio registrou em 24882 alumnos, 2884 anormaes, portanto 11,59%. Si se avaliasse tambem nos outros Estados a porcentagem de crianças anormaes nas escolas communs, ficaria então evidente a utilidade que ha em organizar nos grupos escolares uma classe de aperfeiçoamento, ou auxiliar, para as mesmas.

E quem dirigiria esta classe de aperfeiçoamento?

Diz o mesmo Projecto acima mencionado, Art. 2º — Para a efficiencia dos serviços com a educação desses anormaes poderá o Governo instituir no Districto Federal, um curso de pedagogia scientifica applicado aos retardados.—1º Para esse fim contractará em França ou nos Estados Unidos, professores idoneos, ou mandará a esses paizes uma commissão de medicos e professores brasileiros. 2º — Na primeira hypothese cada Estado terá direito de matricular nesse curso até cinco professores; na segunda apenas um, para a commissão.

E' sabido que aquelles paizes possuem verdadeiras autoridades no que diz respeito a este ramo da Pedagogia. Mas, por ventura, não possuímos nós tambem no Brasil professores notaveis e competentes?

Diz o Art. 3º — Ficarã sem effeito o disposto nos paragraphos 1º e 2º do artigo antecedente se dentro mesmo do paiz o Governo encontrar professores idoneos que preencham o objectivo do projecto, e com os quaes contractará.

Seria, segundo a minha fraca opinião, conveniente, depois de se lançar as bases para a educação dos anormaes no Districto Federal, extender tambem este curso ás Escolas Normaes dos Estados, onde seriam ministradas aos normalistas as noções mais necessarias para a manutenção da classe especial nas escolas communs, onde se achar necessaria.

Dada, pois, a possibilidade da criação duma classe de aperfeiçoamento nos grupos escolares, pergunto agora, se daria ella de facto resultados uteis á sociedade?

Por um methodo racional e individual, combinado com o tratamento medico correspondente á maior ou menor gravidade dos casos tem-se conseguido melhorar consideravelmente, na Alemanha, a capacidade physica, intellectual e moral de cerca de 70% dos anormaes nos diversos estabe-

lecimentos profissionaes, de tal forma a torna-los aptos para exercer um officio ou emprego, onde ganham a sua existencia. Submettidas, pois, as creanças a um tal tratamento, sob a direcção de especialistas e professores idoneos, não ha um unico caso onde não seja possivel melhorar o nivel intellectual e moral das mesmas.

E' pois, concludente, que ao nos occuparmos da reforma do ensino neste Estado, não nos esqueçamos tambem de soccorrer aquellas crianças, cujas debilidades intellectual e moral facilmente levaria ao crime.

A educação destas crianças, não só constitue hoje parte integrante de toda a instrucção bem diffundida e organizada, de que este Estado se pode ufanar, mas é tambem uma obra nobre e de reconhecido valor patriotico.

Queira a Conferencia do Ensino, que seriamente encara o delicado problema da instrucção publica, acolher com sympathia as suggestões que acabo de apresentar. Talvez se poderá instituir no proximo anno, na Escola Normal deste Estado, um curso de pedagogia applicada aos retardados, para experiencia.

Blumenau, 22 de junho de 1927.— Ass — *Alberto Ferraz*.

## PARECER. N° 22

A 3ª. commissão estudando a these n° 33, apresentada pelo professor Alberto Ferraz, relativa ao thema «ligeiras considerações sobre a Instrucção e educação das crianças anormaes.» chegou ao seguinte parecer:

### PARECER

A these apresentada não deixa de ser importante no seu ponto de vista, já pelo modo intelligente com que foi elaborada, já pelo fim nella collimado.

Todavia a commissão é de parecer que para a fundação de taes instituições ainda não chegou o momento propicio, tanto para o país como para o Estado:

1 — Porque o Estado não está em condições de custear o aparelhamento das mesmas.

2 — Porque taes estabelecimentos requerem um corpo docente especializado na parte pedagogica referente ao tratamento dos anormaes.

3 — Porque não possuímos taes professores especialistas.

4 — Porque os cursos de anormaes exigiriam a criação do cargo de medico escolar, medida, em si muito louvavel, porem inexequivel.

5 — Em virtude da prevenção provavel contra taes estabelecimentos, por parte dos paes, que não permittiriam a inclusão de seus filhos em classes de anormaes.

Pelas razões expostas a commissão opina que não devem, por enquanto ser postas em pratica as medidas suggeridas pelo professor Alberto Ferraz.

Sala das sessões, 6 de agosto de 1927.

Ass — *Irmã Bernwarda* — Relatora — *Mario Garcia* — Presidente, *Hercilio Zimmermann* — Secretario.

## Emenda

Que seja indicado á Mesa a criação da Inspecção medica escolar, como um dos elementos de selecção entre os fal-sos anormaes e os anormaes.

9 — 8 — 27. — Ass — *Carlos Correia*.

## THESE N° 32

### Requisitos de uma boa pergunta

John Gregory, ex-presidente da Universidade Estadual de Illinois, no seu preciosissimo trabalho — As sete Leis do Ensino, (1), resume a do Processo de ensinar nesta aurea regrinha: Aceitar e dirigir as actividades proprias do alumno, e nada lhe dizer que elle possa aprender por si mesmo.

Ensinar, pois, requer observações que fogem ao preparo intellectual do professor e se focalisam no alumno.

O alumno está sendo agora, em nossa terra, mais estudado, mais comprehendido, graças ás modernas conclusões

(1) Já em Português, edição da Casa Publicadora Baptista, Rio. Nesta obra o grande educacionista, em capitulos especiaes, trata da lei do Professor, do Alumno, da Linguagem, da Lição, do Processo de Ensinar, do Processo de aprender e da lei da Revista.

de pedagogia que o considera o objectivo em derredor do qual giram os methodos, o equipamento, a disciplina, tudo. Assim o que contribuir possa para a direcção sabia das actividades proprias do alumno, deve ser cuidadosamente empregado como excellentes material no processo de ensinar, predominando sempre a preocupação de nada ser transmitido pelo professor que o alumno possa aprender por si.

O verdadeiro ensino, não è aquelle que dá conhecimento mas o que estimula o alumno a ganha-lo (este conhecimento), o que levou o illustre pedagogo citado a observar: *ensina mais o professor cujos alumnos aprendem mais sem serem ensinados.* (2)

A moderna pedagogia chegou á conclusão brilhante de que «ensinar é a arte de estimular o desenvolvimento da intelligencia». Já lá vae o tempo dos grandes torneios da memoria e da intoxicação litteraria.

Hoje o que se recommenda e logra resultados surpreendentes impossiveis em outros tempos, apesar de optimos equipamentos e professores eruditos, é «acordar e usar a mente do alumno, de modo a formar nelle a concepção ou pensamento desejado». E esse acordar e esse usar da mente do alumno de modo que elle seja «não apenas um receptor da verdade, mas um descobridor da verdade», se consegue, integralmente, na applicação do verdadeiro estimulante da mente HUMANA — A PERGUNTA.

A pergunta, surge, assim, como elemento precipuo do processo de ensinar; e a *bôa* pergunta, a que estimula a intelligencia do alumno, desde o velho Socrates, vem sendo o *pivot da arte de ensinar*.

O professor H. H. Horne, do «Darmouth College» E. Unidos, escreveu precioso trabalho sobre a *Arte de fazer perguntas*, (3) que um illustre amigo meu o rev. dr. William Kerr, passou para o portuguez, um livrinho que deve figurar em toda a bibliotheca de professor «como um dos melhores subsidios para a difficil arte de ensinar pelo methodo socratico». Para assignalar o alto valor deste trabalho do

(2) E' com grande prazer que dou o testemunho de que há no Grupo Escolar Lauro Müller uma professora que realiza esta sabia conclusão do grande Gregory. Acompanhando os estudos de meus filhos noto num delles o reflexo apreciavel dessa criteriosa observação do mestre americano.

(3) Editado pela União das Escolas Dominicães do Brasil — rua 1º de março 6, 1º andar.

dr. Horne, citarei apenas o reflexo que delle se nota numa das mais valiosas obras nacionaes ao aspecto educacional: — A Escola Brasileira — do grande pedagogo paulista dr. João Toledo.

Foi inspirado neste trabalho, sentindo-lhe a sua extraordinaria valia, tendo mesmo applicado na minha vida de professor muitas das suas recommendações, que resolvi, quasi ás portas da abertura desta Conferência, trazer-vos algumas considerações sobre os *Requisitos de uma bôa pergunta*.

João Toledo, o illustre Inspector Geral do ensino em S. Paulo, já mencionado nesta these, salienta, em erudito trabalho, (4) a justeza da regra de ensinar de John Gregory quando diz: «A educação da criança é um producto directo de sua propria actividade que o mestre organiza, guia e dirige. Essa actividade ou esforço mental intimo, para comprehender e sentir e para exteriorisar em actos as ideas e as emoções, é o agente educativo por excellencia, o unico de defeitos reaes e impereciveis». E, considerando o processo de ensinar pela arguição, acrescenta: o chamado processo socratico tem virtudes educativas soberanas e torna-se, por isso, nas classes elementares, recommendavel sem restricções. Elle faz pensar, e, pensando, chegam as crianças ao conhecimento de verdades novas, ou á correção de erros em que porventura estejam incidindo. E mais adiante conclue: «A eficiencia deste processo depende, em grande parte, do modo pelo qual as perguntas são formuladas e dirigidas aos alumnos, pois a arte de interrogar tem segredos que só a intuição innata ou um estudo acurado revelam.»

Consideremos pois alguns desses segredos da arte de interrogar, fixados em tres *Requisitos de uma bôa pergunta*:

#### I — A BOA PERGUNTA DEVE SER CLARA

Todas as obras por nós consultadas para a exposição presente e que vão recommendadas, na bibliographia, salientam, como primarcial, este caracteristico de uma boa pergunta. «A pergunta deve ser expressa em linguagem simples, linguagem que como o assumpto esteja ao alcance da criança.» Horne admiravelmente observa: A pergunta é apenas o meio de comunicação do professor com a intelligencia do alumno, e não deve ser prejudicada por uma linguagem dubia ou ambigua. Pelo contrario, deve ser tão trans-

(4) Escola Brasileira, edição da Imprensa Methodista, São Paulo — 10 ruas da Liberdade 117.

parente como o crystal e tão brilhante como uma joia. Ella é a lente atravez da qual o discipulo vê o que o professor deseja delle, e nella não deve haver pontos opacos.»

## 2 — A BOA PERGUNTA DEVE SER BREVE

Ensina João Toledo que as perguntas devem ser curtas, mas que exprimam o desejo completo do arguente em relação á resposta esperada. Ao que Horne acrescenta: «Tem-se dito que a concisão é a alma do raciocinio; pode-se dizer que a concisão é o que dá á pergunta a scintilla da vida. A pergunta breve, penetrante e rapida, desperta a classe como um choque electrico. A pergunta demorada, vagarosa, complicada, propaga uma especie de lethargia, que torna a classe inerte. Os profsssores falam muito e os alumnos pouco. E' este provavelmente o peccado dominante da profissão. O golpe rapido e certo decide.

## —A BOA PERGUNTA DEVE ESTIMULAR O PENSAMENTO.

« O horizonte mental da criança alarga-se quando ella mesma aprecia as cousas e os factos, quando ella pensa e exprime um juizo seu, proprio, acerca do objecto de seu estudo. « Sheridan (5) escreveu: O alumno interrogado em vez de ficar advinhando, precisa pensar; ao que a sabedoria do dr. Horne acrescenta: O discipulo deve participar no ensino de si mesmo. Deve haver um esforço mental em cada resposta. Perguntas destas instruem; são verdadeiramente socraticas. E' erroneo pensar que Socrates foi um mero perguntador. Platão (Menão) mostra que Socrates fazia a resposta desenvolver da mente do alumno; e isto faz de Socrates o mestre do mundo na arte de interrogar. Ao estudo e observação dos illustres professores, deixamos aqui essa tripeça em que, a nosso ver, se firma a efficiencia de uma boa pergunta, condição precipua no processo de bem ensinar.

E, á guisa de suggestões, vamos a enfileirar um punhado de bons conselhos, dez, colhidos aqui e alli no estudo desta pequenina these.

I — Faça-se a pergunta antes de dar o nome do alumno que deve responde-la.

(5) Harold J. Sheridan e G. G. White, Aprender e Ensinar — Edição da Imprensa Methodista de S. Paulo.

2 — Não se interroguem os alumnos sempre na mesma ordem.

3 — Evite-se repetir a pergunta uma vez bem feita. Si o alumno chamado não a souber responder, decline o nome de um outro sem repetir a pergunta; tres ou quatro não a podendo responder, é que a pergunta foi mal feita; formule-a de novo, conservando-lhe a essencia e mudando apenas a formula.

4 — Deve haver uma pausa depois da pergunta e antes de se nomear o alumno, que deve responder, para que todos na classe pensem na resposta. Cada mente é assim posta em actividade.

5 — Evitem se as perguntas que tenham como respostas um sim, ou não.

6 — A pergunta não deve ser facil demais, nem deve ser difficil demais.

7 — Reprima a sua impaciencia, de modo a que possa esperar que o alumno dê a sua propria explicação, sem lhe tirar as palavras da bocca; do contrario elle se resentirá, irá queixar-se aos companheiros e dizer-lhes que teria respondido direito se lhe desse tempo para isso.

8 — Procure sempre em todas as lições excitar novo interesse e actividade. Dê aos alumnos perguntas para investigarem fóra da classe. A lição que não finda com novas perguntas, finda mal.

9 — A resposta errada, as mais das vezes, é filha de uma pergunta mal formada.

Muitas respostas consideradas más não o são de facto, pois constituem aspectos do assumpto que não importam no momento. E' util preparar as perguntas e tambem pensar varias respostas que se lhe podem dar.

10 — E para concluir: «Fale o mestre sem gritar; não apresse a linguagem; fale e faça o alumno falar tambem; dentro da lição, escute o que elle quizer dizer; não o interrompa com frequencia para o corrigir, nunca revele enfado, ao contrario, sintam as crianças o seu interesse em ouvi-las, pois seu entusiasmo será a alma da lição.»

Ass.—Laercio Caldeira de Andrada, Director do Instituto Commercial de Florianopolis.

Florianopolis, 25 de julho de 1927.

## BIBLIOGRAPHIA

John M. Gregory, L. L. D. *As sete Leis do Ensino*, casa Publica-

dora Baptista, Rio, cap. VI — *A Lei do Processo de Ensinar* especialmente.

De Garmo, *Interest and Education*, chapter XIV.

Harold J. Sheridan e G. C. White *Aprender e Ensinar* edição Imprensa Methodista, S. Paulo, cap. XVII. *Como se fazem perguntas, passim*.

João Toledo — *Escola Brasileira*— edição Imprensa Methodista S. Paulo pgs. 235—154.

Fich, S. G. -- The art of Questioning, in « The Teacher, Mentor. C. W. Bordeen, Syracuse, N. Y.

Rev. dr. H. H. Horne *A Arte de Fazer Perguntas* — Pags. 7 a 15 especialmente — Edição Charles. A. Oliver — *Preparação de professores* Quinta parte, ps. 173 a 201, edição Imprensa Methodista, S. Paulo.

João Toledo — *Crescimento Mental*, ed Imprensa Methodista S. Paulo. Especialmente pags. 256 a 280.

George H. Betts. *Como se ensina a religião*—cap. I e XI — pags. 13—30 e 214 a 235.

Platão, *Meno Protagoras e Republica*.

## PARECER N° 23

Considerando a these n° 32 apresentada pelo competetissimo educador sr. Laercio Caldeira de Andrada sobre « Requisitos de uma boa pergunta » — damos o seguinte parecer.

### PARECER

Estamos de pleno accordo com os requisitos apresentados pelo referido professor, a respeito de se formular uma boa pergunta.

Aliás é esse o processo usado nos nossos grupos escolares pelos mestres mais abalizados.

A generalização dessa forma do perguntar deve preoccupar a atenção dos directores de estabelecimentos de ensino e dos professores primarios, motivo porque achamos de muita utilidade tirar-se copia dos requisitos contidos nas paginas 3 e 4 da valiosa these, para serem distribuidas entre os professores do Estado.

Sala das sessões, 6 de agosto de 1927. — Ass — *Irmã Bernwarda* — Relatora; *Hercilio Zimmermann* — Secretario; — *Mario Garcia* — Presidente.

NOTA — Este parecer foi approved sem debates.

## THESE N° 7

### Como deve o Estado encarar o Ensino Profissional

Desenvolvida e apresentada por Heitor Thomás da Silveira, professor no Grupo Escolar «Professor Joaquim Santiago» de Joinville.

ADVERTENCIA — Encarando o ensino profissional na forma que julguei dever o Estado encarar, foi que tracei as presentes considerações.

Muito francamente, quem apreciar o presente trabalho pode ficar sabendo que o seu autor não teve competencia para mais. O amor ao ensino e o esforço de collaborar, ao menos desta maneira, na Conferencia, obrigou-me a dar o que tinha.

Releve a mesa a pequenez do subsidio e digne-se aceita-lo, não deixando de considerar que o inutil que aqui houver, pareceu, ao autor, de alguma utilidade.

Por esse motivo, ficará capacitada a força do autor neste ramo de educação.

Seja a Conferencia de grande utilidade pratica.

Ass. — *Heitor Thomás da Silveira*.

O ENSINO PROFISSIONAL — O analfabetismo é um dos grandes males que atacam o Brasil — ouve-se a cada instante, a cada hora. Os jornalistas, os professores, os governos, todos, profligam esse cancro terrivel que tanto deprecia nossas condições moraes, sociaes, politicas, religiosas e economicas. Poucos são, creio, os paizes que falam tão mal de si mesmo. Nós entramos nesse pequeno numero. E tudo por via do analfabetismo. Ha, porem, má comprehensão do nosso atrazo. Comprehende-se que somos atrazados porque nosso povo não sabe ler nem escrever; e julga-se que preenchen-do essas lacunas, ha probabilidades de progresso. Ainda mais se afeiçoa essa concepção quando notamos que os que leem e escrevem é que alcançaram um emprego no commercio ou nas repartições publicas. Os analfabetos são os roceiros, os quitandeiros quando muito. E quanto mais alfabetizados ha, menos progresso nas profissões, mais candidatos a empregos e crescente o numero de desoccupados, descontentes, geradores da miseria, da ociosidade, da anarchia.

Observe-se que as nossas cidades tem grande numero

delles. Poucos são os que moram, nas colonias. Porque? Acham que como educados, não podem tomar á frente, obra de analfabetos . . . Eis o nosso atrazo . . . Por ali é visível que mister se faz uma obra que faça o povo trabalhar. Sem o trabalho não haverá transformação alguma e por consequente, progresso. Considera-se que a educação è frequentar o grupo escolar e escola complementiar. E' incompleta, e integralisa-la deve ser o educacional objectivo.

A educação profissional em connexão com a educação intellectual eis o valioso tentamen que solucionará o problema do progresso do nosso Estado. Escolas de todos os generos e de todas as profissões educação profissional e technica deve ser o assumpto da diffusão do ensino em Santa Catharina. O que são a Alemanha, a Inglaterra, os Estados Unidos da America do Norte? São nucleos de labor, de trabalho, de progresso. Cada homem, cada operario, tem a sua profissão nella mais ou menos aperfeiçoado. E o Genero e o producto sae dalli manufacturado, prompto quer para o consumo local, quer para a exportação, e que assim dilata o valor economico e politico da nação.

Foi talvez considerando os magnificos resultados que ha de produzir o ensino profissional, que o governo do Estado formulou como these para a Conferencia de Ensino a questão **COMO DEVE O ESTADO ENCARAR O ENSINO PROFESSIONAL.**

A efficacia da educação profissional será um facto. Inumeros moços para quem a vida é um pesado fardo, incapazes para a lucta, percebendo o peso esmagador da propria vacuidade, moços nullos pela guerra entre a moral hereditaria do lar e as faltas que os atenazam e que vão formando lugubre batalhão dos derrotados da vida, encontrarão uma forte felicidade. Na Camara Federal, em 1916, o dr. José Augusto valoroso paladino da campanha pela educação nacional, perguntava: «Como melhorar e fortalecer a economia nacional se não cuidamos precipuamente de preparar o principal factor — o homem — dando-lhe solida educação profissional e technica?»

O Estado deve pois encarar o ensino profissional como um grande factor do nosso desenvolvimento economico, uma força propulsionadora do nosso progresso, um dos melhores meios de completar a educação nacional.

Para uma completa organização de estabelecimento es-

colar desse genero, um preparado corpo de professores indicará e suggerirá programmas ou regimentos,

Julgo desnecessario dizer por outras palavras o que o professor João Luederitz relatou ao sr. Ministro da Agricultura no governo de Epitacio Pessoa, e que vem a pélo em tão oportuna occasião: a) Deve ser dado ensino profissional a menores e adultos de ambos os sexos; os menores podem ser analfabetos ou ter conhecimento das primeiras letras e saber contar (isto é: ter o nosso ensino elementar commum); os adultos podem ser operarios ou empregados do commercio ou mesmo funcionarios com ou sem cultura intellectual rudimentar.

Assim impõe-se desde logo o agrupamento dos cursos em:

- 1 — Cursos de adaptacão;
- 2 — Cursos profissionaes;
- 3 — Cursos de aperfeiçoamento.

Os cursos de aperfeiçoamento, dados de preferencia á noite, pois a elles affluirão os operarios, empregados e funcionarios que durante o dia estão nas suas occupações, com que garante o seu meio de vida, deverão offerecer oportunidade ao operariado de aprender, tanto as primeiras letras, como os aperfeiçoamentos mais modernos de suas profissões.

Os cursos profissionaes devem poder attender as exigencias do meio industrial local e ao possivel desenvolvimento, com secções de actividades humanas diversas, variaveis conforme o caso.

Os cursos de adaptacão podem servir de transição das escolas elementares para os cursos profissionaes, pois, seria impossivel dar ensino technico a alumnos com preparo rudimentar das escolas publicas.

b) O ensino nos cursos profissionaes deve ser strictamente adaptado ás finalidades visadas, isto é: deve consistir no estudo de humanidades indispensaveis á cultura intellectual, que precisa ter um profissional moderno, por um lado e por outro, na aprendizagem das tres disciplinas que caracterizam um operario de preparo technico: desenho industrial, technologia e pratica dos officios correlactos, agrupados em secções de quatro a quatro e que abranjam a especialidade que define a profissão.

No curso de adaptacão, como muito bem explica o termo, devem ser ensinadas humanidades complementares, que

ampliem os conhecimentos do alumno elementar, para torna-lo capaz a vir receber na escola profissional technica os ensinamentos do urso acima citado.

No curso de aperfeiçoamento devem vir completar seu preparo os operarios, que em seu tempo de aprendizagem pelo antigo methodo e estagio longo em officinas, não puderam adquirir os conhecimentos indispensaveis ao operario moderno.

O ensino nessas condições requer naturalmente uma distribuição toda especial de dependencias adequadas para aulas theoricas-praticas e de aprendizagem; exige um corpo de professores capazes de administrar conhecimentos scientificos, uteis ao alumno que visa aprender uma profissão; necessita absolutamente de officinas installadas modestas, mas racionalmente e, antes de tudo precisa de um programma que, sem fatigar inutilmente o alumno com exposições e de monstrações theoricas e abstractas não tenha porem, falhas de indispensaveis disciplinas, sem as quaes ficaria incompleta a educação technica.»

No Brasil — vasto paiz que é — tudo é incipiente em materia de industria; o movimento industrial que temos — infimo que o é em proporção com as nossas vantajosas condições — é rudimentar; não ha tradições nem aggremações com programma educativo que esteja em condições de servir de referencia. Os nossos operarios fizeram-se nas proprias officinas, sem educação technica, sem nada a não ser a simples pratica.

Provam-no os operarios que abundam nas cidades industriosas de Joinville e Blumenau. «O operario que tem algum preparo vem da Alemanha ou da Suissa. Os daqui são meros serviçaes.

Precisamos diz o citado professor do operariado com cultura geral, sufficiente para acompanhar os progressos modernos da technica, mas não devemos esquecer que antes de tudo, o objectivo da educação de operario, é preparar homens capazes de serem uteis á sua patria produzindo e isto com certa urgencia; logo da escola o aprendiz-artifice deve sair com uma dada profissão e conhecer as que podem, relacionar-se com ella.»

Quando pudermos produzir com perfeição e fartura tudo o que consta de artes decorativas, trabalho em madeiras, construcções mecanicas, construcções metallicas electrotechnica, artes graphicas, artes textis, trabalhos em couro, acti-

vidades commerciaes, actividades ruraes, industrias domesticas, trabalhos manuaes e tudo que requer indispensavel consumo, então Santa Catharina poderá se orgulhar de ser um Estado civilisado.

E isso só poderá ser conseguido se montarmos officinas, pondo como director um contra-mestre habilidoso e laborioso, chefe, amigo e educador da sua turma de alumnos que com elle queiram aprender o officio.

### CONCLUSÃO

Faço idéa de que se o Estado conseguisse adoptar o ensino profissional nos moldes que este illustre educador mineiro apresenta e eu venho ellucidando com minhas rudimentares considerações, relevantes seriam os resultados.

Não podendo e não devendo o governo começar a fazer despesas sem conveniencia certa, haverá por bem fundar uma escola profissional a titulo de experiencia, e conforme os resultados ou diffundi-lo ou suspende-lo.

Será grande a despesa na elaboração dessa instituição, porem compensador o fructo, estou certo.

Não mais se estende sobre o assumpto a minha opinião. Basta.

Ass. — *Heitor Thomàs da Silveira.*

### PARECER Nº 24

Parecer sobre como deve o Estado encarar o Ensino Profissional

A segunda comissão suplementar considerando a these n. 7 do professor Heitor Thomàs da Silveira, que desenvolveu a suggestão official n. 14 COMO DEVE O ESTADO ENCARAR O ENSINO PROFISSIONAL, nota que o seu autor, trouxe á Conferencia o concurso da sua intelligencia e o seu amor ao ensino, estudando o assumpto com carinho.

Acha o professor Heitor Silveira que o Estado deve encarar o ensino profissional como um grande factor do nosso desenvolvimento economico, uma força propulsora do nosso progresso, um dos melhores meios de completar a educação nacional.

E cita as palavras do conhecido especialista em escolas profissionais, professor João Luederitz, traçando o programma apresentando ao sr. Ministro da Agricultura no governo Epitácio Pessoa, programma que divide o ensino em:

- a) — Cursos de adaptação.
- b) — Cursos profissionais.
- c) — Cursos de aperfeiçoamento.

A these é interessante e tem um caracter informativo bastante precioso. A comissão, pois, a recommenda á consideração e estudo desta Conferencia.

Sala das sessões, 8 de agosto de 1926. — Ass. — *Laercio Caldeira de Andrade*—relator;—*Albano Monteiro Espinola*—Secretario;—*Beatriz de Souza Brito*—Presidente.

## THESE Nº 4

### Exmos. Srs. Membros da Comissão Preparatória da Conferência Estadual de Ensino Primario

De accordo com a circular n. 7, de 20 de janeiro do corrente anno, elaborei um pequeno trabalho para a Conferência, concernente á

#### THESE N. 11

**Ha vantagem em descongestionar o Ensino Normal e o Complementar, no Estado, do acervo de disciplinas que os compõem ?**

Decidi discutir sobre este ponto, por eu mesmo ter experimentado o excesso de materia, nas diversas disciplinas, como ex-alumno da Escola Complementar de Lages, da Escola Complementar de Blumenau e da Escola Normal Catharinense.

Relativamente a este ponto tambem se refere o grande pedagogo sr. Orestes Guimarães no seu livro **SUGGESTÕES SOBRE A EDUCAÇÃO POPULAR NO BRASIL**, nas paginas ns. 112 e 113, attinente aos programmas e o estagio escolar.

Acho tambem eu, que os programmas são demasiadamente extensos para serem de todo e convenientemente ex-

gotados, e vi que os programmas, (durante a minha frequencia nas referidas escolas estive sempre munido de um programma e podia assim confrontar no fim do anno lectivo a materia dada pelo professor e de quanto se compunha os mesmos) não estava esgotado, ou não era sufficientemente explicado e por isso tambem não assimilado por nós alumnos. Notei tambem o mesmo facto com o meu irmão que ha dois annos terminou o curso complementar em Blumenau. Em São Francisco na minha gestão no Grupo Escolar Felipe Schmidt, aconteceu o mesmo, os professores foram incapazes de esgotar o ensino das diversas disciplinas ou explical-as claramente.

Por isso acho acertadamente em descongestionar o ensino normal, principalmente o complementar e até o dos Grupos Escolares.

Baseio-me tambem na asserção «que pouco, bem sabido, vale mais do que muito, mal sabido.» Pois um saber modesto, bem comprehendido, tem sem duvida, muito mais valor, do que um extenso ao qual falta firmesa, segurança e clareza.

A força de toda illustração do espirito, consiste no profundo conhecimento e comprehensão da materia.

Dá-se com o aprender, ou com a percepção do alimento espiritual o mesmo como na alimentação corporal: O alimento não somente quer ser ingerido, mas tambem quer ser digerido, e cada sobrecarga do estomago estorva a digestão e prejudica a alimentação do corpo, ao envez de favorece-la.

O mesmo facto se dá na aprendizagem: Cada exaggero com disciplinas atraza o desenvolvimento intellectual. O alimento espiritual não deve somente ser apreendido mas tambem assimilado e incorporado á imaginação perceptiva e deve passar, como se diz, figuradamente, «in sucum et sanguinem».

Faltando isto, não haverá eficiencia intellectual, e nem poderá resultar dahi seguro dominio do saber.

A illustração não consiste na quantidade do saber, mas sim no profundo conhecimento do mesmo.

Tambem não consta sómente na apprehensão do estudado, porem, é preciso que os conhecimentos possam facilmente ser reproduzidos e que a memoria os revele quando delles se necessitar.

Para isto deve haver associação das disciplinas para im-

plantá-las convenientemente em a intelligencia, concentrando-as.

Havendo porem, acervo de disciplinas, o professor impossivelmente poderá effectuar este trabalho psychologico, por faltar-lhe para isso o tempo necessario. (Obra consultada *Pädagogische Psychologie* de L. Habrich).

São Bento, 28 de junho de 1927. — O Director. — (Ass.)  
*Germano Wagenführ.*

## THESE N. 5

These apresentada pelo Inspector Escolar Luís Sanches Bezerra da Trindade.

11ª -- Do descongestionamento do curso complementar, do acêrvo das disciplinas e da ligação do referido curso com o primario.

### EXPOSIÇÃO

As escolas complementares estão satisfazendo as exigencias hodiernas; estão preparando os futuros professores da melhor maneira e no mais alto grau possivel ?

Ellas, de facto, tem melhorado o professor, porem a sua organização apresenta falhas que as inhihem de produzirem os fructos collimados. De um lado, temos a considerar as falhas dos programmas de ensino que não foram, como deviam, organizados de modo que o estudo no curso complementar fosse a sequencia do curso primario.

De outro lado, resentimo-nos de docencia nos referidos estabelecimentos.

Ha actualmente nas escolas complementares apenas dois lentes, cuja nomeação obtiveram depois de se submeterem ao concurso exigido pelo regulamento. Na maioria das Escolas os docentes são interinos: professores dos Grupos Escolares que percebem uma gratificação mensal de cento e dez mil reis pelo serviço que prestam.

Ha ainda a categoria dos provisórios que percebem duzentos mil reis para leccionarem somente no referido curso.

Os primeiros, isto é, os professores aproveitados dos grupos, apesar do esforço que fazem e do qual podemos dar provas, pelas inspecções que temos feito nos referidos

curso, não podem dar pleno desenvolvimento ás suas disciplinas.

O trabalho de cinco horas no curso primario é esta-fante, e, ainda mais tres 1;2 horas no Complementar!!!

Que tempo resta para preparo das lições e para o des-canço tão necessario ao educador?!

Os professores provisórios são em geral pessoas que não vivem só dos proventos desse cargo. Tem outras oc-cupações. O cargo de professor é um achego para melho-rar as condições de vida! Em geral taes professores, não se podem dedicar, como deviam á causa do ensino. Tem a maior parte do tempo absorvido em outros misteres.

O professor deve viver para a sua profissão; desde que se envolva em outros affazeres o ensino será prejudi-cado.

Melhorar a docencia das Escolas Complementares, é pois, necessidade inadiavel, augmentado é claro, os seus proventos.

Oxalá fosse possivel provêr todas as cadeiras das Com-plementares com professores idoneos, cuja idoneidade fosse comprovada pelo concurso de que fala o Regulamento!

Temos entretanto, obtido resultados, si bem que não sejam os almejados, porem, esses são devidos quasi que uni-camente á dedicação ou melhor ao sacrificio do professo-rado.

Com melhores proventos teriamos docencia apropriada e, attendendo a abnegação do actuaes professores, podemos affirmar que as Escolas Complementares preencheriam ca-balmente os fins a que se destinam.

As Escolas Complementares creadas no Estado pelo decreto n. 604, de 11 de julho de 1911, tinham por fim com-pletar o ensino dos Grupos Escolares e facilitar o accesso á Escola Normal conforme verificaremos pela leitura dos considerandos do supra citado decreto, abaixo transcripto:

«Considerando que para tornar a reforma da Instruc-ção Publica, ultimamente decretada, em virtude da autori-zação contida na Lei n. 846, de 11 de outubro de 1910, um corpo de disposições capazes de preencher na pratica pela correlação e efficacia das suas applicações ao objectivo ba-sico da reforma, que é a formação do professorado, pelo ensino profissional;

Considerando que uma *transição sensível* existe entre a instrução ministrada nos grupos escolares, e a que constitue desde o primeiro anno, o curso da Escola Normal, que convem ser facilitado aos candidatos ao magisterio publico, que nem todos podem permanecer na Capital, pelo tempo daquelle curso exigido, ou porque difficeis são as communicações com os pontos centraes do Estado, onde residem ou porque circumstancias outras de natureza economica ou de regimen domestico embarcem aquella permanencia, e, que do conjuncto dessas circumstancias resulta ficarem inaproveitadas decididas vocações para aquelle nobre sacerdocio;

Considerando que é de toda a conveniencia o ensino intermedio que o facilite aos alumnos que completarem o tirocinio escolar, a matricula na Escola Normal, em condições de abreviar o tempo do curso, sem prejuizo do preparo profissional, exigido;

Considerando que tal objectivo será conseguido com a instituição de Escolas Complementares, organizadas sob o regimen adoptado na citada reforma.

Resolve crear no Estado ad referendum do Congresso Representativo, Escolas Complementares, sob o regimen do Regulamento que com este baixa, assignado pelo Secretario Gerál dos Negocios do Estado».

O decreto nº 1204, de 19 fevereiro de 1919, reformou o primitivo regulamento, com o intuito de se obter a intima ligação entre as escolas Complementares e Normal.

«DECRETO: nº. 1204, de 19 de fevereiro de 1919.

O Engenheiro Civil Hercilio Pedro da Luz, Vice Governador no exercicio do cargo de Governador do Estado de Santa Catharina.

Considerando a *intima ligação* existente entre as Escolas Complementares e a Escola Normal Catharinense;

Considerando que todas as modificações feitas no regimen deste estabelecimento devem ser adaptadas ás Escolas Complementares;

Considerando que, em virtude da reforma feita no regulamento e programmas da Escola Normal, devem as Escolas Complementares ter novo regimen.

DECRETA:

Art. 1º. — Ficam approvados o Regulamento e Program

mas de ensino das Escolas Complementares, que com este baixam, assignados pelo Secretario do Interior e Justiça.

Art. 2º. — Revogam-se as disposições em contrario.»

Entretanto quando se reformou os programmas dos Grupos Escolares ( Decreto n. 1322, de 29 de janeiro de 1920 ), não se cogitou da necessidade de fazer a intima ligação entre os programmas existentes (os das complementares) e os dos Grupos que estavam sendo reformados!

Como vimos o programma em vigor nas Escolas Complementares é approvedo pelo Decreto nº 1204. Penso: estes não resolvem a situação do ensino quanto á seriação desejada e aliás tão necessaria.

Relacionou o curso das Complementares com o da Normal, porem commetteu o erro de não coadunar o ensino dos primeiros, isto é, das Escolas Complementares, com o dos Grupos Escolares.

Uma ligeira leitura dos programmas questionados faz resaltar esta grande falha, que fatalmente accareta serios prejuizos ao ensino.

Vejamos algumas provas.

O programma de português dos quartos annos dos Grupos Escolares é o seguinte:

A — *Leitura e linguagem oral*

1 — Leitura corrente e expressiva

2 — Estudo completo da significação das palavras da lição; sentido real e figurado; synonymos, antonymos, homonymos; palavras de significação analoga.

3 — Reducção de verso a prosa.

4 — Estudo dos signaes de pontuação para os efeitos da leitura.

5 — Exercicios de declamação.

B — *Grammatica*

1º — Estudo elementar completo das categorias grammaticaes.

2º — Divisão do periodo em orações. Nocões summarias sobre a classificação das orações.

3º — Conhecimento elementar completo do sujeito e predicado e complemento.

4º — Applicaçào dos conhecimentos da analyse syntactica no ensino elementar da concordancia, regencia e collocação.

5º — Estudo elementar de pontuação.

C — *Linguagem escripta*

1º — Dictados.

2º — Exercícios de analyse grammatical e logica.

3º — Exercícios de correção de sentenças e palavras erradas.

4º — Reprodução de assumptos desenvolvidos pelo professor.

5º — Reprodução de assumptos de outras aulas.

6º — Redacção de cartas, officios, requerimentos, recibos e procurações.

7º — Reducção de verso a prosa.

EXERCICIOS CALLIGRAPHICOS: Calligraphia vertical e exercicios livres.

As escolas Complementares tem o seguinte programma de portuguez:

Palavra — syllaba — monosyllabo, dissyllabo, trisyllabo, polysyllabo. Letra e phonema.

Vogaes e consoantes. Vogal oral e nasal.

Distinctivos da vogal. Consoante, seus distinctivos.

Grupos vocalicos. Diphthongos, triphthongos, semiditongos, hiatos.

Grupos consoantaes. Letras dobradas, digrammas.

Sons proprios e accidentaes do s; sons do x; sons brando e forte do r, do g e do c.

Consoantes sonoras e insonoras.

Accento tonico, accents graphicos. Syllaba tonica, atona. Oxytonos, paroxytonos, proparoxytonos.

Regra pratica do agudo e do circumflexo.

Synthese a materia exposta; phonologia, suas divisões — phonetica, prosodia, orthographia).

Conhecimento do substantivo, adjectivo, pronome e verbo

Flexões do substantivo, adjectivo e pronome.

Divisão do substantivo: appellativo, proprio, simples, composto e collectivo.

Divisão do adjectivo: qualificativo e determinativo.

Subdivisão do adjectivo: restrictivo, demonstrativo, explicativo, conjunctivo, interrogativo, possessivo, indefinido, articular.

Divisão do pronome: pessoal, adjectivo.

Subdivisão do pronome: recto, obliquo, demonstrativo, conjunctivo, interrogativo, indefinido, etc.

Ligeiro conhecimento do sujeito e do predicado.

Verbo: conjugação, themas e flexões verbaes, modos infinitivos e finitos; tempos primitivos, tempos derivados, tempos simples, tempos compostos.

Divisão e minucioso estudo dos verbos quanto á conjugação; regulares e irregulares, auxiliares, defectivos (pessoaes, passivos, reflexivos, pronominaes, accidentaes, essenciaes, reciprocos e neutros).

Divisão dos verbos quanto á significação: augmentativos, diminutivos, imitativos e frequentativos.

Synthese da materia exposta: taxionomia, flexionismo, categorias flexivas.

Prefixos.

Suffixos dos diminutivos, dos augmentativos, do plural, dos participios, thema dos diminutivos, dos superlativos, dos pluraes, etc.

Vocabulos primitivos e vocabulos derivados; compostos por justaposição, por prefixação, por agglutinação, derivados proprios e derivadas improprios.

Synthese da materia explicada; morphologia.

Emprego da maiuscula. Regra pratica para a formação do plural dos diminutivos.

Ensaio sobre o plural dos nomes de tonica fechada.

Divisão da grammatica: lexiologia e syntaxe. Subdivisão da lexiologia; phonologia, morphologia, taxionomia.

Linguagem: falada, escripta, mimica.

Lingua: viva, morta, extincta.

## PRATICA

Leitura expressiva, e explicação pelos alumnos, de um trecho lido; synonymia dos termos occorrentes; dictados.

Exposição e descripções faceis. A correção se fará na aula e o professor commentará o trabalho de cada alumno, assignalando os defeitos e suggerindo erratas.

Um mesmo tema deve ser repetido duas ou mais vezes consecutivas até resultado satisfactorio. Analyse lexiologica das categorias variaveis.

Ora o alumno, no Grupo Escolar aprende, a divisão do periodo em orações e a sua classificação; deve ter conhecimento elementar completo do sujeito, predicado e complementos, deve applicar os conhecimentos de analyse syntactica relativos á concordancia, regencia, e collocação.

Entretanto — terminando o curso primario — ingressa no 1.º anno complementar onde ha poucos pontos dessa natureza : — Ligeiro conhecimento do sujeito e predicado.

Na parte pratica só se exige delle analyse lexicologica das categorias variaveis, quando no grupo já estudou as categorias invariaveis e teve noções de regencia, concordancia e collocação.

Só no segundo anno Complementar é que se estuda as categorias invariaveis e analyse logica, conforme se pode notar do programma:

«Sujeito, predicado, complemento.

Periodo simples e periodo composto (conhecimento pratico).

Preposição, conjuncção e adverbio.

Estudo comparativo de suas funcções.

Conjuncções coordenativas e conjuncções subordinativas.

Divisão dos verbos quanto ao complemento: transitivos (directos, relativos, objectivos), intransitivos e de ligação ou attributivos.

Coordenação e subordinação.

Oração principal e orações secundarias.

Signaes de subordinação.

O estudo especial dos complementos.

Divisão das orações quanto á funcção syntactica (subjectiva, objectiva, predicativa, attributiva, circumstantial); quanto ao connectivo (relativa, conjuncional, indefinida, infinitiva); quanto á natureza ou funcção grammatical (substantiva, adjectiva, adverbial).

Concordancia do verbo com o sujeito: regra geral e casos particulares.

Concordancia do predicado nominal e pronominal com o sujeito.

Confronto entre a lexicologia e syntaxe.

### PRÁTICA

Emprego de pessoas grammaticaes no tratamento epistolar, no dialogo e no oratorio: manutenção e uniformidade dos pronomes pessoaes e de reverencia e dos adjectivos possessivos correspondentes.

Ensaio de concordancia do verbo com um sujeito composto de diferentes pessoas grammaticaes.

Imperativos, positivo e negativo.

Descripções de scenas da natureza, por exemplo: o nascer do dia, uma noite de luar; e de impressões subjectivas, por exemplo: a volta ao lar, um pobre, etc.

Cartas de amizade (repetidas até resultado satisfactorio)  
Analyse laxiologica, principalmente das particulas.  
Analyse syntactica.

—  
Outra anomalia que devemos considerar:

O programma de geometria do 3.º anno Complementar unico do curso em que se lecciona esta materia é o seguinte:

1.º — Corpo linha, superficie, ponto.

2.º — Linhas perpendiculares, obliquas paralelas.

3.º — Angulos.

4.º — Triangulos, quadrilateros, polygonos em geral. Calculos de area.

5 — Circulo. Medida da circumferencia. Area do circulo.

Nota — O estudo será dado do modo mais pratico possível e com grande abundancia de exercicios.

Esta materia é ensinada nas Escolas Complementares para integrar-lhes o programma. É estudada na Escola Normal com mais desenvolvimento e sob ponto de vista diverso.

Afim de melhor se fazer o confronto que deseamos, transcrevemos, os programmas dos 3.º e 4.º anno dos Grupos Escolares.

### PROGRAMMA DO 3.º ANNO

1.º — Construcção, por meio de instrumentos, de perpendiculares, paralelas, angulos, triangulos, quadrilateros. Divisão de uma recta em partes iguaes.

2.º — Conhecimento pratico e traçado da circumferencia e de suas linhas.

3.º — Conhecimento pratico e traçado do circulo de suas partes.

4.º — Modos praticos de construir polygonos regulares.

5.º — Avaliação dos graus dos angulos.

6.º — Avaliação das areas dos triangulos e dos quadrilateros em geral.

Nota — Abundantes exercicios praticos, para desenvolver o raciocínio. Calculos numerosos de accordo com os conhecimentos arithmeticos dos alumnos.

Os exercicios de avaliação de areas deverão ser feitos sobre superficies, que devem ser medidas pelos alumnos. Exemplos: avaliar a superficie do tampo da mesa, de capas de livros, do soalho, da sala, do pateo, de polygonos desenhados no quadro negro, etc."

PROGRAMMA DO 4º ANNO

- 1º — Polygonos regulares e irregulares; construcção e avaliação de suas areas,
- 2º — Relação entre o diametro e a circumferencia; o valor de PI.
- 3º — Formula da area do circulo.
- 4 — Avaliação do volume dos prismas, pyramides, cylindros e cones.
- 5º — Superficie e volume da esphera.

Nota — A medição dos corpos deve ser feita directamente pelos alumnos, em exercicios abundantes e variados.  
Exemplos: avaliar a capacidade de uma sala, de um caixão, de uma gaveta, de latas quadradas e cylindricas, de esp'heras, etc'.

Não ha negar, pelo exposto, que o programma dos Grupos Escolares nesta disciplina, é muito mais desenvolvido do que o da Complementar.

Nota-se tambem que muitos pontos de geographia do 1º anno são repetidos no segundo, tomando assim o tempo necessario ao desenvolvimento do referido programma.

No programma dos 4º annos dos Grupos Escolares ha os seguintes pontos:

Ponto I — Brasil — Limites, linhas divisorias, superficie, população. Comparação do territorio e da população do Brasil com os de alguns paizes. Produções. Principaes productos de exportação.

Commercio e portos principaes. Estradas de ferro principaes. Montanhas, rios, portos, ilhas, etc. bacias principaes. Divisão do Brasil em cinco regiões naturaes.

2º Ponto — De cada Estado — limites politicos, população aproximada, comparação da superficie com a de paizes estrangeiros, portos, cidades principaes.

Comparemos a materia exigida no programma da referida disciplina acima com a que deve ser ministrada no 1º anno Complementar.

10º — Ponto — Brasil, posição, paizes limitrophes, aspecto e clima. Montanhas, rios, lagos, cabos, bahias, ilhas. Divisão do pais em cinco regiões naturaes. Divisão administrativa.

11º — Ponto — Estudo discriminado dos Estados: ca-

pitaes e cidades principaes, aspecto e clima, produções, vias de comunicação.

Verifica-se, pois, pelo que acima transcrevemos, que o alumno do curso primario recebeu ensinamentos mais completos do Brasil do que o promovido ao segundo anno do Curso Complementar.

Os programmas provisorios, adoptados em 1924 para cumprimento do decreto nº 1072, de 12 de janeiro de 1924, decreto este que foi revogado pelo nº 2035, de 2 de março do corrente anno, apresentavam uma sobre carga de materia que muito prejudicou a marcha do ensino nas complementares, e não modificarem as falhas acima apontadas; os programmas das referidas materias ficaram sendo os mesmos, apenas foram accrescidas novas materias.

Que interesse pode ter o alumno do 1º anno Complementar em estudar ligeiras noções sobre o sujeito e predicado, quando no 4º anno do curso primario dividiu o periodo em orações e as classificou e achou a relação entre os termos das orações designando o sujeito, predicado e complementos.

Temos ouvido muitas vezes, nas inspecções escolares, queixas dos docentes das Escolas Complementares sobre a falta de interesse aos estudos manifestada pelos alumnos.

E' claro que tal deva acontecer, pois «Despertar a curiosidade innata ao homem e vivacissima ao menino, eis o primeiro empenho do professor num methodo racional.

Da curiosidade nasce a attenção, da attenção a percepção e a memoria intelligente. Ensinar a quem não tem a curiosidade de aprender é semear num campo que não arrou» (Ruy Barbosa — Parecer sobre a reforma do Ensino Primario apresentado á Camara dos Deputados em 12 de setembro de 1882).

«Entiende-se por doctrina o ensenanza la transmission de aquello que uno conoce a que no lo conoce. (Vives — Tratado del Alma).

Roehrich analysando a modalidade da attenção denominada *espontanza aperceptiva*, estabelece quatro leis curiosas que vem ao encontro do assumpto tratado.

I — Para que haja apercepção é necessario que ás antigas associações de idéas venham juntar-se uma ou algumas noções novas.

II — Para que se produza um phenomeno de attenção aperceptiva, é necessario que as noções novas sejam semelhantes às antigas, porque as coisas absolutamente novas não prendem a attenção.

III — As noções novas devem ligar-se ás noções adquiridas, por meio de transições feitas de noções intermediarias que formem uma serie ascendente de esclarecimentos successivos.

IV — Entre dois pontos culminantes da attenção é necessario deixar um tempo de repouso.

Estas leis são para o professor um instrumento precioso do qual se deve utilizar para conseguir que seus alumnos o sigam no desenvolvimento do ensino de suas disciplinas.

Si, porem os alumnos que terminaram o curso primario nos nossos grupos escolares e se matricularam no 1º anno Complementar, tem conhecimentos mais amplos em certas materias, como vimos, do que se lhe exige no novo curso, poderá o professor conseguir desses a attenção exponente aperceptiva ?

Si o professor não lançar mão dos meios racionais para transmittir os ensinamentos obterá resultados reaes que satisfaçam as exigências da mente de seus educandos e os preparem para a vida ?

Merece tambem a consideração a distribuição das materias pelos tres annos das Escolas Complementares; a actual não obedece a um plano pedagogico.

Augusto Conte classificou as sciencias observando o principio da complexibilidade crescente e da generalidade decrescente.

«Na natureza os phenomenos mais simples são os mais geraes; toda ordem de existencia superior suppõe, como condição as ordens de existencia — mais simples e mais geraes; a difficuldade de conhecer augmenta a razão directa da complexidade dos phenomenos.

A classificação do philosopho francês é na verdade, rigorosamente objectiva, e até certo ponto representa a propria ordem pedagogica» (Jonathas Serrano — Classificação das sciencias) Eis a classificação do Conte: — Mathematica — Physica chimica — biologia — sociologia.

A organização actual do programma obedece a esta classificação a qual o professor Jonathas Serrano, diz ser

rigorosamente objectiva e até certo ponto representar a propria ordem pedagogica ?

Com o programma actual póde o professor applicar as leis de Roehrich acima citada ?

Pensamos que não seja possível.  
Natura non fecit saltus !

### CONCLUSÕES

I — Ha necessidade de se modificar os programmas das Escolas Complementares, organizando-os de modo mais perfeito.

II — Urge simplificar os dos Grupos Escolares, afim de seriá-los devidamente, ou ampliar os das Complementares de modo que o ensino nestes estabelecimentos seja o complemento dos conhecimentos adquiridos nos cursos primarios.

III — Convem distribuir as disciplinas pelos annos do curso de modo racional e pedagogico.

IV — Devemos incluir nas Escolas Complementares o ensino de educação moral e cívica.

V — Melhorar a docencia das referidas Escolas Complementares melhorando seus vencimentos.

Ass. — *Luís Sanches Bezerra da Trindade*, Inspector Escolar.

### Tabella das Aulas Semanaes

PRIMEIRO ANNO	SEGUNDO ANNO	TERCEIRO ANNO	
Português	6	5	Português 4
Arithmetica	6	3	Arithmetica 3
Geographia	4	3	Histor. Natural
Educação	2	2	Zool. Hyg. 4
Musica	2	3	Botanica 2
Desenho	2	2	Phys. e Chim. 2
Trabalhos	2	2	Hist. do Bras. 3
Gymnastica	1	2	Geometria 2
		2	Musica 1
		1	Desenho 1
		2	Trabalhos 2
		1	Gymnastica 1

## PROGRAMMAS

Educação Moral e Civica — 1º anno.

### COMPLEMENTAR

1º — DEVERES PARA COM O CORPO: — Asseio Temperança. A simplicidade no traje. O alcool e o fumo.

2º — DEVERES PARA COM A ALMA.

3º — DEVERES PARA COM A INTELLIGENCIA: O dever de instruir-se e aperfeiçoar-se. A sinceridade. A mentira.

4º — DEVERES PARA COM A VONTADE: — A dignidade pessoal. A modestia. A paciencia. A resignação. A perseverança. O valor nas batalhas e o valor na vida diaria. A iniciativa. A colera. A avareza. A imprevidencia. A paixão do jogo. A preguiça. A vaidade. O trabalho e suas relações com a felicidade e com a liberdade.

5º — DEVERES PARA COM A FAMILIA: — A familia é o fundamento da sociedade. Deveres para com os paes. Deveres para com os irmãos.

6º — DEVERES NA ESCOLA: — Assiduidade, applicação, comportamento, lealdade. Deveres para com os mestres e condiscipulos.

7º — O ESCOTISMO E SUAS VANTAGENS: — Sua organização.

### 2º ANNO

1º — DEVERES PARA COM A PATRIA: — A Patria.

O primeiro dever do cidadão é amar honrar, e servir sua Patria. Obediencia e respeito ás autoridades. Necessidade do imposto. O serviço militar. O dever de votar. Principaes serviços publicos. Dever dos cidadãos de cooperar nelles. A conservação das estradas.

2º — DEVERES PARA COM OS HOMENS EM GENERAL OU DEVERES SOCIAES: — A sociedade é necessaria e indispensavel para sua segurança e progresso indefinido. Os deveres de caridade e justiça repousam sobre as maximas: «Não faças a outrem o que não queres que te façam;» «faze aos outros o que queres que te façam.» A necessidade da cooperação entre os individuos e entre os povos. Cooperação nas sciencias, nas artes, na industria, no commercio. Respeito á vida humana. Direito de legitima defesa.

A guerra. Respeito á liberdade humana. Liberdade de consciencia e de pensamento. Respeito á propriedade. O roubo. Respeito á dignidade alheia. A calunnia. A diffamação. A maledicencia. Deveres de caridade. Caridade publica e privada. Sociedades de beneficencia.

4º — DEVERES PARA COM DEUS: — A idèa da existencia de Deus entre todos os povos. Sentimento de respeito, veneração e gratião que devemos ao Creador de todas as coisas. O Decalogo.

### GEOGRAPHIA

Para o 4º anno dos Grupos Escolares.

1º — Brasil — limites, linhas divisorias, superficie, população, produções, portos, principaes. Estradas de ferro principaes. Montanhas, rios, ilhas etc. bacias principaes. Divisão do Brasil em cinco regiões naturaes.

2º — De cada Estado — limites politicos, população approximada, portos, cidades principaes, produções.

3º — Continentes, partes do globo, oceanos. Comparação entre aguas e terras. Os oceanos e seus limites. O aspecto dos países situados na zona torrida, e nas temperadas e frigidias. Clima, influencia da latitude, ventos, correntes maritimas.

4º — Países da America — nomes e capitães, cidades principaes, países limitrophes.

5º Países da Europa — nomes e cidades principaes. Conhecimento no mappa e no globo.

6º — Estudo mais desenvolvido do systema planetario. Planetas, cometas, bolidos. Estrellas fixas.

Nota: Viagens simuladas pelas partes estudadas. Exercícios cartographicos dos pontos ensinados. Fazer mappas dos Estados do Brasil correspondentes á divisão em 5 regiões.

Para o 1º anno da Escola Complementar

1º — Definição e divisão da geographia. Geographia physica, astronomica, politica.

2º — Geographia astronomica. A Terra, seus movimentos e forma. A inclinação do eixo sobre o plano da ecliptica. O dia e a noite.

O anno, as estações o calendario. Annos communs bissextos e seculares. Movimentos apparentes do Sol. Climas e causas que os modificam.

3º — Estrellas fixas, astros opacos, constellações nebulosas. O nosso systema solar. O sol, planetas, cometas, satellites, bolidos, aerolithos. Eclipses. Marés.

4. — Equador, parallelas e meridianos, tropicos, circulos polares, eixo da Terra, polos, zonas.

5º. — Dimensão dos meridianos. Medidas derivadas dessa dimensão. Metro, Milha e legua maritimas.

6º. — Noções summarias sobre a representação da superficie da Terra. Globos e mappas. A escala dos mappas.

7º. — Definições de geographia physica. Continentes e oceanos. As cinco partes do mundo.

8º. — Geographia physica e politica do Estado de Santa Catharina. Posição, limites, superficie e população, aspecto, clima, montanhas, rios, lagos, bahias e enseadas, cabos, pontas, ilhas. Divisão administrativa e judiciaria: municipios, comarcas, districtos de paz. Cidades, villas e principaes povoações.

9º. — Organização do Governo do Estado. Os tres poderes; sua composição e attribuições. Organização do governo municipal. Os seus dois poderes. As armas do Estado.

10º. — Estado de Santa Catharina. Portos, rios navegaveis, linhas de navegação, estradas de ferro e de rodagem. Principaes productos de exportação. Importação, sua especie e origem.

11º. — Brasil. Divisão administrativa. Posição, limites, linhas divisorias, superficie, população. Comparação do territorio e da população do Brasil com os de alguns países. Aspecto e clima. Produções. Principaes productos de exportação. Commercio e portos principaes. Estradas de ferro principaes. Montanhas, rios, portos, lagos, ilhas, cabos, bahias, bacias principaes. Divisão do Brasil em cinco regiões naturaes

Para o 2º. anno Complementar.

1º — Estudo descriminado dos Estados do Brasil: Limites politicos, superficie e população, comparação da superficie com a de países estrangeiros, capital e cidades principaes, aspecto, clima, portos, produções, principaes vias de comunicação.

2º — Raças humanas. Religiões. Formas de governo e estados sociaes. Linguas.

3º — America. Geographia physica e politica.

4º — Europa. Idem.

5º — Asia. Idem

6º — Africa. Idem

7º — Oceania. Idem

### Programma para a Escola Complementar

#### Physica e Chimica

##### 2º ANNO

##### PHYSICA

1º — Physica, sua definição e importancia. Corpo e materia. Phenomeno physico. Conservação e experimentação.

2º — Estados physicos dos corpos, Propriedades geraes da materia.

3º — Estudo das alavancas.

4º — Attractão universal; estudo da gravidade. Queda dos corpos. Equilibrio dos corpos solidos.

5º — Peso e densidade: balanças.

6º — Equilibrio dos liquidos e suas applicações. Principio de Archimedes, equilibrio dos corpos mergulhados e fluctuantes.

7º — Capillaridade e applicação dos phenomenos capillares.

8º — Gazes e suas propriedades geraes.

9º — Atmosphaera e pressão atmospherica. Barometros. Machinas pneumaticas e de compressão. Bombas e siphões.

##### CHIMICA

1º — Importancia da chimica. Phenomeno chimico. Definição de chimica. Sua divisão.

2º — Corpos simples e compostos. Atomos e moleculas. Affinidade e cohesão.

3º — Mistura, combinação e decomposição.

4º — Notações chimicas. Representação dos corpos compostos.

##### 3º ANNO

##### PHYSICA

1º. — Estudo do calor. Dilatação dos corpos. Thermometros. Mudança de estado. Fusão e dissolução. Evaporação e ebulição Liquefação. Solidificação.

2º. — Machinas thermicas, machinas a vapor.

3º. — Luz e sua propagação, velocidade e intensidade.

Reflexão da luz, espelhos. Dispersão da luz. Refracção da luz. Instrumentos de optica.

4º. Som, sua producção, velocidade e propagação. Considerações sobre os sons da musica.

5º. — Considerações geraes sobre a electricidade. Machinas electricas. Pilhas. Effeitos das correntes.

6º. — Imans e magnetismo.

7º. — Idéas geraes sobre a meteorologia e climatologia.

### CHIMICA

1º. — Noções geraes sobre o oxygenio. Ozona.

2º. — Noções geraes sobre o hydrogenio.

3º. — Estudo da agua.

4º. — Noções geraes sobre o azoto.

5º. — Estudo do ar atmospherico.

6º. — Noções geraes sobre o carbonio.

7º. — Estudo geral de alguns metaes e metalloides.

Ass. — *Luís Sanches Bezerra da Trindade*, Inspector Escolar.

Florianopolis, 24 de junho de 1927.

### PARECER N.º 25

As theses nos. 4 e 5, a la. de autoria do professor Germano Wagenführ e a 2ª. do inspector escolar sr. Luís Trindade, versam sobre o seguinte:—« *Ha vantagem em descongestionar o ensino normal e o complementar, no Estado, do acervo de disciplinas que os compõem?* O trabalho offercido pelo professor Wagenführ traduz criterio pedagogico consentaneo com as theorias vencedoras; é, porem, apenas doutrinario, um tanto impreciso; ao passo que a do inspector Trindade, vasado em moldes empiricos, é trabalho de utilidade pratica immediata e corresponde, na realizade, a uma das mais prementes necessidades do aparelho escolar catharinense.

Do paciente estudo comparativo das disciplinas ensinadas nos cursos elementar e complementar, feita pelo autor, evidencia-se um defeito capital dos programmas: é que correspondem á finalidade do ensino ministrado nos grupos escolares e escolas complementares, pois, como determina o decreto n.º. 604, de 11 de junho de 1911, reproduzido pelo autor, as escolas complementares tem por fim completar o ensino

dos grupos escolares e facilitar o acesso á Escola Normal. O autor demonstra que não existe uma sequencia logica entre os dois programmas, resultando dahi o absurdo de, na maioria das materias, ser o estudo nos grupos escolares mais elevado que nas escolas complementares.

E o professor Trindade soluciona perfeitamente o problema da ligação que deve existir entre os dois cursos, offerecendo, annexo ao trabalho apresentado, um programma para grupos escolares e escolas complementares de modo satisfactorio. Esse programma refere-se á Educação Moral e Civica e Geographia physica e chimica.

O autor demonstra que a maior disparidade se verifica entre os programmas de geometria dos dois cursos, pois os dos grupos escolares são muito mais desenvolvidos que os das escolas complementares.

Opina, ainda, o autor pela introducção, nos programmas do curso complementar, de mais uma materia: educação moral e civica — o que applaudimos vivamente, considerando que essas disciplinas só podem concorrer para mais completo preparo da docencia.

O autor começa seu trabalho declarando que « ha actualmente nas escolas complementares apenas dois lentes, cuja nomeação obtiveram depois de se submeterem ao concurso exigido pelo regulamento » extendendo-se em outras considerações tendentes a demonstrar que a docencia nas escolas complementares não está satisfazendo ás exigencias do curso. São muito procedentes essas observações. E' obvio que somente com a observancia dos regulamentos, haverá docencia idonea.

As conclusões a que chegou o autor, e que se encontram no trabalho proposto, teem a vantagem de synthetisar perfeitamente toda a materia, e devem, portanto, ser adoptados.

Sala das sessões, 6 de agosto de 1927. — (Ass.) *Marcilio Dias de S. Thiago — Barreiros Filho — Pe. F. X. Zartmann, Raja Gabaglia.*